

EDUCAÇÃO

PUBLICAÇÃO MENSAL

Iniciada em Outubro de 1927

S. PAULO - BRASIL

SUMMARIO

A III CONFERENCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO		3
Prof. FERNANDO MAGALHÃES	Combate ao analfabetismo na zona rural (these e parecer)	78
Cathedratico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Da Academia Brasileira de Letras. Membro do Conselho Superior do Ensino		
Prof. ERASMO BRAGA	Finalidade do ensino secundario (these).....	84
Secretario executivo da comissão de cooperação evangelica do Brasil. Ex-Lente de Inglês do Gymnasio Estadual de Campinas		
Prof. G. A. BARBOSA DE OLIVEIRA ...	A orientação escolar e as vocações profissionaes	94
Lente da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro. Director da Escola Normal de Artes e Offícios Wenceslau Braz. Da Associação Brasileira de Educação		
Prof. SUD MENNUCCI	O ensino do vernaculo nas escolas primarias	107
Da Redacção de "O Estado de São Paulo". Membro da Academia Paulista de Letras. Director do Gymnasio Moura Santos. Ex-Delegado Regional do Ensino, em Campinas e Piracicaba		
Prof. A. F. PROENÇA	Planos de lições primarias . 136 Colleccionação de insectos .. 143	
Inspector Geral de Ensino. Ex-Docente das Escolas de Guaratinguetá, Piracicaba e São Carlos. Ex-Director das Normaes de Pirassununga e São Carlos e Gymnasio Estadual de Campinas.		
INFORMAÇÕES — RESPOSTAS A CONSULTAS		145-157
ATRAVÉS DE REVISTAS E JORNAES — Uma brilhante e eficiente revista do ensino paulista — Methodos de ensino — Pictus orbis — O cinema e a saude da nossa raça — Liga internacional pela educação nova — Festa civica — A instrucção e sua influencia na vida dos campos — Estatutos da Liga de Bondade do Grupo Escolar de São João da Bocaina		
		158-168

É obsequio não demorar as reclamações. Para facilitar o trabalho de remessa, seria de grande vantagem que os srs. assignantes communicassem, sempre, suas novas residencias á Redacção, evitando, desta forma, o desvio da correspondencia que lhes é remetida. Enviar endereços claros.

Procurando cumprir o seu programma, **Educação** espera merecer o apoio efficaz de todos os professores. E' facultado aos mesmos collaborar na Revista, desde que submettam os seus trabalhos ao juizo da Commissão de Redacção.

Para melhor attender aos seus fins, a Redacção receberá consultas sobre questões referentes ao ensino, bibliographia pedagogica, revistas congeneres do paiz e do estrangeiro, fornecendo aos srs. assignantes as informações que solicitarem neste sentido. Taes consultas serão absolutamente gratuitas.

Assignatura annual: 20\$000 — Numero avulso: 2\$000.

Enviar toda a correspondencia para:

Redacção da Revista Escolar EDUCAÇÃO
Na Directoria Geral da Instrucção Publica

SÃO PAULO

Travessa da Beneficencia Portuguesa, n.º 1

EDUCAÇÃO

ÓRGÃO DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA
E DA SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO

VOLUME IX
OUTUBRO-DEZEMBRO, 1929



COMMISSÃO DE REDACÇÃO:

Pela Directoria Geral da Instrucção Publica

DR. AMADEU MENDES

PROF. JOÃO TOLEDO

DR. CARLOS DA SILVEIRA

Pela Sociedade de Educação:

DR. ANTONIO DE SAMPAIO DORIA

DR. MARIO DE SOUZA LIMA

A III CONFERENCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ORGANIZAÇÃO E PROGRAMMA

Como é do dominio publico, as Conferencias Nacionaes de Educação foram instituidas por inspiração e sob o patrocínio da A. B. E. (Associação Brasileira de Educação).

A primeira reuniu-se em Curitiba, em 1927; a segunda em Bello Horizonte, em 1928. Na ultima sessão plenaria da II Conferencia reunida na capital mineira, ficou estabelecido que a III inauguraria seus trabalhos a 7 de Setembro do corrente anno e teria por séde a nossa Capital.

“O Governo de São Paulo resolveu conceder todo o seu prestigio, ordenando completas diligencias, para que a III Conferencia Nacional de Educação tenha, na Capital Paulista, a significação que lhe empresta o programma que a A. B. E. tão patrioticamente procura defender e propagar.” Taes palavras escriptas por Fernando Magalhães, foram completamente confirmadas pelos factos.

As diligencias ordenadas iniciaram-se por um convite ao preclaro então presidente da A. B. E., para, de commum accordo com a Directoria Geral da Instrucção Publica, estabelecer as bases da III Conferencia. Desse entendimento resultou ficar a Directoria Geral incumbida de fazer a propaganda da Conferencia, receber as adesões e as theses, assim como organizar um programma de festas com que deveriam ser recebidos os delegados officiaes e demais conferentes.

Em mutua collaboração, a D. G. I. P. e a A. B. E. organizaram o programma da III Conferencia publicado pela imprensa diaria do paiz, distribuido em avulsos e reproduzido em o nosso numero de Março do anno corrente.

A comissão executiva ficou assim constituída :

Dr. José de Freitas Valle, dr. José Valois de Castro, dr. Hilario Freire, dr. José Soares Hungria, dr. Virgilio de Carvalho Pinto, dr. Waldomiro de Oliveira, dr. Geraldo Horacio de Paula Souza, dr. Pedro Dias da Silva, dr. Rodolpho Santiago, dr. João Pedro da Veiga Miranda, dr. Edmundo de Carvalho, dr. Francisco Figueira de Mello, dr. Carlos da Silveira, professora d. Hortencia Pereira Barreto, professora d. Clotilde Celina Kleiber, professora D. Maria José Wagner, professor Sud Mennucci, professor João Toledo.

ADESÕES, — Como já ficou dito, mercê da efficacia com que se levou a effeito a propaganda da III Conferencia Nacional de Educação, grande foi a numero de adesões recebidas.

Quasi todos os Estados, conforme veremos a seguir, enviaram brilhantes delegações.

AMAZONAS: — Senador Americo de Campos e consul de 1.^a classe dr. Ildefonso Marinho.

PARÁ: — Dr. Oswaldo Orico. . .

PIAUIHY: — Dr. José Pires de Carvalho.

CEARÁ: — Dr. Joaquim Moreira de Souza.

RIO GRANDE DO NORTE: — Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, dr. José Garibaldi Dantas.

SERGIPE: — Dr. Antonio de Campos Oliveira.

PERNAMBUCO: — Dr. A. Carneiro Leão.

BAHIA: — Dr. Anysio Spinola Teixeira, dr. Joaquim Ignacio Tosta, Dr. Isaias Alves de Almeida.

ESPIRITO SANTO: — Dr. Ubaldo Ramallete.

RIO DE JANEIRO: — Prof. Leoni Kaseff.

DISTRICTO FEDERAL: — Dr. Frota Pessoa.

PARANÁ: — Lindolpho P. C. Marques, prof. Raul Gomes, dr. Hostilio C. S. Araujo.

SANTA CATHARINA: — Dr. Joaquim Ferreira Lima.

MATTO GROSSO: — Prof. José Rizzo.

GOYAZ: — Joaquim Guedes de Amorim.

MINAS: — dr. José Eduardo Fonseca, dr. Lucio José dos Santos, dr. Iago Pimentel, dr. Abgar Rénault, dr. Gustavo Capanema e professor Firmino Costa.

A Associação Brasileira de Educação enviou os seguintes representantes :

Dr. Fernando de Magalhães, dr. Mello Leitão, d. Lucia Magalhães, dr. Carlos Barbosa de Oliveira, dr. Carlos Delgado de Carvalho, d. Cacilda Martins, d. Carlota Lyra da Silva, dr. Gustavo Lessa, dr. Salvador Froes, dr. Plinio Clinho, dr. Edgard Sussekind, dr. Euclides Roxo, dr. Decio Lyra da Silva e d. Laura Lacombe.

Além das delegações dos Estados e da A. B. E., aderiram á Conferencia os seguintes srs. :

Dr. Henrique Geenen, professor Clemente Quaglio, dr. João Cruz Costa, prof. Emilio M. Pinho, (Instituto 15 de Novembro), Luiz Paschoal Filho (Externato "Machado de Assis"), (Dario Lintz) (Escola "Dario Lintz"), professor Evilasio Antonio de Souza (Jaboticabal), dr. Raul Romano (Gymnasio Independencia), d. Blandina Ratto (Collegio Stafford), dr. Alexandre Corrêa, dr. L. Van Acker, dr. Mario de Souza Lima, dr. J. Lino de Mattos (Gymnasio Nacional de Sciencias e Letras), prof. Alfredo Aloe, prof. Francisco Oliveira Junior (Pedreira), professor Lauro T. Barros (São Pedro), d. Zaida F. Amaral (São Pedro), prof. João B. da Fonseca (Santa Cruz da Estrella), professor José de Mello (São Luiz de Parahytinga), dr. Raul Briquet, dr. Americo de Moura, dr. Jairo Bueno de Camargo, dr. Reynaldo Ribeiro, professor Gastão Strang, professor Raul Avila Macedo, dr. Antonio Piccarolo, dr. Francisco Izoldi, d. Ludgero Jaspers (Gymnasio São Bento), professor Sebastião Almeida Salles, professor Frederico S. Ramos (Piquete), dr. Mario Pinto Serva, dr. Mendes de Castro, dr. J. Vieira de Macedo, d. Maria Antonieta de Castro, d. Alzira Gomes, d. Sebastiana Sampaio, d. Carolina Coelho Rego Rangel, professora Maria Delphina Cardoso, d. Aurelina Rocha Marcondes (Sociedade Protectora dos Animaes), d. Zizi Moreira, professor Julio Penna (Escola Normal Livre de Itu'), professor Renato Jardim, dr. Aloysio de Castro (Departamento Nacional de Ensino), dr. João M. Muniz Aragão (Departamento Nacional da Saude Publica), professor Maximiliano Ximenez, professor Balthazar G. Moreira (Piratiniga); dr. A. Almeida Junior, dr. Roldão L. de Barros, professor Saverio Christoforo (Lyceu Nacional Rio Branco); professor Octavio H. de Mello (São Pedro), professor Joviniano Pinto (Araras), d. Euryce P. Caldas (Santos), professor Gilberto Galvão (Catanduva), professor Romulo de Mello (Tau-

baté) padre frei Damião (Rio Negro) — Amazonas —, dr. C. T. Stewart (Mackenzie College), dr. Ferruccio Rubbiani (Rivista Degl'Italiani), dr. Carlos B. de Oliveira (Universidade do Rio de Janeiro), dr. Mario Britto, professor Raul Gomes (Associação Paranaense de Educação), professor Oswaldo Pilotto, professor Luiz Cezar, prof. Raymundo Mendes, prof. Britto Pereira, prof. Antonio Eleudoro, prof. Francisco Stobbia, (Paraná); dr. Ezequiel M. Leme, dr. Domingos da Cunha, dr. Fernando da Silveira, dr. J. Leuzinger, dr. Granadeideiro Junior, dr. Calvino Filho, dr. Nascente Coelho, dr. Alonso de Souza, dr. Francisco Branco, dr. Vianna Junior, dr. Virgilio Uzeda, dr. Paulo Veloso, dr. Oscar Chermont, dr. Eurydes Roméro, dr. Hildebrando Portugal, dr. Carvalho de Mendonça, dr. Eugenio de Souza, dr. Sylvio Bocanera (Rio de Janeiro); professor Agenor Medeiros, (São Simão); dr. Nery Gonçalves, professor Andronico de Mello, (Itatiba); dr. Oscar Machado de Almeida, prof. Virgilio Alves da Rocha (Guaratinguetá); Joaquim Gervasio Figueiredo (Collegio Pedro II); d. Benedicta P. da Silva, d. Benedicta A. Pedroso, prof. Reynaldo Kuntz, (Escola Normal Livre de Piracicaba); dr. Durval Marcondes, dr. Haroldo Reis, dr. Silvestre Passy, prof. Maximo M. Santos (Gymnasio Moura Santos); prof. Climerio G. Cesar, (Guaratinguetá); prof. Arthur C. Gonçalves, prof. Ignacio Cipolli, prof. Carlos A. Bittencourt, dr. René Thiollier, dr. Alcino Braga, dr. Wladimir Kehl, dra. Carmela Juliani, dra. Margarida Camargo Barros, dr. Lucas V. Catta Preta, dr. Manuel M. A. Sucupira, dr. Francisco Pedroso de Camargo, dr. Costabile B. Comenale, dr. A. Sampaio Doria, (Faculdade de Direito); dr. Licinio Cardoso, (Federação Nacional das Sociedades de Educação); dr. Mario Britto, d. Celina Padilha, prof. Leon Walther, (Universidade de Genebra e Inst. J. J. Rousseau de Genebra — Suissa); dr. Dante Isoldi, Associação Brasileira de Educação, Departamento da Bahia, (representado pela Delegação do Estado); Galaor Nazareth de Araujo, Antonio Firminio de Proença, Cesar Prieto Martinez, Armando Bayeux da Silva, Octavio da Costa Silveira, Augusto Ribeiro de Carvalho, Felix de Otero, Francisco Jarrussi, Cassio Bittencourt, Benedicto Ferreira da Costa, Oscar Guilherme Christiano, Eusebio de Paula Marcondes, Fernando Paes de Barros, Antonio Primo Ferreira, Francisco Lopes de Azevedo, Antonio Luiz Schiavo, Anisio Novaes, Frederico Domingues, José de Salles, Affonso Sette, José Francisco

Marcondes, João Miguel do Amaral, João de Arruda, Francisco Roswell Freire, Quintiliano José Sitrangulo, João Teixeira de Lara, Nicanor de Paula Arruda, Eurico Ferreira de Mello, Benedicto de Campos, Luiz Gonzaga da Costa, Lazaro Gonçalves Teixeira, Julio de Faria e Souza, Waldomiro Guerra Corrêa, Luiz da Motta Mercier, Abilio Fontes, Paulo Monte Serrat, Francisco Faria Netto, Antonio Tenorio de Britto, Benedicto Tondella, Sizenando da Rocha Leite, Milton Tolosa, Clodomir Ferreira de Albuquerque, Oscavo de Paula e Silva, Dorival Dias Minhoto, Benedicto de Paula França, João Pires Barbosa, Affonso Cesar de Siqueira, Roque Corrêa da Silva, Armando Araujo, José Ferraz de Campos, João Augusto de Toledo, Ataliba Antonio de Oliveira, Cymbelino de Freitas, João Gomes Junior, Alcides Nogueira, Ezequiel Ramos, Luiz Pinto e Silva, Raul Fonseca, Gastão Ramos, José Benedicto Dutra, Rodolpho Nunes Pereira, José Vieira de Macedo, Francisco Prudente de Aquino, Salvador Gogliano Junior, Plinio Paulo Braga, Benjamim Medicis, Antonio Esperança de Oliveira, Ageo Pereira do Amaral, Fernando Rios, Adalberto Nascimento, José Clczel, Sebastião Pinto, Elisiario Martins de Mello, Pio Telles Peixoto, Oracy Gomes, Francisco Alves Mourão, Guido de Rezende, Arnaldo de Alcantara, Salvador Ovidio de Arruda, José Tavares, Luiz Damasco Penna, Oscar Augusto Guelli, Luiz Gonzaga Fleury Miguel Omar Barreto, Santos Amaro da Cruz, Pedro Maciel de Godoy, Malvino de Oliveira, Clodeveu Barbosa, Raphael de Lima, Agnelo Leandro Pereira, Victor Miguel Romano, Sylvio de Barros, Leão Alvares Loba, Octaviano J. Correa Junior, prof. Octaviano de Mello, prof. Luiz do Amaral Wagner, dr. Honorato Faustino; prof. Armando Gomes de Araujo; prof. Horacio Augusto da Silveira, prof. Aprigio Gonzaga, prof. Orlando Carneiro Braga, Alduino Estrada, João Sant'Anna, Carlos Azambuja, Antonio Dutra, Ramiro M. Costa (Pernambuco); J. Alves Dias, sra. Artus, prof. Norberto de Almeida (Botucata), dr. Eugenio Lindemberg, dr. Augusto F. Torres, dr. T. J. Maffei, dr. Eduardo Ribeiro de Castro, dr. Roberto Mange, dr. E. Forseca Telles, dr. Theodoro Ramos, dr. Henrique Jorge Guedes, dr. Alexandre Albuquerque, prof. Henrique Vic, prof. Manuel N. P. Junior (Escolas Commercio e Profissional Pedro II); dr. Aristides Leite (Amazonas); prof. Carlos Laurindo França (Araraquara) dr. Victor Freire, dr. Lysimaco F. Costa (Paraná); prof. Antonio Rodrigues (Campinas); professora Josepha e Soledade Corrêa de

Freitas, dr. Augusto de Souza Barros, dr. Alvaro Gonçalves. Secção Pelotense da A. B. E., representada pelo dr. Amadeu Mendes; Departamento Fluminense da A. B. E., representado pelos drs. Pedro Carlos, Jayme de Barros e Arnaldo Tavares. dr. Oswaldo Orico, pelo Gymnasio Mackenzie de Araraquara; dr. Genesio de Almeida Moura, Prof. Euclides Luz, Com. Armando Pinna, Prof. José de Almeida Pacca, Centro de Cultura de Presidente Prudente; dr. Rodolpho Jacob, de Bello Horizonte; Americo Lacombe, pelo Centro Academico de Estudos Juridicos, do Rio; dr. Francisco de Paula Rodrigues e dr. Alfredo Pinheiro, pela A. B. E. do Ceará. D. Alba Cañizares do Nascimento, dr. Lupercio Hoppe, Frederico Sollberger, D. Amelia de Rezende Martins, dr. Nelson Romero, D. Maria Silvia Romero, dr. O. B. do Couto e Silva, Prof. Lindolpho Xavier, dr. Ataliba Lepage, Prof. Lafayette Cortes, dr. Antonio Barbosa de Oliveira, dr. Flavio Lyra da Silva, D. Alice Carvalho de Mendonça, D. Vera Delgado de Carvalho, Julio C. Azevedo, D. Maria Luiza C. Azevedo, D. Lucia Miguel Pereira, dr. Arthur Moses, D. Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, Prof. Fernando Nereu Sampaio, D. Branca de Almeida Fialho, dr. Levy Carneiro, dr. José Mariano Filho, D. D. Laura e America Xavier da Silveira, do Rio de Janeiro; dr. Djalma Forjaz, dr. Erasto de Toledo, dr. Affonso E. Taunay, D. Luiza Franco da Rocha, dr. Dalmacio de Azevedo, dr. Vicente Lara, dr. Nuno Guerner, dr. Aureliano Fonseca, dr. Antonio Rodrigues Guião, dr. Vicente Giudice, dr. Paulo Saes, dr. J. Carvalho Ramos, dr. Jorge Fragoso, dr. Carvalho Borges, dr. Britto Pereira, dr. Melchiades Junqueira, dr. Paula Lima, dr. Garcia Braga, dr. José Ignacio Lobo, Srs. Adelio Ferraz de Castro, Antonio A. Marques, Herophilo Sampaio Piza, Amadeu Damato, Walfredo Luppi, André de Godoy, D. Mariquita Figueira de Mello, Maria Angela São João, Isabel Fonseca, Emma Azevedo, Jacy Prates Castanho, Maria das Dores F. de Castro, Ernestina Ippolito, Guiomar Vaz, Elmira Valle e Silva, Maria Lucia Barreto, Oswaldina Bompani, Maria Salomé da Silva, Guiomar Arruda, Zulina Rodrigues, Elisabeth Oliveira, Maria Conceição Santos, Christina Sampaio Doria, Georgina Ayrosa de Azevedo, Carlota Sampaio, Monica Nascimento Silva, Anna Carolina Sampaio Alvim, Eulalia Almeida, Noemia Fonseca, Maria de Lourdes Calazans Luz, Edith Rabello Teixeira, Maria do Carmo Braga, Maria Luiza Holloway, Maria Carolina de Andrade e Emilia Loureiro.

VOTOS DE EXITO FEITOS PELO PROFESSOR
DR. MIGUEL COUTO

“De passagem nesta grande e formosa metropole paulista, da qual outros deveres me afastam, peço o generoso agasalho do “O Estado de S. Paulo” para endereçar á Associação Brasileira de Educação os meus votos pelo mais completo exito do seu III Congresso. A victoria é a da propria Patria, onde não ha senão um só problema nacional — a educação do povo, a valorização do homem pela cultura. Quem o resolver fará um Brasil maior, e será igual a Mutsuhito e a Sarmiento. — MIGUEL COUTO.”

SESSÃO PREPARATORIA. — A 6 de Setembro, perante numerosa assistencia realizou-se, ás 20 horas e meia, no salão de festas do Club Commercial, á rua Libero Badaró n.º 30, a sessão preparatoria da III Conferencia Nacional de Educação.

O dr. Mello Leitão, da A. B. E., convidou para assumir a presidencia da mesa o dr. Amadeu Mendes, director Geral da Instrucção Publica que convidou para sentarem a seu lado os drs. Waldomiro de Oliveira, director do Serviço Sanitario; senador Freitas Valle, dr. Edmundo de Carvalho, e professor João de Toledo, servindo este de secretario.

Iniciaram-se os trabalhos com a verificação de poderes. Terminada esta, o dr. Amadeu Mendes poz em discussão o projecto de regimento interno, que, depois de calorosos debates, foi approvado com algumas emendas.

Poz fim á sessão preparatoria a aclamação, pelos delegados presentes, da mesa que deveria dirigir os trabalhos da III Conferencia Nacional de Educação :

Dr. Aloysio de Castro, presidente; dr. Fernando Magalhães, 1.º vice-presidente; dr. José Augusto, 2.º vice-presidente; dr. Mello Leitão, 3.º vice-presidente; dr. Carneiro Leão, 4.º vice-presidente; dr. Carlos da Silveira, secretario; dr. Decio Lyra da Silva, 1.º secretario; professor Leoni Kaseff, 2.º secretario.

O professor Aloysio de Castro, pedindo a palavra, agradeceu, em breve discurso, a aclamação do seu nome para a presidencia.

INSTALLAÇÃO SOLENNE. — A 7 de Setembro, conforme ficou anteriormente estabelecido, inaugurou a Conferencia os seus trabalhos, com a solennidade que o facto exigia.

Não eram 21 horas quando deu entrada no edificio do Club Commercial, onde se devia realizar a cerimonia, o Exmo. Sr. dr. Julio Prestes, presidente do Estado, acompanhado do dr. Fabio Barreto, secretario do Interior e do cel. Marcilio Franco, chefe da Casa Militar da presidencia.

Recebido o chefe do Estado á entrada, pelo dr. Amadeu Mendes, director Geral da Instrucção Publica, foi S. Exa. por todos acompanhado até a sala em que graphics muito suggestivos, organizados com arte e clareza, estavam expostos á attenção dos visitantes. Estes graphics foram organizados pela Directoria Geral.

As Exas. Sras. eram recebidas por uma commissão de professoras, composta de D. Lucilia Ribeiro de Sousa, D. Maria José Wagner e D. Maria Clara Martins da Silveira.

Pouco depois, no salão nobre, repleto de congressistas e assistencia numerosa, realizou-se a sessão solenne da abertura dos trabalhos, achando-se na presidencia de honra, o sr. Presidente do Estado, ladeado pelo dr. Fabio Barreto, Secretario do Interior, dr. Aloysio de Castro, presidente da Conferencia, dr. Oliveira Barros, secretario da Viação e dr. Pires do Rio, governador da cidade.

Em rapidas, mas eloquentes palavras, o dr. Presidente do Estado declara installada a III Conferencia Nacional de Educação. A seguir o dr. Fabio Barreto pronuncia o bello discurso que se segue :

“Não poderia ser maior nem mais viva a satisfação que neste momento experimento, ao dirigir, em nome do governo de S. Paulo estas singelas mas sinceras palavras de saudação ás brilhantes delegações que, de todos os pontos do territorio nacional, vieram trazer a S. Paulo, á III Conferencia Nacional de Educação, o poderoso concurso da sua capacidade e do seu devotamento para a solução dos grandes problemas que este Congresso terá de examinar e resolver. E são bem pesadas, bem graves, bem sérias, srs. congressistas, as responsabilidades que assumis neste momento, porque o vosso trabalho, o vosso esforço, a vossa obra hão de por força ter uma influencia decisiva sobre os destinos do Brasil.

O paiz atravessa agora talvez uma das suas phases mais delicadas e mais dramaticas, que elle precisa enirentar com gallardia, com desassombro, com alto descortino, de modo a serem afastados os erros e os prejuizos que embaraçam a sua marcha e ameaçam desviá-lo da larga, luminosa e salvadora estrada que ha de conduzi-lo aos seus grandiosos destinos.

Examinando em consciencia a realidade brasileira do actual momento, vem-nos a convicção profunda de que, de verdade, nós só temos dois problemas fundamentaes para resolver o objectivo de fazer a felicidade e a grandeza do Brasil: o problema da educação e o problema da expansão economica, da criação da riqueza. Mas são tão vivas, tão estreitas, tão intimas as vinculações que prendem esses dois problemas, que não é possível resolvê-los isoladamente. E' mister que se dê movimento paralelo á solução de ambos, para que se possam alcançar os altos objectivos que se têm em vista.

De facto, senhores congressistas, para realizar a obra educadora com a vibração, com a efficiencia e com os resultados que é licito esperar della, faz-se mister defender o ensino primario, o ensino secundario, o ensino superior e o ensino technico. Para isso se torna indispensavel criar as escolas, as academias, as universidades, os laboratorios, os institutos de pesquisas scientificas e, enfim, organizar esse formidavel e maravilhoso aparelho de cultura sem o qual não se podem criar as grandes civilizações. (Muito bem).

Mas é evidente que não é possível realizar essa obra maravilhosa de grandeza mental, de cultura, de intelligencia, de expansão do ensino num ambiente que não esteja poderosamente auxiliado pela vitalidade de um mundo economico cheio de riqueza e cheio de esplendor. Por outro lado, não é possível assignalar a directriz do movimento das forças economicas do paiz sem o poderoso auxilio de uma mentalidade ricamente colorida de esplendores e saturada de sciencia e de verdade. (Muito bem).

A agricultura, com a acção poderosa da sciencia, ficaria desalentada, suffocada pelo peso da rotina. E a industria, sem o guia da instrucção technica, sem o auxilio da chimica, sem o auxilio desses conhecimentos todos que assignalam, no mundo inteiro, a sua energia e o seu florescimento, teria que deixar correr a sua vida num ambiente de miseria, de fraqueza e de esterilidade, tornando-se incapaz de realizar no seio da civilização nacional, o alto papel que lhe estaria destinado, como uma força de riqueza, de actividade e de educação.

Essas forças, por consequencia, meus senhores, — a do pensamento, a da cultura e a da sciencia, de um lado — a da riqueza, a da prosperidade e a da expansão economicade outro, — são forças irmãs, que têm de trabalhar debaixo da mesma bandeira, unidas, para a grandeza gloriosa do Brasil. São divisões destacadas, servindo a um mesmo exercito, ba-

talhando, fraternizadas, para o mesmo objectivo que outro não pôde ser senão a felicidade e a prosperidade do paiz.

Cabe-nos, senhores congressistas, neste momento, preparar, robustecer, encaminhar, conduzir uma dessas forças basicas da grandeza do Brasil: a força da educação. Já começastes a vossa obra em todas as localidades do paiz, e viestes continuar o vosso trabalho neste pedaço abençoado do Brasil, a terra paulista.

Não podemos deixar de acolher-vos nessa missão sagrada que illumina e assignala a directriz dos vossos esforços, senão com a mais viva sympathia e com os mais colorosos applausos de todos os corações paulistas.

Nesta hora, senhores congressistas, respira-se o Brasil por todas as manifestações da sua intelligencia, por todas as manifestações da sua actividade, por todas as manifestações do seu trabalho. Esse edificio que vindes examinar, de perto, essa construcção do nosso pensamento, da nossa producção, da nossa riqueza, não é senão o resultado de uma vasta collaboração do paiz inteiro.

De facto, senhores congressistas, nas nossas lavouras, nas nossas industrias, nas nossas escolas, nos nossos institutos de ensino e pesquisas scientificas, encontrareis milhares de compatriotas nossos, vindos de todos os pontos do Brasil, para nos ajudar a formar essa obra cujo pensamento não repousa senão na idéa de fazer a gloria da Patria e a grandeza do Brasil. (Muito bem).

Ainda ha pouco assistentes ao espectáculo empolgante desse desfile da juventude paulista, ostentando o esplendor da sua mocidade, da sua energia, da sua saude e da sua fé. Pois toda essa força toda essa energia, toda essa mocidade estão ao serviço do Brasil, quando elle appellar para a juventude de São Paulo. (Muito bem).

Os votos que neste momento formulo, cheio de enthusiasmo, cheio de confiança na vossa obra e no vosso esforço; os votos que formulo em nome do governo de São Paulo e em nome do povo paulista, são de que a missão sagrada que trazeis na alma, na intelligencia e no devotamento representado neste Congresso de Instrucção, seja coroada do mais radioso effeito, do mais fecundo resultado, para gloria e grandeza do Brasil."

Palmas prolongadas coroaram os ultimas palavras do orador.

Tem a palavra, em seguida, o sr. dr. Aloysio de Castro, que pronuncia esta brilhante oração, frequentemente entrecortada de entusiasticos applausos :

“Seja-me licito, senhores, nas breves palavras que devo proferir, manifestar novamente os meus agradecimentos a esta illustre assembléa pela alta honra com que distinguuiu o director geral do Departamento Nacional do Ensino, attribuindo-lhe a presidencia desta Conferencia de Educação. A ella concorro com particular agrado para expressar-lhe os votos com que a administração federal do ensino acompanha a patriótica iniciativa hoje corporificada nesta brilhante reunião. Tenho a missão de trazer a esta Conferencia as seguranças, de que o governo da Republica tem o mais vivo interesse pelo estudo dos problemas que aqui se vão debater e dizem por forma tão vital com o progresso da nação. Sua exc. o sr. ministro da Justiça e Negocios Interiores, dr. Vianna do Castello, dignou-se encarregar-me de transmittir á nobre assembléa a expressão da sua ardente sympathia pela obra que ella vai realizar, e desobrigando-me do encargo estou certo de que será recebida com especial jubilo a declaração do preclaro ministro, cujo nome, por tão justos motivos, desperta hoje em São Paulo, a mais fundada admiração. Escolhendo para objecto principal de estudo e deliberação o problema do ensino secundario no Brasil, a 3.^a Conferencia de Educação vai prestar um serviço valiosissimo á causa da cultura nacional, indicando o caminho por seguir na organização da parte fundamental do nosso ensino, aquella que effectivamente necessita apoiar-se em uma base solida, ao mesmo tempo que orientar-se nos moldes da vida moderna. E’ geral o sentir de que o nosso ensino secundario não está á altura da nossa evolução e que as suas notorias falhas e deficiencias precisam ter com urgencia um correctivo idoneo. Não se pode contudo negar, a nossa actual legislação do ensino, que necessita em muitos pontos ser modificada, introduziu no tocante á instrucção secundaria medidas que representam um evidente progresso, como é incontestavelmente a instituição do curso seriado no estudo das respectivas disciplinas. Somente trata-se de um problema sob todos os aspectos, difficil, ainda mais que o do ensino superior difficuldade accrescida pela extensão do nosso territorio, e é necessario não esquecer que aquellas condições de perfectibilidade a que aspiramos chegar com rapidez, num abrir e fechar de mãos, não foram ainda attingidas em velhas

nações, onde apesar da collaboração do tempo as crises do ensino secundario não se podem considerar solvidas.

Mas reconhecer deficiencias não deve ser applauso ao scepticismo. E quando vemos medrar em nossa terra exemplos como o da Associação Brasileira de Educação, que por forma tão superior e desinteressada, congregando em seu seio as expressões mais brilhantes do nosso magisterio e tendo a collaboração de espiritos do valor de Fernando Magalhães, promove o estudo das mais altas questões pedagogicas, não temos o direito de duvidar em que caminhamos na via do progresso, sem que as nossas esperanças se frustrem e venha a baldar-se o nosso enthusiasmo.

Congratulemo-nos, senhores, pela circumstancia de que esta obra de tanto alcance, terá vigoroso impulso nos trabalhos da Conferencia que se inicia sob tão brilhantes auspicios, e congratulemo-nos ainda por ver que esta reunião se realiza em São Paulo, onde o espirito das nossas instituições vai inspirar-se nas mais altas tradições da intelligencia (apoiados, applausos).

Aqui não é somente a terra onde os campos se desatam nas messes abundantes, que fazem a riqueza do paiz, aqui prospera tambem aquella flor da intellectualidade, que colloca este grande Estado na dianteira do nosso progresso, a que tem servido gloriosamente, vigorizando com o seu exemplo a vida nacional, na continuidade de um esforço ininterrupto através de gerações successivas.

Esse é o sentir colectivo que não pode deixar de ser manifestado nesta reunião de illustres educadores, quando a um tempo e a uma voz proclamamos na actual grandeza de São Paulo a obra fecunda e patriotica do seu illustre presidente, s. exc. o dr. Julio Prestes, que, orientando-se nos exemplos civicos do grande e benemerito chefe da nação, faz jus aos applausos, ao respeito e á admiração do Brasil inteiro".

O illustrado presidente da III Conferencia termina o seu magnifico discurso debaixo de uma estrepitosa salva de palmas.

Pelos delegados dos Estados occupa a tribuna o dr. Ubaldo Ramallete, do Espirito Santo, para proferir, em nome de seus collegas, uma saudação a S. Paulo. Assim a resume o "Correio Paulistano":

"Passa em revista o passado da terra paulista, encara seus homens, as figuras que tem, com uma actuação eminente na historia mental do paiz, e focaliza o presente.

Estabelece confrontos admiráveis e afirma terem partido de S. Paulo, desde as bandeiras que distenderam as fronteiras da patria, todas as grandes iniciativas e movimentos que hoje perduram desdobradas em esplendidas realizações.

O orador é sereno, mas empolgante, pelo sentido de suas afirmativas. Aqui tudo é imponente e em S. Paulo ha lugar para todas as iniciativas.

A commemoração civica na collina historica do Ypiranga, a qual lamenta não ter assistido, mas que della tivera noticia, através relatos de impressões, as maiores e expressivas, continua um exemplo, o mais eloquente do quanto S. Paulo pode fazer — estavam ali os elementos de sua vitalidade de hoje e de amanhã, e, quem delles poderia duvidar?

Assim, justifica ser aqui, entre nós, o lugar em que, com o maior exito, devem realizar-se os trabalhos da III Conferencia, aqui onde a mentalidade do presidente Julio Prestes, ao lado de sua obra administrativa, fala pelo civismo nacional na linguagem admiravel de todas as realizações.

Conclue dizendo saudar a São Paulo, com um viva ao Brasil, esteiado na eminente contribuição que deu e vem dando ao desenvolvimento cultural do paiz."

Depois de proferir a sua oração, foi o representante do Espirito Santo succedido na tribuna pelo delegado de pernambuco, dr. Carneiro Leão. O illustrado professor leu a seguinte saudação :

"E' para mim motivo de grande contentamento trazer a São Paulo as homenagens de Pernambuco.

Nesta data de 7 de Setembro, quando cento e sete annos depois da independencia politica, o Brasil procura traçar as directrizes de sua emancipação mental, na elaboração de um systema educativo brasileiro, formador de uma élite brasileira, o espectáculo que nos dá, ás margens do Ypiranga, esta assembléa de mestres, vale pelo mais animador dos vaticinios.

Não sei de melhor scenario historico para uma assembléa de educadores, inspirados no idealismo organico da Associação Brasileira de Educação.

Que atmospheria mais apropriada aos pulmões sequiosos do ar puro da escola nova que a patria de Caetano de Campos e de Cesario Motta, precursores da renovação educativa no Brasil ?

Que manancial mais rico de idealismo e de fé que os quarenta longos annos de tenacidade e enthusiasmo da escola

paulista, nascidos em 1890, na velha Escola Normal da rua da Boa Morte e continuados nessas gerações dos mestres apóstolos que perpetuam, avivando sempre, o fogo sagrado do sacerdocio admiravel ?

São Paulo é a terra da brasilidade, do trabalho e da civilização, no passado e no presente.

No passado foram seus filhos quem, com o fito de povoar as fronteiras da grande patria, a serviço de el-rei, abandonavam commodidades e socego e despenhavam-se, impeterritos, na projecção das Bandeiras, em busca do sertão.

No presente ahi está a sua surpreendente realização, improvisando cidades nas mattas e nos desertos, transformando confins, quasi virgens do passo humano, em centros magnificos, em regiões de prosperidade biblica.

Outrora eram Matto Grosso, Goyaz, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, e hontem e hoje Ribeirão Preto, Bauru, Rio Preto, todo o Estado, no esplendor do progresso e na maravilha de uma vida contagiosamente empreendedora.

Nos velhos tempos idos são os bandeirantes batedores de povoações, de cidades e de Estados, que abrem picadas e clareiras, a ferro e a fogo, nas florestas virgens e nas rochas vivas, em luta constante com as feras e os reptis e o gentio e o mysterio tenebroso do desconhecido para conquistarem "a tranquillidade indispensavel ao labor das sementeiras".

Agora são os mestres paulistas que emigram a outras regiões da patria, numa collaboração glorificadora da terra e da gente de São Paulo.

São Paulo é uma grande lição de civismo e de fraternidade. Quantas vezes saíram das terras paulistas pugillos de annunciadores da boa nova da educação e da cultura ?

A recordação que trago de São Paulo é das mais gratas de minha vida inteira. E' feita de admiração e de reconhecimento. E esses dois sentimentos, se isolados um do outro não raro se desvanecem, unidos persistem eternos no coração dos homens.

Ha vinte annos, foi, sob o frescor deste céu e o calor do entusiasmo ardente de seu ambiente moral, que iniciei, numa conferencia, sob os auspicios dos beneditinos — pregoeiros bemitos do trabalho e do amor — no Gymnasio São Bento, aqui bem perto, a campanha, em que ainda hoje porfio, em pról da educação nacional.

Hontem foi aqui que vim buscar — emissario de Pernambuco — a missão pedagogica, cuja collaboração proficiente se

faz inestimavel na renovação da escola na minha terra natal

Mais uma vez, no decurso de nossa historia, São Paulo allia-se a Pernambuco para a obra superior de brasilidade e da civilização. Como, no passado, os homens de Domingos Jorge Velho caminhavam aqui e, ao lado das hostes de Bernardo Vieira de Mello, confundiam o seu sangue no sangue pernambucano, para a destruição definitiva dos quilombolas temiveis, os vossos professores de hoje partem para cooperar connosco na obra commum de expansão da intelligencia e do saber. E, nesta pagina de fraternidade brasileira, escripta pelos nossos Estados, não sei a quem mais admirar e applaudir, se a Estacio Coimbra, o grande renovador da educação em Pernambuco, pela coragem de desprezar preconceitos regionaes, solicitando os vossos educadores, se a Julio Prestes, pelo desprendimento em privar-se de tantos dos seus melhores technicos, justamente quando sua administração criadora reclama, ansiosamente, mestres e mais mestres, para a obra, sem par, da intensificação escolar de São Paulo.

E a competencia dos vossos technicos e a dedicação e o ardor dos nossos mestres já vão imprimindo, á educação popular no grande Estado nordestino, as novas directrizes, reclamadas pela hora de actividade e de reajustamento social, que vivemos no Brasil.

Que momento, mais opportuno a Pernambuco para saudar São Paulo, para confessar ao povo e ao governo paulista a gratidão de seu governo e de seu povo!

E' a hora da indicação de uma orientação nova para a juventude do Brasil.

Para nossa patria a cultura e a capacidade de acção e de pensamento dos brasileiros, constituirão a fonte inesgotavel da mais legitima riqueza.

A operação mais lucrativa e mais bella que nosso paiz possa fazer é o augmento indefinido de sua elite. Não preparada num circulo preconcebido e estreito para a uniformidade forçada do todo, mas num systema sufficientemente flexivel, capaz de servir a rica variedade de aptidões individuaes, dentro do quadro harmonioso das exigencias e determinações da collectividade.

O necessario é que a educação repouse na observação scientifica do homem, fixado no seu tempo, e no seu meio.

E' na educação secundaria, empreendida na hora decisiva da formação individual — nessa época da vida, em que as modificações de sentimento e de character são tão profundas — que a transformação se impõe com urgencia mais premente. Esta educação deve ter por finalidade servir o melhor possivel ao ideal individual, social, politico e moral da patria. Ha de ser por ella que prepararemos, á altura dos nossos destinos, os chefes da democracia brasileira, em todos os ramos da actividade humana, agricola, industrial, cultural, esthetico, politico...

O scenario para examinarmos o difficilimo problema não poderia ser mais promissor. A actividade, a pujança, o enthusiasmo, a vida do ambiente social paulista e as necessidades e aspirações de sua juventude hão de ser a advertencia e o estimulo para chegarmos juntos em harmonia, ás conclusões que nos apontem o verdadeiro caminho á nossa propria civilização.

Abençoado seja o destino que nos proporcionou a ventura de virmos a São Paulo e, no encantamento deste agasalho, incentivados por este ambiente seductor de energia, de actividade e de fé, trabalharmos, confiantes, para que seja traçado o roteiro seguro á formação definitiva da nacionalidade”.

A saudação do preclaro homem de letras, verdadeiro hymno a S. Paulo, arranca da assistencia entusiasticos applausos.

Encerrando a serie de orações, pede a palavra o dr. Mello Leitão que, como representante da A. B. E. dirige á assemblea, as seguintes palavras :

“Pela terceira vez reunem-se, acudindo ao appello da Associação Brasileira de Educação, os que pensam numa patria melhor, mais culta, mais consciente, mais forte, consciencia e força feitas pela educação.

As Conferencias Nacionaes de Educação nasceram de um bello sonho de Fernando de Magalhães, espirito moço e coração ardente, promptos a sacrificar-se pelo bem, pelo levantamento de nossa raça e de nosso povo. Esse bello sonho foi nem podia deixar de ser, entusiasticamente acolhido no seio da Associação Brasileira de Educação, ainda em começo, mas já cheia de fé em sua causa, porque era a mais linda e a mais nobre. Coritiba abriu-nos a porta e questões capitaes de ensi-

no foram ahí discutidas e deliberadas. Outros departamentos, irmãos do nosso, nasceram dessa reunião e um anno depois voltavamos a congregar-nos em Bello Horizonte. Mas essas duas primeiras conferencias foram ensaios para a realização de hoje, ensaios, não pela valia das theses, mas por se discutirem ainda todos os problemas educacionaes, em vez de convergirem todos os esforços para um unico fim, para um só problema, ao qual se procura dar uma solução completa e satisfatoria.

Compreendeu a segunda conferencia a vantagem desse esforço combinado em torno de um mesmo assumpto e marcou para ponto capital da terceira conferencia o ensino secundario, pois é do unanime sentir dos que zelam pelo futuro de nossa patria, estar nesse grau de ensino, formador da mentalidade média do povo do Brasil, e por uma coincidencia providencial foi escolhida para séde da Terceira Conferencia Nacional de Educação a cidade de S. Paulo, a abençoada de Deus desde a sua fundação, a bem dita dos homens pelo exemplo soberbo de progresso que nos dá, aos brasileiros de outras terras.

De S. Paulo partiram os bandeirantes, que tanto dilatavam para o occidente nossos limites; desses intemoratos desbravadores de florestas e sertões, symbolos de fé inquebrantavel, de audacia inexcedivel, de pertinacia incansavel, de S. Paulo, cioso de seus direitos e deveres, saiu essa lição extraordinaria de lealdade, dada por Amador Bueno, a sensatez, a ponderação, a fidelidade reunidas num só homem, que já symbolizava os paulistas, como eram então, como são hoje, como serão de amanhã: de S. Paulo reboou de quebrada em quebrada o grito de nossa Independencia, ouvido na collina santa, onde hoje fomos todos em romaria, grito que ecoou pelo Brasil inteiro, dando-nos, enfim, a liberdade completa, sem dependencias que envilecem nem uniões que entristecem e diminuem; de S. Paulo deve partir o clamor pela reforma de nosso ensino secundario, de modo a torná-lo efficaz, perfeito, capaz de dar a todo cidadão uma percepção esclarecida dos conhecimentos essenciaes, a consciencia do que somos e do que valemos, a noção de nossas necessidades e de nossos deveres.

Ainda hoje, meus senhores, deu-nos S. Paulo duas provas eloquentissimas de seu valor e diante das quaes não sei de quem, sendo verdadeiramente patriota, não tenha vibrado da mais intensa e jubilosa emoção, e por mim confesso que em ambas tive os olhos rasos d'agua, e provei ardente a fé no

futuro do Brasil. Foi a primeira, na collina sagrada de nossa Historia assistindo o desfilar desses milhares de atletas, crianças, adolescentes, homens feitos, robustos, esbeltos, inermes mas intemoratos, signal do Brasil magnífico de amanhã, forte e pacífico, amigo das outras nações e dellas respeitador, mas cioso de si, capaz de defender, sem um instante de desfallecimento esse pendão verde e ouro; esse pendão do cruzeiro, todo paz, todo justiça. Era o primeiro e feliz augurio para a realização de nossos ideaes.

Mais tarde, no Theatro Municipal, mais de um milheiro de vozes femininas cantando canções nossas, muito nossas, das que já ouvira em minha meninice, senti que esse thesouro de nossas tradições, de nossa arte popular tão deliciosamente sentimental e ao mesmo tempo tão ingenuamente brejeira, será numa obra de puro e elevado patriotismo, conservado em São Paulo, porque o receberam as professoras de amanhã, porque o receberão as criancinhas.

Bemdito seja S. Paulo que harmoniza seu progresso vertiginoso e estonteante á doçura e ao recato das cousas antigas, tão sadias, tão simples, tão singelas, e é o mesmo povo que pensa com superioridade, que executa com presteza e sem desfallecimento e que se embala tranquillo nestes sonhos bons.

Por isso, o que hontem era em mim fé, hoje, é certeza e vejo a razão de minhas palavras, tantas vezes repetidas no seio da A. B. E.: convençamos S. Paulo e venceremos, pois aqui nunca ha lugar para uma demora entre a convicção e a execução.

Foi esta Terceira Conferencia Nacional promovida pela Associação Brasileira de Educação, hoje, com departamentos em quasi todos os Estados, trabalhando harmonicamente, unida e sobranceira, indifferente á inveja e surda á calumnia, pois uma e outra são a demonstração mais cabal de sua força, de seu prestigio, do alevantado de seus fins. Como seu presidente cabe-me, em nome do departamento da Metropole, agradecer e saudar aos companheiros dos departamentos dos Estados, e agradecer a S. Paulo seu alto patrocínio que foi a segurança do exito sem igual deste congresso."

A assistencia applaude, calorosamente as palavras do orador.

O sr. presidente Julio Prestes encerra, em seguida o acto proferindo poucas palavras de saudação á III Conferencia Nacional de Educação.

S. exc. em seguida retira-se acompanhado até a saída por todos os membros da Conferencia.

AS SESSÕES ORDINARIAS; CONSTITUIÇÃO DAS COMMISSÕES; APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS THESES.

Realizaram-se seis sessões ordinarias nos dias 9, 10, 11, 13, 14 (á noite) e 15 (de manhã).

Nessas sessões ordinarias foram apresentados e animadamente discutidos, importantes pareceres e conclusões sobre theses de ensino primario, ensino normal, ensino profissional, educação sanitaria e, principal objectivo da reunião da III Conferencia, sobre ensino secundario.

* * *

Na primeira sessão ordinaria, realizada no dia 9 ás 20 e meia horas, como as demais, no salão de festas do Club Commercial e como as demais, presidida pelo Dr. Aloysio de Castro e secretariada pelos Drs. Carlos da Silveira, secretario geral; Decio Lyra da Silva, 1.º Secretario e Leoni Kaseff, 2.º secretario, foram constituídas as secções de :

- a) ensino primario ;
- b) " normal ;
- c) " profissional ;
- e) educação sanitaria ;
- f) ensino secundario ;

a cujos presidentes provisorios o sr. Presidente distribuiu as theses apresentadas á Conferencia e que em ditas secções deveriam ser estudadas para os consequentes pareceres e conclusões a serem discutidos em plenario.

Os presidentes das secções foram os seguintes :

Secção de ensino primario :

- 1.ª commissão : — dr. Lucio José dos Santos ;
- 2.ª " — " Joaquim Moreira de Souza ;

Secção de ensino normal :

- 1.ª commissão : — dr. Ubaldo Ramallete ;
- 2.ª " — " Americo de Moura ;

Secção de ensino profissional :

- 1.ª commissão : — dr. Hostilio de Souza Araujo ;
- 2.ª " — Prof. Aprigio Gonzaga ;

Secção de educação sanitária :

- 1.^a commissão : — dr. Gustavo Lessa ;
- 2.^a " — " Waldomiro de Oliveira ;

Secção de ensino secundario :

- 1.^a commissão : — dr. C. Barbosa de Oliveira ;
- 2.^a " — " Mario de Souza Lima.

* * *

A 2.^a sessão ordinaria, aberta ás 20 horas e meia do dia 10 do corrente, foi bastante concorrida e animada. A brilhante assistencia compunha-se dos delegados dos Estados, representantes de S. Paulo e numeroso elemento do magisterio paulista que havia aderido ao importante certame educacional.

Após a leitura do expediente, passou-se á ordem do dia. Constou a mesma da exposição verbal, pelo relator, professor Lafayette Cortes, do parecer da commissão de ensino secundario, sobre as theses apresentadas á Conferencia, ventilando o thema 4.^o — "Disseminação do ensino secundario pelo Brasil".

O illustrado educador expendeu trabalhado parecer estudando longamente cada uma das theses que lhe foram apresentadas para analyse.

Educador de prestigio e renome na Capital da Republica, a sua palavra foi ouvida com a maxima attenção.

Finda a sua brilhante oração; o professor Lafayette leu as conclusões a que chegou a commissão :

1.^o — Propaganda, especialmente dirigida á mulher brasileira, das necessidades reaes do curso secundario com sua verdadeira finalidade.

2.^o — Criação immediata de escolas superiores para a formação technica e efficiente do professorado secundario.

3.^o — Criação dos circulos de paes e professores em todo o Brasil.

4.^o — Propaganda intensa, por todos os meios possiveis, da necessidade de se encarar o curso secundario como elemento destinado a fornecer a elite intellectual e dirigente do paiz.

S. s. chegou ás referidas conclusões depois de estudar os trabalhos apresentados pelos srs. Carneiro Leão, Carlos Alberto Franco, Delgado de Carvalho, Charles Charnoux, Lyra

da Silva, Euclides Roxo, Heitor Calmon, Couto Silva, Virgílio Correia Filho, Departamento da Associação Brasileira de Educação do Espírito Santo, Barbosa de Oliveira e Isaias Alves.

Em seguida, encerrados os debates, foram as conclusões approvadas, levantando-se a sessão.

* * *

Realizou-se, á noite, no dia 11 de setembro, a 3.^a sessão ordinaria. Como as que antecederam, foi ella muito concorrida.

No expediente falou o dr. Mello Leitão que leu um officio da A. B. E. enviado ao Director Geral da Instrucção Publica de S. Paulo, communicando ter a Carnegie Endowment, offerecido dez lugares a professores brasileiros para realizarem nos Estados Unidos um curso de ferias de 3 semanas; destes lugares a A. B. E. destinava tres a professores paulistas.

Na ordem do dia foi lido o parecer elaborado pelo dr. Joaquim Moreira de Souza, presidente da 2.^a commissão encarregada do estudo das theses sobre o "combate ao analfabetismo na zona rural". O illustre relator, apresentou as conclusões que se vão ler:

1.^a — Faz-se mister a disseminação ampla, na medida das possibilidades economicas de cada Estado, de escolas na zona rural, com duração de dois annos, no minimo, em pontos onde possa haver uma matricula até dez (10) alumnos, no minimo, em idade escolar.

2.^a — Propaganda intensa, constante, obstinada, da escola, feita sobretudo pelos inspectores de ensino, por todos os meios ao seu alcance.

3.^a — Feitura de programmas e designação das férias e horarios escolares, consoante ás conveniencias e necessidades das differentes regiões.

4.^a — Inspeção constante, intelligente e rigorosa.

5.^a — Amparo, assistencia moral e material ao professorado.

6.^a — Aproveitamento do professorado leigo.

7.^a — Appello a todas as Municipalidades, para intensificarem o ensino primario na zona rural.

8.^a — Realizar a obrigatoriedade do ensino, subordinada a condições que, tanto quanto possivel, garantam a liberdade individual.

Com a adopção dessas medidas, suggeridas nas theses examinadas, crê a commissão, estará iniciado, no Brasil, o combate ao analfabetismo na zona rural.

O sr. Raul Gomes apresentou uma emenda á 8.^a conclusão, accrescendo-a das palavras — devendo ser fixada a idade certa da matricula e o periodo minimo de permanencia obrigatoria da criança na escola.

Por esse motivo, o parecer voltou á commissão, para redacção final.

A discussão deste trabalho levou á tribuna varios oradores.

Em seguida, bastante discutidas, foram votadas as conclusões dos pareceres sobre as theses — “Organização do professorado de physica para o ensino secundario”; “Disseminação do ensino secundario” — apresentado á II Conferencia de Bello Horizonte; do “Montara Esperanto Club”, sobre adopção do esperanto no ensino secundario, (da II Conferencia); das Escolas Normaes — “Da instituição das Escolas Normaes livres e o seu papel na formação do professorado, e “As Escolas Normaes livres e seu papel na formação do professorado primario”.

As theses apresentadas eram dos drs. Rubens Falcão, José de Mello, Balthazar Godoy Moreira, Alipio Franca, d. Zaida Ferraz do Amaral, d. Maria José da Silva, d. Antonia Ribeiro de Castro Lopes, João Baptista Fonseca.

Na mesma sessão o dr. Gustavo Lessa, relator da 1.^a commissão de educação sanitaria, leu o parecer que continha estas conclusões :

I

Apesar de haver multiplos esforços publicos e particulares empenhados na educação sanitaria, pode-se dizer que os grandes focos irradiadores desta são : de um lado, as escolas ; de outro os serviços de Saude Publica. Ambas as forças devem agir em intima collaboração.

II

A Educação Sanitaria nas Escolas deve visar um triplice objectivo ; a) Criar habitos sadios nas crianças e na mocidade ; b) Ministrare conhecimentos hygienicos, de maneira que sejam os mesmos desejados pelos alumnos, não impostos a estes ; c) Criar na infancia e na mocidade um ideal de saude. Essa educação sanitaria deverá ser extendida ao lar.

III

Para que a educação sanitaria nas escolas primarias seja convenientemente ministrada, é indispensavel que, onde possivel, os professores de hygiene das Escolas Normaes só possam ser nomeados após terem frequentado cursos especializados dessa disciplina.

IV

E' necessaria a criação de cadeiras de hygiene destacadas de outras disciplinas nas escolas de curso secundario e normal. Para a nomeação dos professores dessas cadeiras deverá ser preenchida a exigencia da conclusão anterior a saber : frequencia em cursos especializados de hygiene.

V

Torna-se necessaria a criação, nas Capitaes dos Estados, de cursos de aperfeiçoamento de Hygiene para os professores.

VI

Para orientar a Educação Sanitaria no Paiz, é indispensavel que sejam criados institutos de Educação Physica, destinados ao preparo de instructores technicos.

VII

E' de toda a conveniencia que os professores desses Institutos sejam préviamente diplomados por Escolas de Educação physica de renome.

VIII

Urge impulsionar nas grandes cidades do Paiz o movimento de criação de parques infantis, praças de cultura physica e estadios, sendo conveniente que os primeiros a serem instalados, quando possivel o sejam em zona central, afim de attrairem a attenção e servirem de exemplo.

IX

O Serviço de Saude Publica deve considerar a educação sanitaria do povo como o seu dever primordial. As medidas de coerção só devem ser applicadas em ultimo caso.

X

E' conveniente que seja criada nos serviços de Saude Publica, uma secção especialmente destinada á educação sanitaria, á semelhança do que foi feito em São Paulo e em outros pontos do paiz.

Presidente : *Dr. Waldomiro de Oliveira* ; Relator : *Dr. Gustavo Lessa*.

Após a leitura, d. Alba Cañizares do Nascimento, inspectora escolar no Districto Federal, num vibrante discurso, apresentou a emenda que segue :

"Ante os ensinamentos definitivos da sciencia e attendendo á alta missão que a sociedade contemporanea dá á mulher — no lar, na escola, em todos os ramos da actividade humana — importa exaltar-lhe a personalidade e assegurar-lhe forte formação psychica, pelo que os professores em todos os graus de ensino — rompendo erros do passado, ensinar-lhe hão a verdade scientifica de que nenhum prejuizo biologico a infelicitamente, não sendo intellectualmente inferior ao homem, e perfeitamente capaz das operações mas altas do espirito."

A emenda de d. Alba do Nascimento, unanimemente approvada, foi á commissão de educação sanitaria para ser incorporada ás conclusões.

* * *

A quarta sessão ordinaria effectou-se no dia 13, ás 20 e meia horas.

Passado o expediente que careceu de importancia, foi, na ordem do dia dada a palavra ao relator das theses sobre as "Finalidades do ensino secundario no Brasil", dr. Antonio Piccarolo. Começa pedindo desculpas por ser um pouco longo, pois não podia proceder de outro modo, uma vez que se tratava de 9 trabalhos a relatar, e dar as razões e conclusões da commissão.

As theses relatadas são as apresentadas pelos srs. Henrique Geenen, Lafayette Côrtes, Magalhães Porto, Erasmo Braga,

Isaias Alves, Corlumbo Ferreira, Gonçalo Moniz, João Cruz Costa e Rodolpho Jacob, apresentando a commissão, depois de acurado estudo, as seguintes conclusões :

1 — A organização do ensino secundario deve responder á dupla exigencia de assegurar um nivel elevado de cultura geral nos que não se destinam a estudos superiores e de preparar para especializações das carreiras universitarias os que puderem dar á sua formação intellectual mais prolongado desenvolvimento.

2 — No Gymnasio, ou curso unico de seis annos, sem bifurcação alguma e sem materias facultativas, se procurará obter a cultura geral da personalidade por uma combinação harmonica dos estudos modernos, reduzidas as disciplinas ao numero necessario e organizados os programmas de modo que se perca em extensão e se ganhe em profundidade.

3 — Pelo Governo da União ou dos Estados serão criadas escolas do typo "Realschule" com um curso fundamental commum e ramos especializados.

4 — O Gymnasio conduzirá ás Universidades de qualquer typo, levando á escola do typo "Realschule" sómente ás Universidades exclusivamente technicas.

As conclusões a que chegou a commissão, depois de acalorado debate, foram todas approvadas.

A sessão terminou depois da meia noite, sendo designado o dia seguinte, 14, ás 20 e meia horas, para a realização da 5.^a sessão ordinaria da Conferencia.

* * *

Conforme ficara marcado, effectuou-se no dia 14 a penultima sessão ordinaria da III Conferencia Nacional de Educação.

Aberta a sessão, o sr. presidente dr. Aloysio de Castro, mandou proceder á leitura do parecer da commissão relatora sobre o Ensino Secundario, em nove theses apresentadas, de que foi relator o dr. Souza Lima.

O parecer a que nos referimos é o seguinte :

CONCLUSÕES DAS COMMISSÕES REUNIDAS DO ENSINO SECUNDARIO

I — A organização do ensino secundario deve responder á dupla exigencia de assegurar um nivel elevado de cultura

geral nos que não se destinam a estudos superiores e de preparar para as especializações das carreiras universitarias os que puderem dar á sua formação intellectual mais prolongado desenvolvimento.

II — No Gymnasio, ou curso unico de seis annos, sem bifurcação alguma e sem mateias facultativas, se procura obter a cultura geral de personalidade por uma combinação harmonica dos estudos classicos (latim e grego) das sciencias fundamentaes e dos estudos modernos, reduzidas as disciplinas ao numero necessario e organizados os programmas de modo que se perca em extensão e se ganhe em profundidade.

III — Pelo governo da União ou dos Estados serão criadas escolas do typo "Realschule" com um curso fundamental commum e ramos especializados.

IV — O Gymnasio conduzirá ás Universidades de qualquer typo levando a Escola, typo "Realschule", sómente a Universidades exclusivamente technicas.

Os debates tomaram todo o tempo.

Seria impossivel resumi-los, como tambem não haveria interesse em reproduzi-los aqui na forma de noticiario.

Limitamo-nos assim a registrar o facto, e a approvação do parecer da commissão do Ensino Secundario.

— Sobre a nossa legislação, referente ao ensino secundario, a commissão encarregada de dar o seu parecer quanto ás theses apresentadas, concluiu as suas razões com o seguinte parecer que foi approvado :

I — São formavelmente condemnados os collegios equiparados municipaes.

II — As bancas examinadoras serão organizadas por disciplina, de accordo, nos outros pontos, com a conclusão IV da Commissão de Ensino Secundario da 2.^a Conferencia.

III — Todos os exames serão prestados durante 30 dias uteis a contar de 16 de Novembro e evitar-se há tanto quanto possivel a 2.^a época que a Conferencia desaconselha.

IV — Haverá uma banca para cada grupo de 600 inscrições, que funcionará successivamente nos varios collegios da região, sendo o presidente sempre um professor de instituto official secundario ou superior.

V — Existindo duas ou mais bancas da mesma cadeira em uma região, será nomeado um inspector especial, que zelará pela uniformidade de criterio no julgamento e na materia examinada.

VI — O ensino secundario nunca começará antes dos doze annos de idade.

VII — Sendo ainda uma questão incompletamente debatida o methodo de melhor aquilatar do conhecimento dos alumnos do curso secundario, bem como o character que deve ter o ensinono de cada disciplina e a extensão dos respectivos programas, ficarão incluídos esses themes para a IV Conferencia.

VIII — E' aconselhavel a divisão do anno lectivo em dois periodos, á semelhança da adoptada nos collegios da America do Norte.

Tendo esta sessão se prolongado além da meia noite, ficando ainda muita materia a ser examinada, o sr. Presidente consultou á Casa sobre a conveniencia de se realizar mais uma sessão no dia 15 pela manhã. Obtido o assentimento da assemblea, foi a mesma marcada para as 10 horas. Em seguida levantou-se a reunião.

* * *

Domingo, 15, realizou-se das 10 ás 13 horas, a ultima sessão ordinaria da III Conferencia Nacional de Educação.

Diversos pareceres sobre as theses apresentadas, constituíam a ordem do dia.

A sessão porêm, foi quasi toda tomada com a votação de moções de applauso e congratulações, o que occasionou ficar muita materia sem votação.

O dr. Edmundo de Carvalho, presidente e representante do Rotary Clube junto á Conferencia, apresentou uma indicação sobre cultura physica no Brasil.

Tendo sido indicada a Bahia para sede da IV Conferencia, um dos representantes daquelle Estado, pede a palavra pela ordem e solicita da mesa o encaminhamento á assemblea do pedido do Governo de seu Estado no sentido de ser dada á Bahia a honra de servir de sede á V e não á IV Conferencia Nacional de Educação, apresentando as devidas excusas.

Acceitas as ponderações do delegado da Bahia, foi submettida a votação a escolha do novo local, recaíndo ella, por unanimidade, sobre a capital do estado de Pernambuco.

O dr. Carneiro Leão, na qualidade de representante daquelle estado, agradece a escolha e promette uma recepção condigna aos congressistas que lá se reunirem.

As 13 horas é levantada a sessão, ficando marcada para as 15 horas a sessão solenne de encerramento.

SESSÃO DE ENCERRAMENTO. — Conforme o anunciado, deu-se ás 15 horas do dia 15, o encerramento solenne dos trabalhos da Terceira Conferencia Nacional de Educação. Presidiu-a o dr. Fabio Barreto, secretario do Interior.

A bella sala de festas do Clube Commercial estava literalmente occupada por congressistas e por selecta e numerosa assistencia.

Aberta a sessão o dr. Fabio Barreto deu a palavra ao presidente da Conferencia, o eminente dr. Aloysio de Castro. Este, em curto, porém brilhante discurso, fez a synthese dos trabalhos realizados.

Inspirados pela vontade de alguma cousa fazer pelo ensino no paiz, como pelo spectaculo de progresso e cultura que São Paulo offerencia, diz sua Excia. „acredito terem todas as capacidades e collaborações reunidas em torno do certame dado a elle o contingente valioso de ideas novas, que entrelaçadas formavam um grande programma de acção.

Agradecia mais uma vez, o ter sido eleito presidente da Conferencia e com isso encontrava ensejo para estar em contacto com os elementos factores da grandeza paulista e sentir mais intimamente, a grande obra que aqui vem sendo realizada, reflexo do seu governo, a cuja frente se acha uma figura e um nome eminentes, como Julio Prestes, que as forças vivas da nação acabavam de indicar, na Convenção Nacional, como candidato á suprema magistratura da Republica, para continuar o grandioso e patriótico programma administrativo do sr. Washington Luis.

Sauda o sr. Fabio Barretto, o illustre secretario do governo, ali o representante do sr. Julio Prestes e agradece a sua presença á solennidade, encarando-a como uma das demonstrações mais altas do apreço do governo paulista pelo problema de ensino: S. exc., na sessão inaugural, ali estivera, proferindo brilhante oração em nome do governo, — levar á conferencia o estímulo do applauso da administração paulista — e, naquella hora, era seu o lugar da presidencia, para receber dos srs. conferenciadas os applausos que traduziam a ad-

miração de todos, pelo quanto vale S. Paulo, como terra de trabalho, de cultura e de homens do feitio do sr. Julio Prestes.

Conclue pedindo ao sr. Fabio Barretto transmittir ao sr. presidente do Estado as saudações da III Conferencia Nacional de Educação, e ao mesmo tempo acceitar os protestos de alto apreço da assembléa, delles muito merecedor, pelos serviços que, á frente da pasta do Interior, vem realizando, como collaborador, operoso e patriota da administração Julio Prestes.

Uma salva de palmas succede a oração do sr. Aloysio de Castro.

Pede a palavra, em seguida, o dr. Lucio José dos Santos, professor da Escola de Minas de Ouro Preto e da Universidade de Bello Horizonte, e delegado de Minas.

Queria propôr, o que fazia, de coração, em nome da delegação mineira, um voto de louvor e de applausos ao trabalho realizado pela Conferencia, á margem da qual tinham tido o ensejo de admirar a obra educacional que vem sendo realizada em S. Paulo. Ainda, não podia calar ante a impressão que recebera, como todos seus companheiros de missão, da hospitalidade paulista, manifestada pela fidalguia de trato do director da Instrucção Publica e pelos representantes do poder publico, com os quaes tivera o ensejo de estar em contacto. Deixava, portanto, ali consignados, os louvores da delegação de Minas, que eram os de todos os delegados.

Vai á tribuna em seguida, o sr. Veiga Miranda, que pronuncia o seguinte :

“Sr. presidente, srs. delegados dos Estados á Conferencia de Educação; srs. congressistas; minhas senhoras.

Nesta hora de despedidas, pareceu á commissão executiva da III Conferencia de Educação que não podia deixar de dirigir algumas palavras áquelles de que hoje se aparta, áquelles que trouxeram a este cenaculo da intelligencia o concurso do pensamento de outras regiões do paiz.

Estamos, meus senhores, colhendo os frutos bemditos da grande arvore do idealismo plantada, ha pouco mais de um decennio, por aquelle indefesso apostolo que foi Heitor Lyra da Silva.

Duas grandes campanhas, meus senhores, agitaram a mocidade brasileira de vinte annos para cá. A palavra de Olavo Bilac sacudiu como um tufão de enthusiasmo todas as camadas da nossa população, muito principalmente as camadas jovens, acenando com a necessidade urgente de robustecermos a geração, conjugando o trabalho da caserna ao mistér da escola. Passada aquella era de vibração, determinada pela guerra européa, pacificados os animos, reentrado o pensamento dentro das normas habituaes do seu mistér de pensar, surgiu o vulto de Heitor Lyra da Silva, não procurando destruir ou reformar a obra de Bilac, mas, de alguma forma, readaptando-a ás condições do tempo, ao que seria o duplo objectivo da campanha de Bilac, e substituiu-a por um unico objectivo: educação. Esta palavra synthetizando tudo; esta palavra synthetizando os anelos de aperieçoamento geral de toda a população brasileira, esta palavra synthetizando o lemma em virtude do qual de todos os Estados iriam partir esses novos romeiros do ideal que ha tres annos se reuniram em Coritiba, que ha um anno armaram sua tenda em Bello Horizonte e que agora, em S. Paulo, tivemos o grande jubilo de ver aqui todos congregados na elevação, por assim dizer, sagrada, dos objectivos que collimavam.

Particularmente grato, meus senhores, é ao coração dos membros da commissão executiva da III Conferencia registrar que os frutos colhidos no certame de São Paulo não são absolutamente inferiores áquelles produzidos em Coritiba e em Bello Horizonte.

Apraz-me referir especialmente á concordancia de vistas entre os luminares do ensino, no ponto relativo ás questões do ensino secundario. Apparentemente singelas as conclusões a que chegaram os dignos membros das commissões de ensino secundario, apparentemente superficiaes, quiçá, ellas encerram, entretanto, alta dose de sabedoria, ellas trazem a bussola orientadora, o conselho verdadeiro para aquelles que, de agora em diante tenham de tratar de reformar, de orientar e de remodelar o ensino secundario no paiz.

Sr. presidente, a primeira conclusão, quando declarou que a finalidade do ensino secundario, ao par de levar as intelligencias jovens ás escolas superiores, trazia, entretanto, como essencia, o objectivo de preparar o individuo para ser um elemento util á sociedade, o de dar-lhe a armadura necessaria para collaborar efficazmente em todas as conquistas da civi-

lização, afirmou uma dessas verdades que é preciso sejam proclamadas, que é necessario sejam levadas como palavras de exortação aos paes e chefes de familia, para que se dissipe, de vez, o errado conceito de que o ensino secundario é um méro passadiço para as escolas superiores.

Creio, sr. presidente, que a primeira conclusão da commissão de ensino secundario representa um passo bem adiantado nessa marcha de idéas que tem sido a rota das conferencias de educação.

Não é porém, sr. presidente, o momento, ou já teria passado o momento de um retrospecto geral desses trabalhos. Referi-me a esse, por ser a Conferencia de São Paulo, originariamente destinada aos estudos em torno á questão do ensino secundario nos moldes que lhe foram traçados por aquelles que, na Conferencia anterior, a de Bello Horizonte, poderiam dar a finalidade essencial, primordial, aos trabalhos da Conferencia de S. Paulo. Ella não fracassou, portanto, no seu objectivo essencial.

Ora, ao par de se haver desempenhado dessa tarefa primordial, todos os outros pontos aqui debatidos revelaram o grau de preparo e de conhecimentos dos especialistas a cuja attenção foram submettidos os diversos trabalhos e differentes theses.

Congratulando-me, em nome da commissão executiva da III Conferencia Nacional de Educação, isto é, em nome da delegação de São Paulo, com todos os delegados officiaes dos Estados, aqui presentes, com todos os srs. conferencistas, pela somma de esforços por elles empenhados nos trabalhos desta semana luminosa, eu creio que poderemos, nós de São Paulo, dizer que da nossa parte tudo fizemos para que os nossos hospedes pudessem daqui levar a melhor impressão possivel, o que elles têm sabido traduzir nas suas carinhosas expansões de todos os momentos, quer no plenario, no seio da Conferencia, quer particularmente, a cada um de nós.

Estamos, pois, pagos, com todo o regosijo, de todos os esforços que empregamos em beneficio da III Conferencia. Os votos que faz a delegação de S. Paulo são para que, nos certames futuros, possamos encontrar os filhos de todos os Estados, aqui reunidos, com a mesma cordialidade, com essa mesma expansão de alma e de espirito, pondo todos, acima e muito acima dos votos de cada qual pelo seu torrão, o

voto altissimo pela grandeza, pela gloria e pela unidade do Brasil. A todos vós, pois, os nossos votos de felicidade”.

Uma prolongada salva de palmas coroa as palavras do Dr. Veiga Miranda.

Depois, occupa a attenção da assistencia o delegado bahiano dr. Anisio Spinola Teixeira, que lê o seguinte e brilhante trabalho, que mereceu applausos os mais entusiasticos :

“Ao encerrar-se a terceira Conferencia Nacional de Educação, quizeram, senhor Secretario, os generosos collegas desta assembléa, que fosse um dos representantes da Bahia, que viesse saudar v. exc. e dizer do jubilo de coração, com que, por uma semana, assistimos o espectáculo brasileiro, na terra esplendida de S. Paulo.

Esses oito dias que viemos aqui passar, no agasalho da gente paulista, foram dias grandes e felizes para todos nós. Na immensa terra brasileira, S. Paulo avulta com tamanha preeminencia, que é, aqui, o ponto estrategico, onde todos devemos vir para fortalecer, em nosso coração, a confiança nos destinos da patria commum e para elucidar, em nossa intelligencia, o sentido da actividade brasileira.

Todos eramos aqui elementos de responsabilidade na orientação do problema nacional da educação, cujas soluções viemos agitar e debater. E se, por certo, não poucos foram os frutos desse certame de intelligencia entre os educadores brasileiros, cumpre-nos reconhecer que esses frutos foram, em muito accrescidos, pela demonstração que S. Paulo nos offereceu do que o labôr, a riqueza, o senso de realidade, a pertinacia e a intelligencia paulistas já construíram no serviço de educação de sua gente.

*
* *

Passado o surto epico da conquista do continente, quando a coragem e a iniciativa do bandeirante abriu de caminhos e semeou de povoações a terra fechada do Brasil, a gente brasileira, de posse do presente magnifico da terra, consummou a sua obra pela declaração da independencia. Succedeu, então, como um periodo de descanso de batalha ganha. Possuida a terra, restava o problema maior de explorá-la, mas o brasileiro estava ainda no deslumbramento da conquista soberba. Servido pelo escravo, como um rei, elle descurava dos recur-

sos de sua gléba, construindo na terra sadia da America, uma aristocracia alheia das responsabilidades maiores da construcção do mundo novo que lhe viera ás mãos.

Com a abolição da escravatura e, pouco depois, a proclamação da Republica, se iniciou o novo cyclo brasileiro e com elle despertou a consciencia da obra nacional a realizar. Ahi estava a terra, rica de recursos, mas esquiva ao manejo e tratos humanos, na sua extensão desarticulada e na agrestia de sua virgindade bravia e intacta. E sobre ella, o homem brasileiro que era uma mistura heterogenea de raças diversas, a que a formação historica de senhores e escravos viera agravar, com a desuniformidade social, a desuniformidade ethnica.

Nem por isso, entretanto, vacillou a coragem brasileira diante do problema da exploração da terra possuida e quasi intacta e da integração ethnica do brasileiro. Com o empirismo messianico de um povo joven, não delineou planos nem empreendeu subordinar o seu trabalho a analyses praticamente impossiveis dos seus problemas. Atirou-se francamente ao regime imprevisto da experiencia e erro. O primeiro periodo da Republica foi assim o periodo anterior á organização. Politicamente, a intelligencia verbal de alguns "leaders" traçou constituições que nos cabiam ainda tão mal, que eram simplesmente ideaes que talvez alcançassemos um dia. Socialmente e economicamente eramos um povo em franca effervescencia, á procura das formulas de nossa civilização. A exploração da terra, entretanto, que proseguia febril e frutifera, dentro de pouco fazia affluir para esse trabalho, em concurso inestimavel, a gente laboriosa e activa de paizes super-populados da velha Europa. Como nos Estados Unidos, assistimos dentro da mesma terra, gentes de nações diversas, no mesmo afan commum de construir uma patria nova, rica e livre, de irmanarem na mesma actividade e no mesmo ideal.

As tres primeiras décadas da republica se passaram nesse trabalho impreciso mas vigoroso, em que as linhas da grande construcção brasileira ainda mal se definiam. Pouco a pouco entretanto, a obra começou a ganhar segurança e nitidez e entrou, em parte da terra brasileira, francamente pelo periodo de consolidação e organização.

E' nesse periodo que vimos encontrar S. Paulo. A terra já se articulou por um systema de estradas, notavelmente desenvolvido. A riqueza e a expansão economica ganharam

nas suas admiráveis culturas agrícolas e no seu promissor systema industrial, a segurança e o impeto de forças em plena eclosão. As cidades nascem e cersem com o inesperado de energias latentes que viessem de muito sendo sopitadas e que afinal encontram o ponto de menor resistencia por onde fazem a sua apparição surpreendente. E o povo todo portia, em um labor infatigavel e optimista, na affirmação de suas qualidades nobres e moças de energia, de coragem e de resistencia.

E' nesse quadro de florescimento economico e de prosperidade, que os governos de S. Paulo vêm realizando uma obra admiravel de coordenação, de direcção e de propulsão.

O empirismo do inicio cedeu lugar a uma obra de consciencia, de analyse e de estudo, por que os velhos serviços se reorganizam e os novos se traçam dentro de planos seguros e corajosos. A intensidade com que a obra paulista se está valendo da sciencia para a solução dos seus problemas e para a direcção do seus serviços, é uma dessas demonstrações de maturidade de cultura que chega a surpreender o observador do phenomeno brasileiro.

O modo por que se está atacando o problema da broca do café, a systematização e audacia com que se iniciam novas culturas como a da laranja e do trigo, a segurança por que se está revitalizando, pelo adubo, as terras cansadas, a amplitude com que se fere o problema do reflorestamento do solo, a pertinacia com que se luta pela descoberta de novos recursos mineraes, como o petroleo e a hulha, o impulso que se imprime á expansão do systema de estradas,— são symptomas de que S. Paulo ganhou uma consciencia scientifica de governo que sobremodo honra as suas organizações e os seus leaders.

Mas, senhores, dentro desse vertiginoso trabalho de organização da terra e do ambiente, S. Paulo não descursa do problema humano, por excellencia, a educação.

No realismo constructor dessa gente energica e pratica, e no espirito de democracia, e de liberdade individual que lhe vem inspirando a acção, a escola appareceu como o centro onde as desigualdades se esbateriam e se daria ao homem esse cabedal minimo de oportunidades, com o qual elle poderia entrar na grande aventura da terra paulista.

Não se ignorava, aqui, que através da educação é que a sociedade poderia "reformular a sua propria finalidade, reorganizando seus meios e recursos e modelar-se, assim,

definida e economicamente, pelos ideaes que ella aspira attingir".

Mas não teve, de logo, o serviço publico de educação a presumpção de poder assim se organizar, integralmente. O paulista, antes de tudo, não é um visionario. A sua imaginação, adestrada na realidade immediata de sua luta diaria pela vida, não se enthusiasma sinão pelos ideaes praticaveis e exequiveis. Se um dos traços mais definidos por onde se pode caracterizar a escola é um traço de idealismo — o de seu vigoroso espirito democratico, — nem por isso deixou a sua organização de se prender estrictamente aos limites da sua possibilidade de execução.

Esse idealismo organico e constructor, fez, com que aqui, primeiro que tudo, se buscasse dar a todos a opportunidade de frequentar a escola. Fosse preciso reduzir os cursos até o minimo, não imporava, contanto que se extendesse ao maximo o numero de paulistas que por ella viessem a ser favorecidos.

Ao lado, porém desse ensino universal primario, começava-se a organizar o plano de um systema escolar, onde se offerecessem, em cada grau, as opportunidades educativas que os recursos dos meios viessem permittir. E hoje, somos todos testemunhas da expansão e da prosperidade desse plano, na rede de escolas primarias espalhadas por todo Estado e montadas com o carinho e a efficiencia de uma obra de sinceridade e de democracia, nas suas grandes escolas professionaes, cuja organização honra os educadores de S. Paulo, nas escolas normaes vastas e amplas, e nos institutos de ensino superior, onde ao lado da consummada organização especializada, se está reinvidicando para o preparo e formação do tecnico paulista, as qualidades honestas de seriedade e de efficiencia, que caracterizam todas as boas escolas superiores de paizes já organizados.

Com este vasto systema de escolas, dominado altamente pelo criterio economico — pareceu-me um symbolo comparar o edificio do *gymnasio academico* com os das magnificas *escolas professionaes* — e pelo espirito democratico, offerece S. Paulo, dentro da relatividade do meio brasileiro, o primeiro systema uniforme e progressivo de educação, por meio do qual elle distribue, a todos, ou a quasi todos, aquelle minimo de ensino estrictamente indispensavel á vida civilizada, e depois

começa, através das demais escolas, a selecção dos mais capazes, que são gradualmente habilitados para o trabalho nos diferentes quadros da actividade paulista.

Nessa organização educacional do Estado, não ha sómente a efficiencia de execução do administrador e do professor, como a visão larga do estadista. Toda obra de educação é, pela amplitude de sua finalidade, obra politica. E' a formação nacional que processa nas escolas. Assim para traçar-lhes o plano, como para se marcarem os limites de sua execução, nenhum paiz pode prescindir da visão do estadista, ao lado da mão segura do administrador. Velar pela organização intellectual de um Estado, como este, que é bem uma nação, habilitando o homem para uma honesta entrada na vida, preparando os mais habéis para a possibilidade de uma expansão plena de seus valores e provendo ainda meios para que a cultura paulista atinja essas cumiadas de especialização por que se hão de abrir os horizontes largos da sua cultura scientifica, — é obra que se não restringe simplesmente ao raio visual especializzdo do tecnico, mas que se exige o genio e a visão global de um homem de estado que tenha a intelligencia das possibilidades brasileiras e perceba os caminhos por onde ellas virão expandir-se.

E foi essa obra que viemos surpreender aqui, senhor secretario, na terra magnifica que o governo paulista orienta com tino tão alto e com tão agudo sentido de suas realidades.

A nossa alma de educadores, que se não deixa cegar pela experiencia especializada de nossos estados, mas que vive a espreitar nos homens publicos, a scentelha criadora do estadista, que saiba despertar o genio da nacionalidade, a nossa alma se poz toda em festa, diante do milagre da administração paulista, dessa administração, que, ao meu vêr está pela primeira vez, a pôr, a serviço da realidade brasileira, um espirito deliberado de objectividade scientifica e de organização systematizada.

Não é só daqui que se diz, mas dos paizes mais avançados da terra, que estamos apenas a inaugurar um periodo novo da historia humana. Facilitada pela sciencia a possibilidade de exploração industrial dos recursos da terra e despertado, por todo o mundo, um sadio espirito de democracia e de igualdade entre os homens, está se a iniciar, nesta era moderna da machina, o primeiro periodo de verdadeiro progresso. Nenhum de nós pode prevêr limitações á exploração,

de sua natureza illimitada, das reservas materiaes do nosso planeta, nem á possibilidade de aperfeição progressivo do homem e das suas instituições.

E nesses primordios de uma civilização nova, acontece paradoxalmente talvez, que os paizes jovens que sómente agora estão despertando economicamente para a vida, levam vantagem inevitavel sobre aquelles em que uma longa e profunda tradição alimentada e desenvolvida sob os influxos do velho espirito, difficulta e limita a necessaria reconstrução social.

Nessa situação é que se encontra o Brasil, que, atrazando-se na sua marcha civilizada, vê-se agora, com a possibilidade admiravel de se organizar sob os moldes mais recentes do desenvolvimento moderno. Essa obra, porém, tornou-se de uma complexidade assombrosa, que, sem leviandade, os homens de consciencia do paiz receiavam não fosse atacada com a seriedade e a segurança que os novos problemas requeriam para organização global de suas soluções.

Desse receio São Paulo nos dissuadiu com a demonstração que aqui testemunhamos, do modo por que os problemas nacionaes estão sendo encaminhados, neste Estado, onde o Brasil está a marcar o passo mais avançado de sua civilização.

São Paulo é, graças a essas circumstancias, uma escola experimental do estadista brasileiro, que aqui se familiariza na concentração do territorio paulista, com os problemas mais importantes e mais cruciaes do desenvolvimento brasileiro.

Partimos assim daqui, todos, senhor Secretario com uma alegria nova a cantar em nossa intelligencia de patriotas, deixando por entre o povo paulista, com o nosso alto sentimento de gratidão, a admiração commovida e cordial de quem o reconhece como o irmão mais forte e mais crescido, a quem compete guiar, neste momento, a nacionalidade para os seus destinos maiores.

A. S. Paulo, ao seu presidente, ao corpo de homens que o leaderam, a expressão muito grande do nosso profundo reconhecimento de brasileiro !"

O sr. Fabio Barreto, secretario do Interior, encerrando a sessão agradeceu ao sr. ministro da Justiça, ao governo dos

Estados da Federação, ao Districto Federal, ao Departamento Nacional do Ensino a boa vontade e solicitude com que accorreram ao convite que lhes foi endereçado para participar dos trabalhos da Conferencia, Agradeceu tambem aos srs. conferencistas o concurso que trouxeram para o brilho da Conferencia a qual, disse s. exc., se outra cousa não alcançar, pelo menos attingirá o objectivo principal: a fraternidade intellectuál do Brasil em torno da grande obra da educação nacional.

Encerrada a sessão pelo Dr. Fabio Barreto, seguiu-se o chá dansante offerecido pelo Governo do Estado ás delegações e congressistas.

PALESTRAS E CONFERENCIAS. — Alem das theses apresentadas (não obstante a escassez de tempo, bastante discutidas), ainda muito concorreram para agitar os problemas educacionaes, que de alguns annos a esta parte vêm preoccupando o nosso paiz, as interessantes palestras e conferencias pronunciadas na semana em que esteve reunida a III Conferencia Nacional de Educação.

Os assumptos sobre que versaram foram tratados por vultos proeminentes nos meios pedagogicos do paiz.

Damos a seguir os themas dessas conferencias e os nomes de seus autores:

1) Dr. Plinio Olyntho, da A. B. E.; "Meios de provocar a revelação das vocações technicas profissionaes".

2) Dr. Lucio José dos Santos, delegado do Estado de Minas: "A escola do aperfeiçoamento";

3) Prof. Leoni Kaseff, da A. B. E. e Inspector-chefe do Ensino no Estado do Rio de Janeiro: "Seleção e educação dos supra-normaes";

4) Dr. Gustavo Lessa, da A. B. E. e do Serviço Sanitario Federal: "Orientação da Escola Activa nos Estados Unidos. Suggestões relativas ao meio nacional".

5) Dr. C. Barbosa de Oliveira, da A. B. E., lente da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro e director da escola profissiona "Wenceslau Braz": "Orientação escolar e vocações profissionaes";

6) Prof. Clemente Quaglio, encarregado do Gabinete de Psychologia Experimental da Escola Normal da Capital

“Meios de provocar a revelação das aptidões, das vocações technicas, profissionaes”.

7) D. Celina Padilha, inspectora de ensino na Capital Federal: “Uma expressão da Escola Nova no Districto Federal”.

8) D. Lais Netto dos Reys, enfermeira do Departamento Nacional da Saude Publica: “A enfermagem moderna”.

9) Sra. Artus Perrelet, do Instituto “Jean Jacques Rousseau”, Suissa: “Novo Methodo para o ensino do desenho”.

10) Dr. José Eduardo da Fonseca, da Universidade de Minas, sobre: “A eloquencia mineira”.

Essas conferencias, quasi todas feitas no salão do Club Commercial, tiveram a assisti-las grandes numero de pessoas interessadas nos assumptos sobre que versaram.

EXPOSIÇÕES, VISITAS E FESTAS. — Para que os membros da III Conferencia pudessem ter uma visão de conjunto dos nossos trabalhos educativos, a Directoria Geral da Instrucção Publica, dando cabal desempenho á incumbencia que relativamente á Terceira Conferencia Nacional de Educação lhe fôra commettida pelo Governo, promoveu a organização das seguintes exposições:

a) Exposição pedagogica, installada no edificio do G. E. do Carmo;

b) Exposição pedagogica, da Escola Normal da Praça e estabelecimentos annexos;

c) Exposição das escolas profissionaes masculina e feminina da Capital;

d) Exposição, em Campinas, das escolas profissionaes do interior.

Alem dessas exposições e com o mesmo intuito, tivemos as visitas aos estabelecimentos de ensino, o grande collectivo de gymnastica no Prado da Moóca e os concertos orpheonicos das Escolas Normaes e dos Grupos Escolares.

As exposições do grupo escolar do Carmo, da escola normal da Praça bem como as das escolas profissionaes, patentearam aos visitantes que o ensino no Estado de São Paulo tem uma orientação homogenea; que não estacionou no que foi feito ha 40 annos passados, mas ao contrario, procurou acompanhar, segura e intelligentemente, sem imitações precipitadas e irre-reflectidas, a evolução universal da educação; evidenciaram ao

animo curioso e perquiridor das delegações de technicos de quasi todos os estados da Federação, que as administrações republicanas que se têm succedido em S. Paulo, guardam esse espirito de continuidade e patriotismo tão necessario ao progresso e civilização das nações. O que viram nas salas do tradicional grupo do Carmo, nas salas das escolas normaes e das escolas profissionaes, não constituiu mera exhibição de "sala de visitas" — poderia ser observado em qualquer cidade do interior do Estado, guardadas as devidas proporções.

Os membros da III Conferencia effectuaram, entre outras, a seguintes visitas :

aos grupos escolares da Lapa, "Pedro II," "Rodrigues Alves", de Sant'Anna, do Belemzinho e 1.º do Braz ;

às escolas normaes officiaes e ao gymnasio do Estado ;

às escolas profissionaes ;

às escolas superiores ;

aos estabelecimentos de ensino de Campinas ;

aos centros de saude e educação sanitaria ;

á Penitenciaria e

ao Museu Commercial e Agricola.

Alem dos estabelecimentos officiaes mencionados, visitaram centros industriaes e institutos particulares de ensino.

Do que foram essas exposições, visitas e festas pode-se fazer uma idea lendo o que, respigado da imprensa diaria, abaixo transcrevemos.

ESCOLA NORMAL DO BRAZ

Realizou-se no dia 10 de manhã, a visita dos membros da III Conferencia Nacional de Educação, á Escola Normal do Braz. Os visitantes foram cordialmente recebidos á entrada pelo director, corpo docente, discente e administrativo, sob os mais calorosos applausos.

A Escola Normal do Braz, em homenagem aos illustres visitantes, engalanou-se toda com flores e trabalhos executados pelas alumnas do estabelecimento. Chamaram particularmente a attenção dos visitantes os exercicios cartographicos desenhados em côres e cobertos de missangas, coraes e contas, tendo cada um desses elementos a sua significação geographica. E' uma innovação desse estabelecimento de ensino.

Depois de percorrerem quasi todas as salas da complementar e modelo, onde se realizavam as aulas de aperfeiçoamento das alumnas da Normal que este anno completam o curso, falaram diversos congressistas para externar o entusiasmo de que estavam possuidos pelos methodos adoptados em S. Paulo.

Melhor do que nós, dirão as apreciações transcriptas abaixo :

“A impressão gratissima, recebida ao transpôr os humbraes da Escola Normal do Braz, pela cordial acolhida da centena de moças alegres e entusiastas, penhor do ensino sadio e efficaz ahi ministrado, essa impressão tornou-se cada vez mais grata diante dos optimos methodos de ensino ahi empregados, pela realidade da escola activa, pela intelligencia, a cada momento, sábiamente despertada das crianças da Escola Modelo. As aulas das professoras são perfeitissimas, sobretudo admirei as realizadas pelas alumnas docentes dos ultimos annos, pela excellente methodologia. Em tudo resaltava o carinho, a meticulosidade, o tino de seu illustre director. Ao corpo docente da Escola Normal do Braz, meus effusivos parabens; ás alumnas-mestras, meus applausos; ao director, professor Armando de Araujo, meu ardente entusiasmo. — *Mello Leitão*, presidente da A. B. E.”

ESCOLA NORMAL DA PRAÇA

A's 13 horas, deu-se a visita á Escola Normal da Praça.

A primeira aula foi a de Chimica, sob a direcção do prof. João Borges.

Recebidos na sala sob uma vibrante acclamação das alumnas, o professor João Borges faz a apresentação dos visitantes e explica que vai dar uma aula de chimica experimental.

Solicita, então, á gentileza de ser escolhida a alumna por um dos visitantes. Escolhida esta, o professor João Borges pede que outro escolha o sal e prepara a solução que deve servir de argumento para a alumna.

Esta, com rara habilidade e perfeito conhecimento da materia, desenvolve a lição até final. O dr. Lafayette Cortes, da delegação do Rio, num incontido entusiasmo, elogia a perfeição com que se houve a alumna e o valor do professor, affirmando mesmo que melhor não poderia ser a demonstração do preparo e da excellencia do methodo empregado.

Na sala do 4.º anno da Escola Normal, um dos representantes da delegação do Paraná lê uma Mensagem do Centro de Cultura Pedagogica de Curitiba que abaixo transcrevemos:

“Curitiba, 4 de setembro de 1929. — Normalistas da Paulicéa.

O Centro de Cultura Pedagogica, constituido pelos alumnos dos 4.º e 5.º annos da Escola Normal Secundaria de Curitiba, visando a estabilidade e a integralidade do Magisterio Nacional, envia-vos a mais entusiasticas saudações, oh! jovens professorandas paulistas.

Confiando no vosso patriotismo de verdadeiras brasileiras e na pujança impulsionadora da vossa juventude esperancosa, guarida dos mais sublimes ideaes, o centro de Cultura Pedagogica, crê firmemente na vossa collaboração em prol da defesa dos interesses do professorado.

Igualmente espera da vossa dedicação incomparavel, o subsidio valioso e efficiente para a solução dos mais complexos problemas da educação da infancia brasileira.

A consecução dos ideaes de solidariedade e fraternidade humanas, será levada a bom termo, mediante o vosso inestimavel concurso. E esse concurso, reside na formação de homens consciences e idealistas, entregues ás vossas bemfazejas mãos.

Honosamente, cumprireis vossa missão sacrosanta.

O vosso ardor juvenil, alliado á vossa idealidade sã, desempenhá-la hão para a gloria do vosso Estado e da nossa Patria e para o bem da humanidade.

Acceitai, pois, esta singela saudação do Centro de Cultura Pedagogica.

Em nome do C. C. P.

(a.) Rosinha Silva Cordeiro, vice-presidente em exercicio. — (a.) Flavio Ribeiro, 1.º secretario”.

O representante do Ceará, dr. Moreira de Souza, não se conteve e pronunciou um bellissimo improviso juntando á saudação do Sul a saudação do Norte, para que seja uma só alma, a alma do Brasil, o coração do sul estreitando o coração do norte.

O dr. Erasto de Toledo, cathedratico que lecionava no momento aquella classe, responde com entusiasmo ás saudações que acabavam de ser pronunciadas.

A cada aula que assistiam, a cada trabalho que lhes era dado vêr, o entusiasmo sincero e franco daquelles educadores crescia.

Quando o dr. Lafayette Cortes escrevia no livro dos visitantes a sua impressão, todos os que ali se achavam, pediram-lhe fosse o interprete do agrado geral.

NO GYMNASIO DO ESTADO

Pela manhã os srs. congressistas haviam ido ao Gymnasio da capital. Os visitantes ali chegaram ás 9 horas, sendo recebidos pela congregação e alumnos do Gymnasio.

Percorreram detidamente as suas dependencias, assistindo a alguns trechos das aulas, que estavam em funcionamento.

Após a visita geral feita ao estabelecimento, foi realizada, no salão nobre, a sessão de recepção dos membros da Conferencia.

Sentaram-se á mesa, presidida pelo dr. José Candido, lente e director interino do Gymnasio, os drs. Aloysio de Castro, Mello Leitão, presidente da Associação Brasileira de Educação, Barbosa de Oliveira e professores.

Para saudar os congressistas, teve a palavra o dr. Pedro de Alcantara Marcondes Machado, que produzia um bello improviso.

Após significar o que representava a III Conferencia de Educação, o orador expoz o seu modo de encarar o problema do ensino secundario. Para elle, a sua solução deve abranger um campo mais vasto do que geralmente se julga. As sociedades, como os individuos, apresentam certas molestias diathesicas, produzidas por modificações exteriores ou interiores ao seu organismo. A seu ver, o mal do bacharelismo, do ensino secundario, no Brasil, é uma doença diathesica do nosso organismo social. Assim, o remedio não será apenas o de melhorar o aparelhamento do ensino. E' preciso ir muito além: fazer um verdadeiro trabalho de cura no organismo social brasileiro. Que os homens de boa vontade se encarreguem de levar avante essa verdadeira cruzada de patriotismo.

Em nome dos visitantes, falou o dr. Mello Leitão, que, fazendo considerações em torno do ensino secundario e do modo pelo qual vai sendo solucionado naquella modelar casa de en-

sino, terminou erguendo um hymno a São Paulo e aos paulistas.

Falou, ainda, o dr. Nelson Romero que, em palavras vivas de convicto, declarou peremptoriamente que não acredita na affirmação, que vem sendo feita, segundo a qual o nosso regime de ensino secundario em muito pouco aproveitava aos alumnos. E ahí estava a prova do que garantia: na mocidade cheia de enthusiasmo pelo ensino.

Ainda ha pouco — declarou o orador — tivera a occasião de interrogar, na lingua de Virgilio, a uma alumna. E ella o comprehendera perfeitamente e respondeu-lhe, mostrando conhecer bastante essa lingua morta.

VISITA Á ESCOLA PROFISSIONAL MASCULINA DA CAPITAL.

Como fôra previamente annunciado, realizou-se no dia 11, ás 14 horas, a visita collectiva dos membros da Terceira Conferencia Nacional de Educação á Escola Profissional Masculina da Capital.

Foi uma magnifica demonstração do meritorio esforço que vem desenvolvendo o nosso Estado em prol da educação technica da nossa juventude e da formação de um operariado verdadeiramente brasileiro.

A' hora aprazada, reuniram-se no bello precio da rua Piratininga os srs. drs. Amadeu Mendes, director geral da Instrucção Publica; general Hastimphilo de Moura, commandante da Região Militar; dr. Barbosa de Oliveira, director da Escola Normal "Wenceslau Braz", do Rio de Janeiro; dr. Carneiro Leão, secretario do governo de Pernambuco; dr. Mello Leitão, dr. Lyra da Silva, além de muitos outros membros da citada Conferencia, cujos nomes nos escapam, inspectores escolares e muitas senhoras.

Iniciadas as visitas, o professor Aprigio Gonzaga, director da Escola, conduziu os visitantes á Bibliotheca escolar, onde, em rapida palestra, ao lado de bem organizados quadros explicativos, teve occasião de passar em revista toda a methologia do systema de ensino ministrado na Escola.

Em seguida, passaram os visitantes ás officinas mecanicas, onde se achavam em trabalho cerca de 120 moços que, com pericia admiravel, manejavam as mais variadas machinas espalhadas pelas secções de ferraria, fundição, ajustagem, torneado e frisagem.

Proseguindo as visitas, foram percorridas as secções de chimica applicada, pintura, desenhos e marcenaria em geral, admirando todos os visitantes, a par de uma perfeita ordem e disciplina, a excellencia dos methodos de ensino praticados naquelle acreditado estabelecimento.

Foi para todos uma agradável surpresa a visita á exposição de trabalhos executados pelos alumnos, inaugurada logo a seguir.

Tivemos occasião de notar, na secção de marcenaria, diversas mobílias para sala de jantar e dormitorio artisticamente acabadas com excellentes madeiras nacionaes; na secção de pintura, magnificos trabalhos de decoração com aproveitamento de motivos ornamentaes tirados da nossa natureza; na secção de mechanica, além de varios quadros technicos, um grande torno mechanico de precisão executado inteiramente pelos alumnos, com materiaes nacionaes.

NA ESCOLA PROFISSIONAL "CARLOS DE CAMPOS".

Ainda no dia 11 foi a inauguração do curso de economia domestica e da exposição de trabalhos das alumnas da Escola Profissional "Carlos de Campos", cerimonia essa que tambem figurava no programma da III Conferencia Nacional de Educação.

O curso de economia domestica comprehende tres partes: cozinha, roupas em geral e puericultura, materias que podem ser ensinadas, não como disciplinas especiaes, mas no proprio correr das demais. O programma que a seguir publicamos é assás interessante e esclarece perfeitamente os intuitos dessa secção.

Arte culinaria — O ensino não terá em vista fazer quitutes, mas se conservará dentro destas linhas geraes :

a) — Preparação de alimentos simples e economicos.

Usos de combustiveis, fogões diversos: pratica de preparação do lume sem kerozene, alcool, etc.; uso dos fogões ou fogareiros electricos.

Preparação de alimentos para velhos, para crianças, para pessoas de vida sedentaria; alimento de poupança.

Basta preparar um prato em commum de cada vez, para ser efficiente o ensino. Convirá de quando em vez, mandar que qualquer alumna o reproduza.

b) — Preparação de aves, conhecimento pratico de suas molestias.

A carne de vacca, de vitella, de porco — preparação: molestias especiaes — conhecimento pratico. Hygiene geral dos alimentos; noções de chimica culinaria: — Acção dos acidos e dos causticos: combinações perigosas de alimentos.

c) — Preparação do peixe, dos crustaceos e dos moluscos. Preparação dos legumes e farinaceos.

d) — Limpeza da cozinha:— louças, metaes, vidros, desinfecção. Preparação de sabões. Tirar manchas, arear, polir, encerar.

e) — Custo ou rol das despesas; orçamento para vêr quem prepara uma refeição com o minimo de despesa; visita ao mercado — preço, confrontos. Arranjo do lar.

Lavar, passar, engommar e costurar — a) Noções geraes de lavagem e engommado. Materiaes empregados.

b) Cuidados geraes com a roupa branca; remendar, ser-zir, pregar botões, fazer casas.

c) Concertar meias pelo fio, collocar biqueiras e calca-ahares.

d) Tingir roupas brancas ou de lã.

e) Fazer roupinhas para crianças, por molde; roupas simples para cama, para senhoras, para homens.

f) Elementos de bordados brancos. Pontos de marca. Crochet e tricot.

Puericultura — O programma do curso, no 2.º anno, deve ser orientado de modo que a moça saia da escola com a pratica sufficiente para ser uma boa dona de casa.

Deve a professora abordar a delicada funcção de mãe, mostrando e educando as futuras esposas com tacto e proficiencia, para que bem saibam o futuro que as espera. O programma deve ser executado não á risca, numa ordem rigida, mas aproveitando todas as oportunidades para a educação domestica. Conviria que a escola obtivesse criancinhas de peito, de collo e já andando, irmãs das alumnas, para serem cuidadas, alimentadas: seria ensinar as alumnas a fazer, fazendo.

a) Lavar e vestir crianças.

b) Cuidados com a mammedeira; preparação do leite esterilizado em vidros proprios e em garrafas.

c) Preparação de alimentos para a criança, nas differentes idades; explicação dos phenomenos da vida vegetativa da criança; cuidados especiaes das mães.

d) Arrumar casa — por meio de estampas e com moveis adrede preparados: roupas, cortinas, quadros, plantas, flores e objectos de arte; apreciação dos enfeites; praticas moraes sobre o arranjo do lar: desenho applicado e pintura decorativa.

A solennidade inaugural realizou-se ás 16 horas, tendo sido cumulados de gentilezas, os membros da III Conferencia Nacional da Educação.

Estiveram tambem presentes os representantes dos srs. presidente do Estado, secretario da Justiça e da Fazenda, prefeito da capital e chefe de Policia.

A exposição de trabalhos das alumnas, que foi visitada pelos convidados, occupava 14 salões e esteve assim distribuida :

1.º andar — Pintura, museu pedagogico, roupas brancas, rendas e bordados.

2.º andar — Flores e artes applicadas.

3.º andar — Confeções em geral, chapéus e economia domestica.

Foi excellente a impressão recebida por todos. O fichario de impressões regista claramente o estado de espirito dos visitantes, aos quaes foi servido um chá preparado pelas alumnas e por ellas servido.

A EXPOSIÇÃO DO GRUPO ESCOLAR DO CARMO

Conforme o determinado abriu-se no dia 8 ás 9 horas da manhã, no edificio do Grupo Escolar do Carmo, a grande exposição de trabalhos dos alumnos dos grupos escolares da Capital e Normaes do Braz e Livres dos Collegios de Santa Ignez e Baptista Brasileiro.

O acto inaugural foi presidido pelo dr. Amadeu Mendes, director geral da Instrucção Publica, tendo comparecido todas as delegações que tomaram parte na III Conferencia Nacional de Educação, inspectores escolares, directores de grupo, professores e grande numero de familias.

Segundo pudemos apurar, pelo entusiasmo de que ficavam possuidos os visitantes, e o empenho com que examinavam os trabalhos, não podia ser mais lisonjeira a admira-

ção pelo que S. Paulo, pelo seu culto e operoso professorado, está realizando nesse terreno.

De um dos representantes da delegação do Paraná ouvimos as seguintes palavras :

— “S. Paulo, pela sua grandeza e labor, deixa-nos humilhados. Como conforta o coração do brasileiro patriota a modestia e a cultura do professorado paulista. Esta mostra de trabalhos que aqui está é uma verdadeira messe de ensinamentos. Reparai o que conseguiu o director do Grupo Escolar da Lapa aproveitando a borracha das camaras de ar inutilizadas: babadouros para crianças, bolsas e carteiras escolares. Quantos pequeninos nadas, que ahi estão feitos de retalhos inuteis, de couro velho, de caixas de phosphoros, de cascas de nozes, barbante e outros que iriam para o lixo.

E é isto o que mais interessa ao professorado. Esses trabalhos riquissimos que ahi estão, devidos a seda, e que outr’ora sómente as irmãs de caridade ensinavam nos collegios religiosos, têm um valor relativo, por serem accessiveis sómente ás meninas ricas. No entanto, é de louvar a perfeição com que estão feitos”.

Os visitantes deixaram encantados o edificio do Grupo Escolar do Carmo.

A direcção dos serviços da exposição foi entregue ao inspector escolar Oscar Guilherme Christiano, que teve a auxiliá-lo os professores Ernestino Lopes da Silva, Antonio Azambuja e d. Rita Algodoal.

A exposição occupava de 14 salas, além do aproveitamento dos corredores e saguões e cada uma dellas esteve entregue á direcção de uma adjunta.

Era nosso desejo, citar as variedades de trabalhos de cada uma sala, porém, tornar-se-ia muito longa e exaustiva a lista que fizessemos: havia trabalhos de agulha e suas varias applicações, desenho, mappas, trabalhos em madeira de todos os generos, desde a menor mesa á “maquette” de predios; bondes com os respectivos passageiros; altos relevos em cera, barro e estanho; crochets e suas variedades; oleados; tecelagem; pintura em vidros, pintura em madeira, etc. etc.

Vamos dar uma descripção ligeira das salas, para orientar os que não puderam ir até ao grupo E. do Carmo :

Sala n. 1 — Glycinias — Allegoria á data da Independencia — sob a direcção da professora d. Guiomar Paulo—

Grupos escolares Arnaldo Barreto, Frontino Guimarães, Carandiru, Tucuruvy e Sant'Anna.

Sala n. 2 — Flor de pecegueiro — Allegoria á Republica — Professora d. Alzira Amaral — Grupos Escolares Villa Guilherme, Villa Maria, Guapira e Marechal Floriano.

Sala n. 3 — Cravos — Homenagem aos presidentes da Republica, de S. Paulo, secretario do Interior e director geral da Instrucção Publica — Allegoria aos Estados — Professora d. Maria Julia de Almeida, auxiliada pela professora d. Anna Maria Ferrari — Escolas Normaes Livres Santa Ignez e Baptista Brasileiro.

Sala n. 4 — Chrysântemos amarellos — Professora d. Vitalina Candida da Silva — Escola Normal e Complementars do Braz.

Sala 5 — Flor de ipê — Homenagem á instrucção — Professora d. Maria Vicencia Perreti — Grupos Escolares Belmzinho, Agua Rasa, Villa Gomes Cardim e Itaquera.

Sala 6 — Papoulas — Homenagem ao Brasil — Allegoria ao café e á citricultura — Professora d. Aura de Lima Teixeira — Grupos Escolares 2.º e 3.º do Braz, Penha e Villa Carrão.

Sala 7 — Accacias — Professora d. Pierina Grassi — Grupos Escolares Santo Antonio, Jardim America, Itahim e Rodrigues Alves.

Sala 8 — Hortensias — Professora d. Amelia de Araujo — Grupos Escolares do Butantan, Consolação, Maria José e Bella Vista.

Sala 9 — Chrysandahlias — Professora d. Aurora Amaral — Grupos Escolares 1.º do Braz, Moóca e 1.º do Cambucy.

Sala 10 — Camélias — Professora d. Cybelle Pimenta — Grupos Escolares Oswaldo Cruz, Prudente de Moraes, José Bonifacio e 2.º do Cambucy.

Sala 11 — Corriolas azues — Professora d. Maria Lucia Aranha — Grupos Escolares Barra Funda, Regente Feijó e Marechal Deodoro.

Sala 12 — Papoulas e cristas de papagaio — Professora d. Noemia Amaral Barreto — Grupos Escolares Casa Verde, Lapa, Padre Manuel da Nobrega e Osasco.

Sala 13 — Chrysântemos roseos — Professora d. Lydia Silveira — Grupos Escolares Arouche, João Kopke, Pary e Pedro II.

Sala 14 — Lyrios — Professora d. Sylvia Marques — Grupos Escolares do Carmo e Campos Salles.

Saguão de entrada — Homenagem da infancia paulista a Caetano de Campos — Professoras d. Guiomar dos Santos Garcia Rossi e d. Maria Augusta Siqueira.

Saguão de cima — Homenagem aos Estados do Norte, representada por um recanto brasileiro, formado por palmeiras, ipês, orchideas e uma rede.

Neste local o que chamava particularmente a attenção dos visitantes era um terno de almofadado, feito com caixões velhos e coberto com panno.

Tudo mereceu ser bem examinado, tal o capricho com que foram confeccionados os objectos e aproveitadas coisas já inuteis para outro mistér.

EM CAMPINAS

Realizou-se no dia 12 a visita a Campinas.

Em trem especial, que saiu da estação da Luz ás 8 horas, seguiram para lá quasi todos os membros que fazem parte da III Conferencia, estando representado o governo do Estado pelo dr. Amadeu Mendes, director da Instrucção Publica.

A chegada a Campinas deu-se ás 10 horas, sendo recebidos os visitantes pelo dr. Orozimbo Maia, prefeito da cidade; Annibal de Freitas, presidente da Camara; vereadores e numerosas familias.

Devido ao mau tempo o programma dos festejos com que a municipalidade campineira desejava honrar os illustres membros da III Conferencia ficou muito prejudicado.

A primeira visita coube ao 4.º Grupo Escolar, onde, em homenagem á III Conferencia, estavam expostos trabalhos escolares de todos os grupos e escolas normaes de Campinas.

A recepção ahi foi simplesmente encantadora. O sr. professor Paulo de Oliveira, director do estabelecimento e todo o corpo docente e discente da escola estavam a postos para prestar suas homenagens aos visitantes.

A menina Nancy Assis Pacheco, na occasião em que os visitantes acabavam de chegar, pediu licença para ler uma saudação, o que levou o dr. Moreira de Souza, director da Instrucção Publica do Ceará a fazer a apologia da criança brasileira.

Para a visita ás diversas salas onde se encontravam expostos os trabalhos, a direcção da casa destinou a cada visitante uma professora ou normalista para guiá-lo e informá-lo.

Falar dos trabalhos expostos, da perfeição ou habilidade com que os escolares encheram as salas de exposição, é repetir o que se vê em todas as escolas do Estado.

Vamos relatar, em synthese, os trabalhos de cada sala e o nome das professoras que as dirigiram :

Sala 1 — Trabalhos dos grupos escolares: direcção das professoras d. d. Emilia Cardoso, Cecilia Padua Castro e Zulmira de Abreu: serviços para chá.

Sala 2 — Grupos escolares — Direcção das professoras d.d. Lair de Barros, Concetta Santoro e Antonietta Sarmiento: Confecções, applicações e dormitório.

Sala 3 — Grupos escolares: secção masculina — direcção das professoras d.d. Annita Barbosa de Oliveira, Ubalдина Mugnani e Edith Sidow: trabalhos em madeira.

Sala 4 — Grupos escolares — secção mixta — direcção das professoras d.d. Carmen Carrera, Olivia Marques Figueiredo e Maria Pureza de Miranda Passos: trabalhos de almofadas e pintura.

Sala 5 — Escolas isoladas — direcção das professoras d. d. Olivia Pinto, Lydia Barbosa, Carlota Richerm e Augusta Santinha Vieira; trabalhos em geral.

No andar superior :

Sala 1 — Escola Modelo — Direcção das professoras d. d. Olga Costacurto, Violeta Doria Lins, Otilia Carrera, Lourencinha Penolazi e Eliza Azevedo Lobo: trabalhos em geral.

Sala 2 — Escola Normal Livre do S. Coração de Jesus: direcção das Irmãs : trabalhos em geral.

Sala 3 — Collegio Progresso Brasileiro — direcção das professoras d. d. Emilia Meira, Alda Pompeu de Camargo, Jolie Villac, Alzira Gigueiredo e Rosa Araujo: trabalhos em geral.

ESCOLA NORMAL

Combinações feitas a mão, a machina, desfiadas e bordadas; toalhas bordadas com pontos, Richelieu, cheio, inglês e matiz; rendas de Veneza, irlandesa; bordado dinamarquês;

bordado de seda, a matiz, juntura de agulha; crivos diversos; filet; tricot; macramé; bordado, aplicação; toalhas de ponto de marca; bordado fantasia.

ESCOLA COMPLEMENTAR

Feitura de camisas de crianças (costura a mão e bainhas abertas, sobrecostura); vestidinhos de lã, crochet, filet; ardançoise, estore, toalhinhas; roupinhas de seda, flanela e linho; roupinhas de meninos; toalhas bordadas a matiz, a branco e a fantasia; touquinhas em organdy; toalha de rosto, bordado dinamarquês; cobertor, ponto tunisiano.

Professora, d. Francisca Pompeo de Camargo.

A impressão causada aos visitantes foi agradabilíssima, merecendo os mais francos elogios.

INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO NA ESCOLA PROFISSIONAL "BENTO QUIRINO".

Terminada a visita ao 4.º Grupo Escolar, os visitantes se dirigiram á Escola Profissional "Bento Quirino", para inaugurarem a exposição de trabalhos das escolas profissionaes do Interior, concorrendo a ella as seguintes: "Bento Quirino", de Campinas; Ribeirão Preto, Franca e Amparo.

Recebidos á chegada pelo professor José Minervino, ope-roso director do estabelecimento, o dr. Amadeu Mendes, convidado para cortar a fita symbolica e declarar aberta a exposição de trabalhos, declina da honra para a conceder ao dr. Mello Leitão, presidente da A. B. E., que em breves palavras declara aberta a brilhante mostra da capacidade e possibilidade do ensino profissional em São Paulo.

Percorrendo as diversas salas em que se dividia a exposição, só pudemos notar que as escolas que ali tiveram seus trabalhos expostos estão entregues a verdadeiros mestres nas diversas artes de que se compõem.

A primeira sala a ser visitada foi a que estava occupada com trabalhos da Escola Profissional de Ribeirão Preto, sob a direcção do professor Basilides Godoy, com diversas mostras de trabalhos femininos. Esta Escola apresentava trabalhos de marcenaria, fundição, entalhes, mecanica e séries educativas de fundição e mecanica em diversas salas.

A segunda a ser visitada foi a que estava com trabalhos da Escola Profissional de Franca, sob a direcção do professor Antonio Luiz Pandolfi, e constava, tambem, de trabalhos de marcenaria, entalhes, fundição e mecanica. Vimos um lindo trabalho em entalhe, allegoria ao genio de Carlos Gomes offerecido á Camara Municipal de Campinas e uma reprodução da estatueta "Vendedor de jornal", offerecida ao dr. Fabio Barreto, secretario do Interior.

A Escola Profissional de Rio Claro estava representada tambem com optimos trabalhos de marcenaria, fundição, tornearia, mecanica, pintura, entalhe e outros. E' seu director o professor Braulio Guilherme.

A Escola Profissional de Campinas, apresentava maior variedade de trabalhos: a primeira sala do andar superior, estava toda occupada destacando-se um departamento de Economia Domestica, sob a direcção da professora d. Mary Lapa, auxiliada por d. Guilhermina Duarte do Pateo.

Numa sala, bellissimo trabalho de marcenaria, dormitório; em outra, trabalhos de marcenaria e serviço para chá.

Os trabalhos de marcenaria, fundição, tornearia e outros occupavam diversas salas do andar terreo e superior. No andar cerreo, em duas salas, foram armados dois jardins de inverno, com trabalhos executados pelos alumnos da Escola de ambos os sexos, dando a mais perfeita illusão de que eram verdadeiros. Terminada a visita, o director do estabelecimento num gesto muito fidalgo, offereceu ás senhoras flores identicas ás que ornamentavam esses jardins.

A impressão causada aos visitantes foi excellente, pois os trabalhos que ahi se acham são tão perfeitos quanto os que podem ser executados por habilissimos profissionaes.

GYMNASIO ESTADUAL

A visita ao Gymnasio Estadual devido ao adiantado da hora, foi rapida. Os visitantes, recebidos pelo director do estabelecimento, dr. Annibal de Freitas, percorreram algumas salas de aula, e recebidos pela Congregação, na sala da Bibliotheca, ahi falou em nome do corpo docente o professor Bento Ferraz, respondendo em nome dos congressistas o dr. Isaias Alves.

ALMOÇO NO TENNIS CLUB

A municipalidade de Campinas offereceu aos congressis

tas um almoço no salão de danças do Tennis Club Campineiro.

Falou, offerecendo o almoço, em nome da municipalidade, o professor Ernesto Kuhlmann, respondendo o dr. Lucio dos Santos. Levantou o brinde de honra em homenagem ao dr. Julio Prestes, o dr. Carneiro Leão.

Terminada esta parte do programma os congressistas se dirigiram á

ESCOLA NORMAL DE CAMPINAS

Os congressistas foram ahi recebidos pelo seu director, professor Geraldo Alves Corrêa, pelo corpo docente e muitas normalistas.

A Escola Modelo foi a primeira a ser visitada, saudando os visitantes o professor Francisco Alves Mourão, inspector escolar districtal. Respondeu, agradecendo, o congressista dr. Moreira de Souza.

Na sala do 3.º anno normal, o professor da aula, Sr. Marcellino Velez, fez as alumnas apresentarem desenhos pedagogicos, executados com rapidez, para illustrarem aulas de curso primario. Estes desenhos foram feitos com giz de cor, dando a impressão de verdadeiras aquarellas, o que mereceu francos applausos dos congressistas presentes.

Terminada a visita, foi executado interessante programma pelo Orpheão Normalista.

A direcção desse conjunto esteve affecta ao maestro Elias Lobo Netto.

O acompanhamento ao piano foi feito pelas senhorinhas Clotilde Villas Bôas e Erna Zchekel.

O desempenho dado ao programma, pelas normalistas, fez vibrar de entusiasmo toda a assistencia, falando o sr. Oswaldo Pilotto, pelos congressistas, e o dr. Barbosa de Oliveira, que saudou a criança brasileira. O seu discurso é o seguinte :

“Permitti — senhoras e senhores meus — que o menor dos conferencistas, o mais apagado dos membros deste Congresso, a menos autorizada das vozes se levante a transbordar o entusiasmo profundo e a emoção que invade a sua alma de patriota ! Quero saudar — nesta encantadora cidade, como coração deste grande Estado — a criança e a mocidade brasileira, brilhantemente representadas pela infancia e pela juventude campineira.

Acreditai — sois o objecto precioso dessas nossas peregrinações annuaes, de Estado em Estado, dessas nossas excursões, visando estimular iniciativas, applaudir esforços e coroar resultados dos trabalhos em prol da educação nacional!

Jamais duvidei da grandeza da nossa Patria, e nesses ultimos dias a minha convicção tem se accentuado por tudo que vimos, presenciamos e ouvimos!

Assistindo um destile de forças escolares, bello e disciplinado exercito de paz, sentimos, com orgulho, as conquistas de que somos capazes!

Contemplando, maravilhado, um colectivo de gymnastica, nos certificamos de que a educação physica alliada á moral, intellectual, nos dará a energia e o devotamento necessarios aos maiores commettimentos.

Deleitando-nos com as melodias e harmonias dos orpheons admiraveis, temos a sensação de um côro celestial a convidar á luta e a premiar o sagrado cumprimento do dever.

Todo nosso futuro está nas vossas mãos, esperanças radiantes da Patria: toda nossa gloria está na vossa educação como base segura da grandeza infinita de nossa terra.

Terra abençoada, nascida sob a luz do Cruzeiro, que ha de illuminar sempre os seus destinos, guiando os seus filhos a essa eterna felicidade promettida aos que vivem no estricto cumprimento do seu dever para com a familia, a Patria e a humanidade!

Saudo, pois, na mocidade de Campinas, a esperança brasileira, parcella da futura geração, elemento seguro da definitiva grandeza do Brasil de amanhã.

Viva a criança brasileira! Viva a nossa estremeçada Patria!"

O dr. Lafayette Côrtes, a seguir, levantou-se para saudar o trabalho do dr. Amadeu Mendes, e de todo o corpo docente da Escola Normal de Campinas, como uma affirmativa das possibilidades brasileiras.

A sra. d. Alba Nascimento, inspectora escolar do Districto Federal, falou tambem, sendo bastante applaudida. Eis a sua bella oração:

“Brasileiras!

Queria dizer — Paulistas! — e não pude. Gritou-me o coração: Brasileiras! Nesta atmospherá irradiante, sonora,

illuminada — vejo, ouço e sinto a mulher do Brasil quando — grande, nimbada das fulgurações do talento, poderosa na sua actividade criadora, exuberante, transbordante, inspiradora no seu sentimento profundo, admiravel, veneravel na sua virtude austera através da belleza e da graça — Brasileiras !”

UMA NOTA INTERESSANTE

Como occorreu no 4.º grupo escolar, o director da Escola Normal entregou cada visitante a uma normalista para acompanhá-lo na visita ao estabelecimento.

O dr. Laffayette Côrtes foi acompanhado pela alumna Genny F. Martins e como s. s. se externava com enthusiasmo á sua gentilcicerone, pedimos-lhe que escrevesse as impressões que trouxera da visita. Accedendo gentilmente, o dr. Côrtes escreveu o seguinte :

“Na Escola Normal de Campinas tive a liberdade de escolher entre as alumnas do 4.º ou 5.º anno, a que me servisse de guia para visita ao estabelecimento. Recaiu a minha escolha na alumna Genny F. Martins.

Percorrendo as salas de aula da Escola Modelo, anexa e da Escola Normal, examinando os trabalhos de desenho, cartographia, trabalhos manuaes verificando a fecunda variedade dos objectos da magnifica exposição, tive um guia que me deixou maravilhado, pela perspicacia, pelo tacto pedagogico, pelos attributos didacticos que foi demonstrando durante a sua missão.

As proposições pedagogicas que eu formulava sobre a disciplina da classe collectiva, o meio de despertar os centros de interesse ia ella desenvolvendo, com simplicidade e singeleza mas com uma penetração e uma noção tão segura das questões de ordem geral, que passei a ver como fui psychologo na preferencia que lhe dera para me encaminhar através do ambiente de paz, de luz, de conforto, de hygiene e de alegria sadia e boa do grande e notavel educandario.

Falando em liberdade dada ao educando, perguntei-lhe como se poderia conciliar a ordem entre os alumnos de uma classe com os methodos de Maria Montessori, a admiravel pedagoga italiana e Decroly.

Respondeu-me com naturalidade e fina penetração psychologica :

“Muito simplesmente. Conciliando o maximo de moderação com o maximo de esforço persuasivo. Só creio na disciplina que se desperta espontaneamente na alma da criança. Não acredito nos bons effeitos da disciplina rigidamente coercitiva. Primeiro prevenir com habilidade, procurando perceber as intenções do educando antes que elle pratique o erro; e, se esse fôr praticado, falar ao sentimento, ainda com brandura, despertando no tenro coração o sentimento de veneração para com a professora que soube ser generosa na propria reprovação para com o pequeno ente que educa.

“Emprego, então, da escola activa para, a formação moral da criança?” perguntei.

“Activa, ou melhor, *dynamica* — respondeu-me, com despretenciosa superioridade, aquella adolescente que está destinada a ser uma verdadeira e providencial educadora, para honra de Campinas, de S. Paulo, do Brasil’.

* * *

CONCERTOS ORPHEONICOS: No dia 7 de Setembro, ás 14 horas, realizou-se o concerto orpheonico das escolas normaes. A bella sala de espectaculos do Theatro Municipal, muito antes da hora já regorgitava de espectadores. Todas as suas localidades achavam-se occupadas: frisas, camarotes, balcões, galerias e poltronas completamente cheias da mais selecta assistencia.

Ao occuparem as autoridades os lugares que lhes estavam reservados, ergueu-se lentamente o velario. Pela assistencia, toda de pé, correu um fremito de enthusiasmo, ante o espectáculo que se lhe offerencia: centenas de jovens, em seus uniformes escolares, firmes, disciplinadas, atacavam com ardor as notas marciaes de Francisco Manoel da Silva.

A execução do magnifico programma, sob a regencia dos maestros João Gomes Junior, inspector do ensino de musica, Mozart Tavares de Lima, professor da escola normal da Praça e João Baptista Julião, da normal do Braz, arrancou fartos e prolongados applausos de toda a platéa. Varios numeros foram bisados.

As solistas, senhorinhas Lisette Arco e Flecha e Maria da Gloria Gonçalves Pereira, mereceram e obtiveram muitas e entusiasticas palmas.

Abaixo transcrevemos o programma fiel e magistralmente executado :

HYMNO NACIONAL

- a) AS LAVADEIRAS — (Solo e coro). Solo pela alumna da Escola Normal da Praça, Lisette Flexa. Letra de Thomaz Ribeiro, musica de Barroso Netto ;
- b) O BERÇO — (Canção) Letra e musica de H. Faustino ;
- c) TUTU MARAMBÁ — (Solo e coro). Solo pela alumna da Escola Normal do Braz, Maria G. Pereira. Versos populares. Musica de Luciano Gallet ;
- d) BATUQUE EM SÃO PAULO — (Canção popular). Letra de Arlindo Leal, musica de E. Souto ;
- e) QUEM SABE — (Solo e coro). Solo pela alumna da Escola Normal do Braz, Maria G. Pereira. Letra de Bittencourt Sampaio, musica de Carlos Gomes.
- f) AVE MARIA — (Canção). Letra de Fagundes Varella, musica de João B. Julião ;
- g) AS UYÁRAS — Lenda do Rio Negro (solo e coro). Solo pela alumna da Escola Normal da Praça, Lisette Flexa. Letra de Mello Moraes Filho, musica de J. Gomes Junior ;
- h) A BOSCAIUOLA — (Opera. Canção do II acto). João Gomes Junior.
- i) IMPROVISO DE MANOSOLFA, a 2 e 3 vozes.

HYMNO NACIONAL

Espectaculo identico repetiu-se a 9 de Setembro. Agora coube ao Orpheão Infantil, sob a regencia do maestro João Gomes, demonstrar o adiantamento da nossa cultura musical.

O programma que foi executado brilhantemente é o seguinte :

HYMNO NACIONAL

- a) — A Madrugada (2 vozes). Letra de Olavo Bilac, musica de João Gomes Junior. — Declamação de Margarida Ferraz.
- b) — Ciranda — (2 vozes). Letra de C. de Azevedo Marques, musica de Felix Otero. — Declamação de Dinorah Souza Pereira.
- c) — Habanera — (2 vozes). Letra de Augusto Carvalho, musica de Luiz Levy. — Declamação de Eunyce Rodrigues. Este numero foi bisado.

d) — Turquesas — (3 vozes). Letra de Luiz Guimarães Filho, musica de Carlos de Campos. — Declamação de Lucia Criniti.

e) — Lenda do Caboclo — (3 vozes). Letra de Casemiro de Abreu, musica de H. Villa Lobos. — Declamação de Candida Rocha Malheiro.

f) — Canção do tropeiro — (3 vozes). Letra de C. Martinez, musica de João Gomes Junior. — Declamação de Guimar Ferreira. Este numero foi bisado.

g) — Luar do sertão — (2 vozes). Letra e musica de Cattullo Cearense. — Declamação de Odette Mascagni.

h) — Samba — (3 vozes). Letra de Guilherme de Almeida, musica de João Gomes Junior. — Declamação de Nielsen da Silva Carvalho.

i) — O sino da roça — (2 vozes). Letra de Arlindo Leal, musica de João Gomes Junior. — Declamação de Mariasinha Wohlers.

j) — Improviso de manosolfa, a 1 e 2 vozes.

Hymno Nacional, cantado pelo Orpheon e pela assistencia.

Este o encantador programmma que foi dado apreciar aos que tiveram a ventura de ir ao Municipal.

E' demais dizer que todas as crianças que declamaram, saíram-se bem da incumbencia que lhes foi confiada."

Do que foi o espectáculo realizado a 9, dá-nos circunstanciada noticia o "Diario de São Paulo":

"Falar do concerto do Orpheon Infantil Escolar, hontem no Municipal, não é tarefa facil. Que poderá dizer um chronista de um conjunto de 3.000 crianças que consegue empolgar uma platéa selecta como a que hontem enchia o Municipal ?

Melhor do que todo e qualquer elogio a essa exteriorização do valor da criança e do professorado paulista, falam as demonstrações de entusiasmo que empolgaram toda a assistencia e principalmente as delegações que estão tomando parte na III Conferencia de Educação, a alegria incontida do dr. Fabio Barreto, secretario do Interior, que no saguão do Municipal usou da palavra para dizer do jubilo que lhe ia na alma e do modo pelo qual São Paulo encara o problema da instrucção publica.

— “Não é só São Paulo que está empenhado nesta santa cruzada de preparar o futuro da Pátria, é todo o Brasil”, — diz s. excia.

Durante a audição, levanta-se na sua frisa o dr. Nelson Romero, pede licença ao maestro e em nome da Associação Brasileira de Educação dirige uma entusiástica saudação ao maestro e ás crianças, tendo phrases empolgantes como estas :

— “Bemditas crianças... meninas queridas que interpretam o sentimento da alma brasileira, o canto maravilhoso da nossa nacionalidade, bemdito São Paulo que possui essas bondosas crianças”, e por ahí adiante.

A cada novo numero cresce essa admiração para o espectáculo a que se assistia.

Pedimos a varios musicistas presentes, opiniões sobre o Orpheon Escolar.

Eis o que cada um delles escreveu :

“João Gomes Junior deve ser considerado o verdadeiro criador do Orpheon Escolar no Brasil. — Felix Otero”.

“Admiro extraordinariamente o trabalho formidavel do nosso maestro João Gomes Junior no Orpheon Infantil. — Luiz Levy”.

“As crianças cantam a voz da Pátria e as de São Paulo entoam a alma do povo brasileiro, pela magia de João Gomes Junior. — H. Villa Lobos”.

“Foi para mim uma grande alegria ter conhecido um tão precioso thesouro de hymnos brasileiros. O sr. João Gomes Junior é tão valioso como regente, como é valioso como professor e compositor — Maestro Richard Pfuete, (professor de musica da Escola Allemã e maestro preeminente da musica allemã em São Paulo).

“O Orpheon Escolar paulista é uma das mais bellas obras de civismo criadas no Brasil. — A. Carneiro Leão”.

“Espectáculos como este que nos offerece o Orpheon Infantil das escolas publicas de S. Paulo, sob a regencia do maestro João Gomes Junior, trazem ao nosso espirito a alegria de admirar e a certeza de prever. O Brasil será o paiz maravilhoso que esperamos no dia em que se realizar a esperanca que estes córos annunciam através das pequeninas

almas que surgem para o grande milagre de amanhã. — Oswaldo Orico.”

Mas não foi só isto. As representações do Norte também delegaram poderes ao dr. Isaias Alves, da representação da Bahia, para externar ao maestro João Gomes Junior, toda admiração de que estavam possuídas pela interpretação das das canções nortistas cantadas pelo Orpheon com muito sentimento, com immensa harmonia.

E' justo também destacar o nome da menina Odette Masgni, que recitou “Luar do Sertão”, com muita alma e entusiasmo.

O maestro João Gomes Junior introduziu uma inovação em suas audições: uma escolar apparece em scena e recita a letra que vai ser cantada pelo Orpheon”.

Do mesmo jornal, assignado pelo seu collaborador “D”, é a chronica, que, *data venia*, igualmente transcrevemos:

A CULTURA ARTISTICA NA ESCOLA

Para que S. Paulo continuasse a merecer o justo titulo de “Capital Artistica do Brasil” não precisaria de demonstração mais cabal, mais perfeita do que essa de hontem levada a effeito, no Theatro Municipal”, perante os membros da Terceira Conferencia Nacional de Educação, pelos seus orpheões infantis. Poucas vezes vimos uma sala dominada por um sentimento de admiração tão profundo e, sobretudo, tão sincero. Mas o espectáculo o justificava e merecia aquella admiração entusiasta do que o Brasil tinha de mais notavel, em assumptos educativos.

D facto, quando, pela paciencia, pela arte, pelo gesto, pela dedicação de um maestro illustre, como o é o professor João Gomes Junior, se póde conseguir o quasi milagre que foram aquellas 3.500 crianças, impersonificadas, vibrando, aos seus gestos, com todas as subtis variações de que é capaz a a voz humana, a ponto de dar a todos essa impressão indelevel de conjunto coral completo, como poucos já temos visto na sua especie, — quando isto tudo se dá, não sabemos o que mais admirar: se esse maestro dedicado, ou essa criança maravilhosa — material humano da tempera mais delicada que se poderia imaginar, capaz de por si só engrandecer e honrar uma terra de accentuadas tradições artisticas como a nossa.

As ovações ininterruptas com que foram acolhidas, por todos quantos assistiram hontem a uma das mais bellas demonstrações artisticas de São Paulo, deram a mais lisonjeira, a mais justa, a mais completa consagração que se poderia desejar para os fóros que ainda gozamos entre os grandes centros de cultura do paiz inteiro.

E' dos homens como o professor João Gomes Junior que o Brasil precisa, para levar a todos os seus recantos esse entusiasmo sagrado em prol de uma cruzada, qual a de accor- dar na susceptibilidade infantil de nossas crianças aquelles pendores naturaes para a arte que se mostram tão exuberantes, todas as vezes que alguem os explora, com arte e com sinceridade. Mas não é só isso. O proprio programma com que hontem o Orpheão Infantil Paulista, por mais de uma hora, prendeu a attenção e extasiou uma das mais cultas assistencias de S. Paulo, vale como uma lição de verdadeira brasilidade, pelo gosto apurado na escolha das canções, das musicas, dos motivos coraes dando a cada região do Brasil — do Norte ao Sul — uma opportunidade de exhibir aspectos brilhantes de sua intensa musicalidade.

Todo o Brasil é rico de musica e arte. Mas nem todo o Brasil possui o privilegio de poder encontrar, num homem, o entusiasmo, o amor, o talento, cujos resultados hontem admirámos. Em todo o caso, os talentos não se criam. Nascem do estímulo. Vivem do interesse com que os governos os sabem animar. A demonstração de hontem é um exemplo. E' uma lição do que se póde conseguir no meio brasileiro, quando não faltam estímulos aos homens de talento, e nem friezas para com as verdadeiras demonstrações de arte, ainda que sejam, entre as proprias crianças de nossas escolas primarias.—D."

*
*
*

GRANDE COLLECTIVO DE GYMNASICA — Não menor foi o enthusisamo produzido pelo grande collectivo de gymnastica realizado em data de 11 de Setembro.

A numerosa assistencia aglomerada no prado da Moóca ficou verdadeiramente empolgada com o espectáculo grandioso que se apresentava a seus olhos.

"Cinco mil crianças das nossas escolas publicas estavam lá concentradas, dando a impressão de um mar de cabeças, extendidas como estavam no centro do prado. As alvas cami-

setas, por sobre os calções e as saias azues, matizavam o largo recinto, pondo debaixo dos olhos dos que estavam nas archibancadas um espectáculo que se diria fantasmagórico.

Poucas vezes a nossa cidade teve o ensejo de assistir a uma tão magnífica demonstração colectiva de gymnastica. E a impressão que o espectáculo da manhã de hontem deixou em quantos a elle assistiram, foi das que se não cancellam facilmente da memoria.

Não apenas o quantitavo da massa impressionou, pois que a correcção demonstrada pela petizada no desenvolvimento do programma foi a parte mais admirada. Para um povo novo, como é o nosso, que ainda é obrigado a aturar a pecha de povo mal aparelhado nas suas demonstrações collectivas, o espectáculo de ordem e disciplina a que deram lugar as crianças das nossas escolas, na manhã de hontem, constituiu sobretudo, uma prova provada de que caminha os a passos largos, decidida e firmemente, para a perfeição mais completa.

Já as descripções e as reportagens photographicas das grandes paradas que se realizavam no exterior e que admiravamos boquiabertos, não nos podem impressionar, como dantes. Nós mesmos duvidavamos da nossa capacidade organizadora no tocante ás manifestações collectivas e duvidavamos, não porque fossemos scepticos em demasia, mas sim por estarmos convencidos de que, para isso realizar á perfeição, necessario se faz que haja uma compreensão alta dos deveres civicos. Mas, em verdade, viviamos laborando no erro, pois apenas nos faltava uma acção decisiva, isto é— a experiencia. Hoje podemos dizer altamente que estamos aparelhados para qualquer acção colectiva empolgante. Na manhã de hontem, no Prado da Moóca, tivemos a prova disso.

Além das 4.600 crianças dos Grupos Escolares da Capital, tomaram parte no programma de gymnastica, em numeros differentes, as alumnas das Escolas complementares, sob a direcção das professoras Minervina de Macedo Carvalho e Maria Clara Martins da Silveira; alumnos das Escolas Modelo e Complementar da Praça da Republica, sob a direcção do professor Fritjof Dethow; alumnas da Escola Normal do Braz, sob a direcção da professora Debora Dente; e alumnos da Escola Normal da Praça, sob a direcção dos prof. Ebert e Carmen de Barros. A direcção dos 4.600 alumnos dos Grupos Escolares esteve a cargo dos professores Augusto Ribeiro de Carvalho e Fritjof Dethow.

Na tribuna official, além do dr. Julio Prestes, presidente do Estado, viam-se outros representantes do governo e do Estado, viam-se outros representantes do governo e innumerables personalidades de destaque em nossos meios officiaes e sociaes. Nas archibancadas lateraes e no recinto todo agglomerava-se grande massa de povo. Uma secção da banda da Força Publica prestou serviço durante os exercicios, pondo no publico todo uma alegria communicativa.

O desenvolvimento do programma teve inicio exactamente ás 9,30 minutos, conforme havia sido annunciado. A primeira parte do programma consistiu no bailado sueco, executado primorosamente pela alumnas das Escolas Complementares. Pormenorizar, numero por numero do programma, dizendo da impressão que as execuções deixaram no publico, não diremos que seja tarefa difficil, mas certo que é desnecessaria, se dissermos, de uma feita, que as alumnas se portaram á perfeição.

Mas, se dizer isso é desnecessario, preciso se faz que digamos do esforço e da boa vontade que, através da perfeição demonstrada pelas executantes deve ter existido nas pessoas que instruíram os alumnos. A quem assiste a uma tão bella e extraordinaria demonstração passa despercebido o valor e o merecimento de quem essa demonstração organizou, durante semanas inteiras, talvez mezes completos. E' preciso, pois, que sejam exaltadas as virtudes demonstradas pelos organizadores, sejam elles os dirigentes superiores, sejam os simples cooperadores, que andaram de escola em escola a ensaiar a petizada. Assistimos, num dos nossos Grupos Escolares, a varios desses ensaios e não nos foi difficil compreender os embaraços decorrentes da organização nova que são essas essas demonstrações. Isso, com relação aos organizadores, era necessario que o dissessemos, pois a nós, que queremos ser observadores, não deve bastar a exteriorização das coisas, mas devemos penetrar-lhes o intimo, o ponto de partida. E volvemos ao programma desenvolvido.

A segunda parte constou de gymnastica sueca, executada por alumnos das Escolas Modelo e Complementar da Praça. Ao final de cada numero do programma estrugiam palmas calorosas, tal o entusiasmo do publico, que nisso tudo via não apenas a demonstração de um esforço de ensinamento, mas sim a prova de uma nova capacidade civica de nosso povo de amanhã.

As alumnas da Escola Normal do Braz executaram, na terceira parte uma dansa hungara, que agradou bastante. Em quarto lugar tivemos os exercicios em aparelhos suecos, executados por alumnos da Escola Normal da Praça. As alumnas da mesma escola ainda executaram o colectivo rythmico, merecendo applausos. Por fim, na sexta parte, houve o grande colectivo de gymnastica pedagogica, em que tomaram parte os 4.600 alumnos dos Grupos Escolares. A assistencia vibrou do mais intenso enthusiasmo quando a maré humana de crianças, que permanecera sentada no meio do prado, em ordem perfeita, agitou-se para os exercicios. Esse enthusiasmo tornou-se ainda mais intenso quando, ao termino dos exercicios, as crianças agitaram as bandeirolas e entoaram, acompanhadas pela banda da Força Publica, o Hymno Nacional. O espectáculo das 9.200 bandeirolas verde-amarellas agitadas no ar communicou á assistencia um momento de commoção forte. E as palmas ecoaram fragorosamente por todo o recinto do prado.

Voltando á posição primitiva, de descanso, as crianças receberam um lanche offerecido pelas damas da Associação Protectora dos Animaes, que quizeram aproveitar a oppor-tunidade para uma propaganda em prol dos irracionaes no seio daquella massa infantil.

Cinco mil lanches foram preparados para essa distribui-ção e entregues a cada uma das crianças, na melhor ordem. Foram a alma dessa iniciativa as senhoras Zizi Moreira e Aurelina Marcondes de Moura, verdadeiramente incansaveis no desenvolvimento da tarefa a que se entregaram.

Em cada lanche vinha um cartão illustrado e com dizeres significativos em relação á protecção que os meninos devem aos animaes.

“Evite o estilingue contra os passaros” ; “não bata nos gatos e nos cachorros” ; “não maltrate emfim, todo e qualquer animal” ; E nos dizeres vinham as razões por que assim se deve proceder, por que assim devem agir os meninos, que serão amanhã os homens. E desde pequenos é que elles devem ser habituados na pratica do bem, do amor aos irracionaes.

A muitos pareceu um tanto estranho que a Sociedde Protectora dos Animaes dispensasse seus cuidados aos meninos das escolas, no Prado da Moóca. Mas é que aquella associação, que ainda não conseguiu, como merecia, ser comprehendida por toda a população, quiz mostrar que trabalhando

em prol dos animaes, é-lhe possível cuidar tambem dos homens. E pensaram suas dirigentes que, melhor do que a qualquer outra categoria de homens, era preferível e, talvez, mais aproveitável, falar ás crianças. E falar-lhes de um modo singelo, numa hora de descanso, em que o pequeno lanche representa um reconfortante do corpo fatigado pelo exercicio.

Emquanto, com u'a mão, os pequenos levavam á bocca o pãozinho recebido, na outra mão detinham o cartãozinho de propaganda, que liam e reliam, admirando a sua illustração. Terá sido, com certeza, de grande efficacia a propaganda, pois no espirito daquellas crianças não podem ter deixado de penetrar fundo os ensinamentos apregoados, pelos dizeres dos cartõezinhos. Das cinco mil crianças, pelo menos a metade, deve ter reflectido um momento. E essa reflexão aprofundar-se há ainda mais nos dias seguintes, quando recordarem a "festa" da Moóca, os exercicios, o lanche e os dizeres dos cartõezinhos que vinham com o mesmo. Serão, assim, mais. . . 2.500 crianças, no minimo, que se devotarão ao bem para com os irracionaes. E para as damas da Associação Protectora dos Animaes será mais uma batalha magnificamente vencida.

Eis o programma da gymnastica em conjunto das escolas publicas, no dia 11 :

1 — "Bailado sueco" pelas alunas das Escolas Complementares da Capital, sob a direcção das professoras DD. Minervina Macedo de Carvalho e Maria Clara Martins da Silveira.

2 — "Collectivo de gymnastica sueca", pelos alumnos da Escola Complementar da Praça da Republica e Escola Modelo "Caetano de Campos", sob a direcção do professor Cap. Fritjof Detthow.

3 — "Dansa hungara", pelas alunas da Escola Normal, do Braz, sob a direcção da professora D. Debora Dente.

4 — "Exercicios em aparelho sueco", pelos alumnos da Escola Normal da Capital, sob a direcção do professor Alfredo Ebert.

5 — "Collectivo rythmico", pelas alunas da Escola Normal da Capital, sob a direcção da professora D. Carmen de Barros.

6 — "Grande collectivo de gymnastica pedagogica", com 4.500 crianças dos terceiros e dos quartos annos dos grupos

escolares da Capital, sob a direcção dos professores Augusto Ribeiro de Carvalho e Fritjof Detthow.

DEMONSTRAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO CASABRANQUENSE DE CULTURA PHYSICA

Extra-programma, o professor Alberto Krun, da Escola Normal de Casa Branca, e presidente da Associação Casabranquense de Cultura Physica, apresentou um grupo de rapazes e moças dessa associação, em curiosos e difficeis numeros de gymnastica.

A excellente demonstração terminou com a formação de uma pyramide, encimada pelo distico: "Salve III Conferencia Nacional de Educação".

Os delegados estaduaes á Conferencia de Educação, foram unanimes em elogiar, sem reservas, as demonstrações.

Essa opinião unanime foi, aliás, expressa pelo dr. Lafayette Côrtes, em saudação que fez ao sr. presidente do Estado.

— Todos os que entendiam desse assumpto sabiam como era difficil uma demonstração como a que alli se realizára. Era mais uma prova para reforçar no animo dos congressistas a convicção da liderança de São Paulo, nesse como em outros terrenos!

As ultimas palavras do orador foram cobertas por uma salva de palmas e por vivas aos srs. Julio Prestes e Washington Luis.

PUBLICAÇÕES DISTRIBUIDAS: — Alem das varias publicações distribuidas por particulares e por delegados de Estados representados na III Conferencia Nacional de Educação, a Directoria Geral de Instrucção Publica organizou a distribuição das publicações constantes da lista que a seguir publicamos:

A DISTRIBUIR NA SESSÃO PREPARATORIA:

Monographia sobre o progresso de São Paulo.

Graphicos referentes á evolução do ensino no Estado.

Album dos edificios esclares.

A' ESCOLHA DOS SENHORES CONGRESSISTAS :

Relatorio de 1927 e 1928 do Director Geral.

Revista "Educação", desde novembro de 1928.

"No segundo anniversario do governo Julio Prestes".

Regulamento referente ao ensino no Estado.

Monographia sobre a Escola Normal do Braz.

Monographia sobre a Escola Profissional Masculina da Capital.

Album illustrado da Escola Profissional "Carlos de Campos".

Bases para a organização e execução do programma do ensino nas Escolas Normaes de tres annos.

Programma do ensino nas Escolas Complementares.

Programma do ensino nas Escolas Profissionaes Masculinas.

Programma do ensino nas Escolas Profissionaes Femininas.

Programma do ensino nas Escolas Primarias.

Instrucções para as Escolas Normaes Livres.

A bandeira dos Estados Unidos do Brasil.

Hymnario Escolar Brasileiro.

Hymno da Escola Rural.

* * *

OUTRAS NOTAS

CHÁ DANSANTE

Pronunciado o ultimo discurso da sessão de encerramento da Conferencia, teve inicio o chá dansante offerecido pelo Governo do Estado aos congressistas. Extincto o eco dos ultimos applausos, deu-se no amplo salão um reboliço: o recinto das sessões rapidamente transformou-se em sala de chá. Desarrumaram-se as cadeiras, ainda ha pouco alinhadas para accomodar os congressistas. Espalharam-se mesinhas aqui e alli. O salão "Ramos de Azevedo", agora num ambiente de festa, regorgitava de uma multidão cheia de alegria. O chá dansante foi a nota distincta com que se encerraram as festas em homenagem aos membros da Terceira Conferencia Nacional de Educação.

CURSO DE FERIAS NA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUCCÃO PUBLICA.

Tendo estado, com a Conferencia de Educação, presentes em São Paulo, quasi todos os inspectores districtaes do ensino, o dr. Amadeu Mendes organizou um curso especial de ferias, para que esses inspectores pudessem examinar algumas questões referentes á instrucção.

Esses cursos foram dados sob a direcção do inspector Ferraz de Campos e disseram respeito exclusivamente ao ensino da Arithmetica.

CARTAS DE AGRADECIMENTO

O dr. Amadeu Mendes, director geral da Instrucção Publica, recebeu do dr. O. B. de Couto e Silva, do Conselho Director da A. B. E. e da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a seguinte carta : "O Congresso de Educação em São Paulo foi uma oportunidade magnifica para todos nós avaliarmos o que São Paulo tem já realizado em materia de instrucção publica. Foi-me immensamente grato verificar o enorme progresso feito nesse dominio, maior que o supposto em qualquer previsão optimista, ao lado do progresso material conhecido e immenso, principalmente da cidade de São Paulo, de que já se disse ser a cidaded e desenvolvimento mais rapido em todas as Americas.

De outro lado a encantadora acolhida permittiu-nos relações com amigos generosos que nos deixaram a todos profundamente sensibilizados.

O inesperado de minha partida não permittiu despedir-me como desejava e particularmente ao senhor quero agradecer pessoalmente e ao governo de São Paulo, a fidalguia da recepção e as suas attitudes de constante e delicada attenção.

Com a mais alta consideração e viva estima, subscrevo-me amigo muito grato — (a.) O. B. de Couto e Silva.

Do sr. dr. A. Carneiro Leão, illustre educador patricio, que representou o Estado de Pernambuco na III Conferencia Nacional de Educação, ha pouco realizada nesta Capital, recebeu tambem a seguinte carta :

"Reitero, mais uma vez, ao illustre e generoso amigo, todos os meus agradecimentos pela gentilezas com que me distinguuiu.

Uma das melhores impressões trazidas de São Paulo (e ellas foram grandes e gratissimas) foi o convívio, deveras captivante, com o illustre Director Geral da Instrucção Publica.

Conto que, em Setembro do anno proximo, e então em meu Estado natal, terei o grande contentamento de vê-lo e de ouvi-lo.

Disponha como entender do patricio, admirador e amigo.
— A. Carneiro Leão.”

UMA CONTRIBUIÇÃO DA INSPECTORIA DE EDUCAÇÃO SANITARIA E CENTROS DE SAUDE.

Entre os impressos que constituem bagagem divulgativa, de materia cultural, pedagogica e de educação sanitaria, que entre nós surgiram á margem da III Conferencia Nacional de Educação, merece lugar de destaque a collectanea de serviços da Inspectoria de Educação Sanitaria.

E' um documento de alto valor e apreço, reunindo em suas diversas paginas os aspectos da brilhante obra de assistencia sanitaria e social que vem realizando esse importante departamento do Serviço Sanitario do Estado.

A' guisa de prefacio encontramos nessa contribuição, uma synthese da importante tarefa dessa Inspectoria, desde o seu primeiro inspector, dr. Waldomiro de Oliveira, que ora dirige, com alta competencia o Serviço Sanitario, ao actual, dr. F. Figueira de Mello, uma capacidade realizadora.

E pelo texto a dentro encontramos o historico da Inspectoria, com o seu programma geral, e, dahi em diante, uma documentação larga, sobre educação sanitaria nos Centros de Saude; educação sanitaria nas escolas, nos domicilios e nas associações e fabricas.

Reproduz, tambem alguns cartazes educativos e uma série de graphics sobre hygiene infantil, demonstrando o movimento progressivo do serviço nos Centros de 1925 a 1928; mostrando o numero de crianças, na idade pre-escolar e escolar, attendidas em identico tempo; emfim, o numero de palestras realizadas pela Inspectoria de 1925 a 1929.

Esse album, distribuido no recinto da Conferencia, causou a melhor impressão no circulo dos srs. congressistas.

THESES APRESENTADAS A' III CONFERENCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO

- 1) Andronico de Mello — Combate ao analfabetismo nas zonas ruraes.
- 2) Norberto de Almeida — Combate ao analfabetismo nas zonas ruraes.
- 3) Antonio Primo Ferreira — Combate ao analfabetismo nas zonas ruraes.
- 4) Francisco de O. Junior — Combate ao analfabetismo nas zonas ruraes.
- 5) Zaida Ferraz do Amaral — Combate ao analfabetismo nas zonas ruraes.
- 6) João Baptista Fonseca — Combate ao analfabetismo nas zonas ruraes.
- 7) José de Mello — Combate ao analfabetismo nas zonas ruraes.
- 8) Balthazar Godoy Moreira — Combate ao analfabetismo nas zonas ruraes.
- 9) Fernando Magalhães — Combate ao analfabetismo nas zonas ruraes.
- 10) Rubens Falcão — Combate ao analfabetismo nas zonas ruraes.
- 11) Maria José da Silva — Combate ao analfabetismo nas zonas ruraes.
- 12) Alipio Franca — Combate ao analfabetismo nas zonas ruraes.
- 13) Antonia R. de C. Lopes — Combate ao analfabetismo nas zonas ruraes.
- 14) Balthazar de Godoy Moreira — A organização e disseminação das escolas primarias em face dos recursos financeiros.
- 15) Lauro Teixeira de Barros — O mesmo assumpto.
- 16) Sebastião A. de Almeida Salles — Ensino rural.
- 17) Mario Pinto Serva — Plano de alphabetização do Brasil.
- 18) Frederico Silva Ramos — Do ensino primario e profissional e da educação sanitaria.
- 19) Andronico de Mello — A necessidade de um serviço de fixação da individualidade physica, intellectual e moral do educando e da sua escolaridade como instrumento de alto valor na organização escolar.

- 20) Eunice Peregrina de Caldas — A iniciativa particular na organização das escolas primarias e profissionaes. Meios de provocar e intensificar essa iniciativa.
- 21) Heitor Mariz — Treino mental.
- 22) Americo Valerio — Educação democratica.
- 23) Guiomar Souto de Avellar — Nacionalização da escola activa. Adaptação dos methodos estrangeiros ás escolas brasileiras.
- 24) Dr. Alberto Silva — Da educação sanitaria. Sua organização e funcção. A instrucção sanitaria através da escola.
- 25) Carolina Coelho do Rego Rangel — A educação sanitaria e o futuro do Brasil.
- 26) Dra. Carmela Juliani — Considerações sobre hygiene e inspecção medica-escolar através da escola.
- 27) Dr. Decio Parreiras — Educação sanitaria.
- 28) Francisco Alves Mourão — A educação sanitaria. Sua organização e funcção. A instrucção sanitaria através da escola.
- 29) Antonio Augusto Machado e João J. Nascimento Junqueira — Da instituição das escolas normaes livres e o seu papel na formação do professorado brasileiro.
- 30) Amphrisia Santiago — As escolas normaes livres. Seu papel na formação do professorado primario.
- 31) Raul Gomes — O ensino profissional. As necessidades do Brasil e a solução do problema.
- 32) Dr. Antonio Piccarolo — Uma falta no ensino brasileiro. As faculdades de letras e philosophia.
- 33) Dr. C. A. Barbosa de Oliveira — Disseminação do ensino secundario.
- 34) Dr. João Cruz Costa — A questão do ensino secundario.
- 35) Dr. Isaias Alves — Como formar a opinião publica sobre as vantagens do ensino secundario efficiente base da cultura media do paiz. Responsabilidade dos paes na deficiencia do ensino secundario. Meios de combater essa deficiencia.
- 36) Henrique Geenen — Os estudos classicos e a finalidade do ensino secundario.
- 37) Prof. Dr. Isoldi — A finalidade do ensino secundario.
- 38) Dr. Gonçalo Moniz — Finalidade do ensino secundario.
- 39) Dr. Isaias Alves — Finalidade do ensino secundario.
- 40) Corlumbo Ferreira — Finalidade do ensino secundario.
- 41) Erasmo Braga — Finalidade do ensino secundario.

- 42) Dr. Gonçalo Moniz — Defeitos da legislação brasileira relativamente ao ensino secundario.
- 43) Dr. Isaias Alves — Defeitos da legislação brasileira do ensino secundario.
- 44) Jorge Abreu — Responsabilidade dos paes na deficiencia da instrucção secundaria do paiz. Meios de combater essa deficiencia.
- 45) Dr. Joaquim Moreira de Souza — Responsabilidade dos paes na deficiencia da educação secundaria do paiz. Meios de combater essa deficiencia.
- 46) Oswaldo Pilotto — Responsabilidade dos paes na deficiencia da educação secundaria do paiz. Meios de combater essa deficiencia.
- 47) Rotary Club Ribeirão Preto — Dr. Domingos Vilhena Moraes — Ensino secundario — Deficiencia e causas.
- 48) Teresa Figueiredo Santos — Nacionalização da Escola Activa
- 49) Prof. Leoni Kaseff — A Escola Regional.

Contribuição para uma reforma do ensino secundario, organizada pela Associação Brasileira de Educação. (departamento do Rio de Janeiro):

RESPOSTAS — THESES :

- Dr. A. Carneiro Leão.
Prof. Alba Cañizares Nascimento.
Dr. Alceu Amoroso Lima (Tristão de Atahyde).
D. Alice Carvalho de Mendonça.
D. Amelia de Rezende Martins.
Prof. Antenor Nascentes.
" Archimedes Pereira Guimarães.
" Branca de Almeida Fialho.
" Candido Mello Leitão.
" Carlos Alberto Franco.
" C. A. Barbosa de Oliveira.
" Carlos Delgado de Carvalho.
" Carlos Werneck.
" Charles Charnaux.
" Décio Lyra da Silva.
" Euclides Roxo.
" Fernando de Magalhães.

Prof. Fernando Nereu de Sampaio.
 " Francisco A. Figueira de Mello.
 " Francisco Venancio Filho.
 " Gastão Ruch.
 " Hahnemann Guimarães.
 " Heitor Calmon.

D. Isabel Jacobina Lacombe.

Prof. Isaias Alves.
 " J. C. d'Affonseca.
 " Joaquim Nogueira de Almeida Pedroso.
 " José Piragibe.
 " Padre Leonel Franca.
 " Lindolpho Xavier.
 " Lucio José dos Santos.
 " Mario de Souza Lima.
 " Alexandre Corrêa.
 " Augusto de Souza Barros.
 " Nelson Romero.
 " O. B. de Couto Silva.
 " Roberto de Almeida Cunha.
 " Salvador Fróes.
 " Rodolpho Jacob.
 " Victor Vianna.
 " Virgilio Corrêa Filho.

Da A. B. E., Departamento do Espirito Santo.

A secção de Educação Sanitária recebeu mais as seguintes theses: Organização da Inspectoria de Educação Sanitaria e Centros de Saude — Dr. Figueira de Mello. Educação Phisica — Dr. Mendes de Castro. Febre amarella e Educação Sanitaria — Dr. Sylvio de Araripe Succupira. Diminuição dos abortamentos criminosos pela Educação — Dr. J. Vieira de Macedo. Escola e Saude — Maria Antonieta de Castro. Educação Sanitaria e Hygiene Mental — Maria Conceição Junqueira. A Educação Sanitaria — Oscar Augusto Guelli. A Educação Sanitaria e o Futuro do Brasil — Sebastiana Sampaio. A Educação Sanitaria e o Centro de Saude Modelo — Alzira Gomes. A Educação Sanitaria através das Escolas — Esther Pinto. A Educação Sanitaria e assistencia sanitaria infantil — Joaquim Carneiro Lima. A theoria da superioridade do homem perante a anthropologia moderna — Alba Cañizares. Nascimento.

* * *

Não podemos fechar esta resenha dos factos occorridos na III Conferencia Nacional de Educação sem mencionar a dedicação dos funcionarios, auxiliares e collaboradores da Directoria Geral da Instrução Publica, no cumprimento das attribuições que lhes foram dadas. Inspectores, directores e professores, bem como todos os demais estiveram á altura das responsabilidades assumidas.

Eis, *grosso modo*, a ordem de successão das grandes classes de interesse, tendo-se em conta apenas os seus periodos de culminação:

I. *Estádio de aquisição, de experimentação:*

- 1 — Periodo dos interesses perceptivos, durante o primeiro anno.
- 2 — Periodo do interesse glossico, durante o segundo anno e o terceiro.
- 3 — Periodo dos interesses geraes; despertar intellectual (idade das perguntas), de 3 a 7 annos.
- 4 — Periodo dos interesses especiaes e objectivos, de 7 a 12 annos:

II. *Estádio de organização, de avaliação:*

- 5 — Periodo sentimental; interesses ethicos e sociaes; interesses especializados; interesses respeitantes ao sexo; de 12 a 18 annos e mais.

III. *Estádio da producção:*

- 6 — Periodo do trabalho. Os diversos interesses são elles proprios subordinados a um interesse superior, seja um ideal, seja simplesmente o interesse de conservação pessoal, e não desempenham em relação a este senão o papel de meio a fim. Idade adulta.

(DR. EDUARDO CLAPARÈDE — *Psychologie de l'Enfant et Pédagogie expérimentale*).

COMBATE AO ANALPHABE- TISMO NA ZONA RURAL

THESE APRESENTADA A' TERCEIRA CONFERENCIA NACIONAL
DE EDUCAÇÃO DE S. PAULO 1929

Prof. Fernando Magalhães

Cathedratico da Faculdade de Medicina do
Rio de Janeiro. Da Academia Brasileira
de Letras. Membro do Conselho
Superior do Ensino.

O problema do Brasil é o da sua distribuição humana desordenada. Ao lado das agglomerações inquietas, insatisfeitas e ameaçadoras, vegetam os nucleos perdidos na solidão, soffrendo resignadamente no abandono e na inutilidade.

A doença do citadismo encontra pelo menos o amparo verbal dos conductores de opinião, interessados na expressão votante, ou na tiragem jornalística. O insulado dos campos é uma unidade desvalorizada no esquecimento. Entre nós, a hygiene merece referencia e applauso especial: a protecção rural appareceu sómente depois que o saneamento e a prophylaxia alargaram pelo interior do paiz seus prestimos e suas lições, propositos esses que infelizmente só ecoam em gente de entendimento e de vontade. Não se aproveita do serviço da hygiene rural muito do que se pudera porque a instrucção sanitaria não é devidamente compreendida.

O homem dos campos não sabe lêr. Para remover tão grande mal, os dirigentes despacham, em funcção publica, publica, os encarregados da missão educadora. Missão penosa e sombria. Quem a ella se entrega sabe bem que os limites de sua vida se apertam na vastidão do isolamento. E ou um decidido desejo de servir ou uma absoluta necessidade de ganhar a vida explicam a pesada obrigação solicitada. Não é preciso apellar para o enfado que o mistér provoca nem para a surda rebeldia á dureza do encargo. Se não existem de principio taes disposições, ellas não tardarão, diante da pouca utilidade do esforço e dos desanimos agravados de monotonia.

Por outro lado, a distribuição das escolas vai apenas pontilhar aqui e ali grandes extensões deshabitadas. A crian-

ça caminhará longamente, com o favor do tempo, ou sob a sua inclemencia, para alcançar onde lhe ensinem. A obrigatoriedade, com pena e constrangimento, não pode inculcar nos paes pouco consciences e nos meninos nada disciplinados a vantagem de desafiar as longitudes asperas em busca da instrucção. A vida solta, a indolencia, tem mais força do que o valor incompreendido da escola. Assim, o effeito minguado de um trabalho largo e fastidioso é outra condição para mais esmorecer as boas decisões. O mestre enfada-se finalmente na inutilidade do seu sacrificio. Não necessitamos penetrar no interior do Brasil pois na zona rural da capital do paiz conhecem-se as difficuldades que ha em exercer tranquilamente o magisterio official. Não se trata de descuido administrativo na solução do problema. Até hoje, só se insiste no que parece razoavel mesmo com grande dispendio de energias e de recursos, orientação essa que não assiste convenientemente ao problema. Escolas perdidas no deserto das distancias onde o alumno longinquo mal pode ir, e o professor solitario pouco pôde resignar-se, são aparelhamento caro e de efficiencia reduzida.

Não admira pois que por fim os capazes recusem a função docente de tão precario exercicio. A regra do ensino ambulante, a medida do professorado leigo, são de ordem secundaria e só admissiveis como providencia transitoria.

Rarefeitos os nucleos de população, afastados da acção immediata dos responsaveis, a imprescindivel necessidade de se levar ao sertão instrucção ao habitante esquecido reclama outro recurso que não o repetir-se a formula ensinante dos grandes centros. Certamente o ideal seria remover para locação mais ajuntada os tectos esparsos, mas a pouca probabilidade da idéa permite pensar no que valerá ao problema do ensino rural a organização dos internatos para crianças dos 6 aos 12 annos, onde a assistencia individual, a observancia da hygiene, a preservação da saude, a instrucção adequada, facilitarão o excellent resultado da boa vigilancia adminis- trativa.

Depois, os grandes estabelecimentos abrangendo bom numero de alumnos, dão ao mestre uma finalidade que alenta a vocação, distraida do aborrecimento. Ha onde trabalhar e como se satisfazer quem quer que seja com a consequencia feliz do seu trabalho. O mestre rural não prescindirá do seu character de missionario leigo.

Só tendo onde agasalhar o filho do homem dos campos, dos 6 aos 12 annos, poder-se há cuidar da obrigatoriedade do ensino, obedecendo a um programma de cultura inicial pelo conhecimento sufficiente da lingua materna, das tradições historicas do povo, da extensão territorial e aspectos geographicos do paiz, das noções de hygiene, da educação cvica ao lado da aprendizagem do cultivo intelligente e do aproveitamento de suas riquezas. As necessidades locaes, os interesses circumstantes, formarão o programma pratico que dará rumo proveitoso á vida rural no Brasil, criando uma população pensante, capaz de mantê-la, melhorá-la e defendê-la.

Não faltarão argumentos contrarios á novidade ou á originalidade da idéa. Um dos tropeços será a verba, argumento que não deve prevalecer. Despesa, tambem requer o funcionamento das escolas recebendo em algumas horas do dia crianças oriundas de pontos remotos. E' despesa de proveito reduzido. No emtanto, os gastos com o preparo e a manutenção dos internatos ruraes primarios, por serem efficazes e productivos, deixam de ser dispendio.

O habitante do campo, colono ou pequeno lavrador, pensa na exploração do braço infantil para o trabalho exaustivo, embora rudimentar da terra. E' de toda parte esta tendencia ; na França, ha lugares em que 40% dos matriculados faltam ás escolas ruraes e aos 8 annos já os meninos são occupados na guarda dos rebanhos. Entre nós, talvez a situação não seja a mesma, pois o cummum é o abandono dos pequenos, crescendo num primitivismo amedrontado que apaga a iniciativa selvagem com a indolencia indifferente.

Essa gente precisa ser tratada physica, moral e intellectualmente. O internato primario, verdaeiro lar adoptivo, attende tambem á selecção para os que prometterem bom aproveitamento em cultura mais desenvolvida. Até a idade attende á selecção para os que prometterem bom aproveitamento em cultura mais desenvolvida. Até a idade maxima, 12 annos, o ensino rural offerece antes de tudo á criança uma compreensão exacta da natureza que o cerca, seus phenomenos e beneficios. O conhecimento da terra propria e o dever de favorecer-lhe a exuberancia dentro da responsabilidade individual no trabalho exacto, productivo e pacifico, criam, através a escola rural, a salutar democracia agricola. A politica urbana é demagogica ; das cidades, os conceitos pomposos mentem ao seu verdadeiro sentido, illudindo o sofrimento colectivo. A escola rural tem de ser a organi-

zação da escola da vida, onde mesmo os illetrados competram-se do vigor de sua utilidade. Calcule-se o que será essa mesma escola, servida por boa orientação didáctica no rumo da observação e da experiência, inculcando no homem a solidariedade com o sólo que lhe dá fartura e paz.

“Para nacionalizar a nossa mocidade”, diz Oliveira Vianna, “não basta instruí-la no manejo da espada, symbolo brilhante desse patriotismo militar que é alguma coisa, mas é preciso sobretudo ensinar-lhe a amar a terra, a amar o campo, a amar o arado e a sua jugada — symbolos toscos e obscuros desse patriotismo civil que é quasi tudo. Esse patriotismo civil praticamo-lo nós, praticaram todas as gerações anteriores á nossa durante trezentos annos, enquanto o praticamos, e somente enquanto o praticamos, fomos saudáveis, prosperos, grandes e felizes.”

7 de Setembro 1929.

2.^a COMISSÃO ENCARREGADA DO ESTUDO DOS TRABALHOS SOBRE ENSINO PRIMARIO NA 3.^a CONFERENCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO.

Parecer sobre a these “Combate ao Analphabetismo na Zona Rural” do Exm.^o Snr. Dr. Fernando Magalhães.

O autor encara, com intelligencia e acerto, as condições precarias da população rural do paiz, balda de recursos e meios que lhe garantam a saude do corpo e o desenvolvimento, mesmo rudimentar, das faculdades da alma. E’ isso o que se vê, com maior ou menor intensidade, em todas as regiões ruraes do Brasil.

Pondo-se em fóco no momento qual a maneira melhor de se levar o ensino ás populações que, no paiz, estão fóra das zonas urbanas, e autor suggere, com originalidade aliás a criação de internatos ruraes.

Isso, que já se vai realizando em paizes estrangeiros, com resultados praticos admiraveis, não parece á Commissão poder ser adoptado, por ora, no Brasil, onde os Governos, embora auxiliados pela iniciativa particular, não logram ainda nem ao menos levar a escola rudimentar, simples e economica, aos mais longinquos recantos do Paiz.

Apesar das boas e fortes razões com que o Exm.º Snr. Dr. Fernando Magalhães apoia o seu erudito trabalho, o que no mesmo se suggere, ainda não é opportuno, nas condições actuaes em que nos achamos.

Não obstante, a these estudada é digna do melhor preço, pela maneira elevada, como foi tratada, e merece ser publicada nos Annaes da 3.ª Conferencia Nacional de Educação.

Joaquim Moreira de Souza (Relator)

Hilario Freire.

Oscavo de Paula e Silva.

Aggêo Per.ª Amaral.

Gustavo Capanema, vencido, com a declaração de voto em separado. Voto vencido: Subscrovo o parecer da commissão na parte em que julga a these do Prof. Fernando Magalhães digna de ser publicada nos Annuaes da 3.ª Conferencia Nacional de Educação. Mas não a julgo inopportuna, absolutamente. Effectivamente, um congresso de educação não deve limitar-se apenas a propôr medidas que possam ser immediatamente executadas, mas tambem todas aquellas que de futuro sejam possiveis de transformar-se em magnificas realidades. Além disso, os internatos primarios são no dizer de Ferrière, "verdadeiros laboratorios de pedagogia pratica, que procuram representar o papel de exploradores e de pioneiros perante as escolas do Estado" devendo, por isso ser estudados com carinho e recommendados com enthusiamo num país onde a educação está e exigir sacrificios sobrehumanos. De outra parte, a suggestão do Prof. Fernando lhães não é nenhuma utopia. Os internatos primarios podem desde já ser perfeitamente realizados no Brasil, não systematicamente, como é obvio, mas pelo esforço isolado de muitos municipios e, sobretudo, dos particulares.

Por essas razões, julgo que a 3.ª Conferencia Nacional de Educação deve não sómente fazer a publicação da these do Prof. Fernando Magalhães, mas tambem formular proposições relativas ao seu assumpto. Taes proposições entendo que devem ser as seguintes :

CONCLUSÕES

1.ª

E' considerado meio efficaz á solução do problema educacional nas zonas ruraes a criação, nesses lugares, de interna-

tos primarios, para crianças de ambos os sexos, de 6 a 12 annos de idade.

2.ª

Nesses internatos poderão ser admittidos alumnos semi-internos e externos.

3.ª

Esses internatos devem ser criados pela União, pelos Estados e pelos Minicipios e a sua frequencia será gratuita para todas as crianças pobres.

4.ª

Os governos da União, dos Estados e dos Municipios deverão estimular os particulares á criação de internatos primarios nas zonas ruraes, dando-lhes conveniente subvenção, mediante admissão gratuita de certo numero de crianças pobres.

5.ª

Esses internatos deverão ser verdadeiras escolas activas, a saber, deverão ter por finalidade preparar a criança para a vida, desenvolvendo-lhe e disciplinando-lhe as actividades espontaneas, um regime de trabalho e liberdade.

6.ª

E' mister fazer nas zonas ruraes uma intensa propaganda da escola, de maneira que os paes cada vez mais se aproximem della e cobrem consciencia da necessidade da educação dos filhos.

Sala das Commissões, 13 de setembro de 1929.

GUSTAVO CAPANEMA

FINALIDADE DO ENSINO SECUNDARIO

THESE PARA A 3.ª CONFERENCIA DE EDUCAÇÃO - S. PAULO, 1929

Professor Erasmo Braga

Secretario executivo da comissão de coo-
peração evangelica no Brasil.

Ex-Lente de Inglês do Gymnasio Estadual
de Campinas.

Ha algumas concepções preliminares, com referencia á Educação, que constituem a urdidura deste trabalho. Convem de inicio delinear, com a clareza possivel, esses conceitos fundamentaes. Da maneira de defrontar os processos da Educação, da propria intelligencia deste termo em sua compreensão logica, depende em larga medida a attitude individual que assumiremos ao atacar um dos maiores problemas da nacionalidade brasileira.

Preliminares.

Especifiquemos alguns desses conceitos.

A escola é apenas uma parte do processo de educação. Comtudo, por sua importancia no conjunto de agencias educativas, geralmente a escola absorve, quasi por completo, o espirito dos que estudam a Educação.

Ha, todavia, educadores que apenas reconhecem á escola a função de informar, affirmando que ao lar e ás igrejas compete primariamente focalizar sobre o caracter as influencias que formam o moral dos educandos. Esse conceito que participa de uma philosophia dualista da vida, apparece frequentemente na phraseologia vulgar que attribue boa educação aos individuos que demonstram polimento social, e instrucção aos que adquirem pelo estudo algum patrimonio intellectual.

A finalidade da educação póde ser, na phrase do Professor W. Carson Ryan, assim definida summariamente — modificar os seres humanos, em seus habitos e attitudes, fazendo-os diferentes, melhores do que eram, nas suas relações com ter-

ceiros, nos seus conhecimentos de ordem intellectual, na sua capacidade de acção para exercer suas funções reaes na vida, como individuos e como factores na communhão social.

Desse conceito da educação decorrem consequencias que alteram substancialmente a ideologia e os methodos do educador. A questão principal que se lhe apresenta não é — que devo ensinar, mas — que transformações são, precisamente, as que me cumpre produzir nos seres humanos que ficam temporariamente sob meus cuidados? Qual é, precisamente, a natureza das transformações a produzir, em função da comunidade em que o educando vai ser um factor social?

Como se tornará elle, por meio da educação, um ser melhor, mais capaz de viver, mais util á communhão social e á humanidade?

O CENTRO DO PROCESSO EDUCATIVO — O ALUMNO.

Desloca-se dest'arte o centro de gravidade de todo o processo educativo da materia a ensinar para a personalidade do educando. Como dizem os educadores norte-americanos da escola moderna — a verdadeira educação deixa de ser *subject-centered* para tornar-se *pupil-centered*. O seu objectivo não é produzir alumnos *que sabem*, mas personalidades *capazes de viver*, e de viver em sociedade, como contribuintes para o patrimonio commum da raça, solidariamente co-responsaveis pelo bem estar geral.

O PROGRAMMA DA EDUCAÇÃO.

Decorrem, outrosim, deste conceito da educação certas consequencias que affectam profundamente a organização dos cursos escolares. Muitos programmas de ensino conseravam ainda a conformação que lhes deram grandes correntes intellectuaes e movimentos sociaes que tornaram preciosos e necessarios certos cursos que, por inercia, sobrevivem ainda hoje em nossas escolas. Os paizes, que estão vivamente empenhados em estender ás massas populares os beneficios da educação, enveredaram porém corajosamente pelos caminhos novos. O que importa não é organizar uma lista de materias para aferir por ella o valor dos cursos das escolas, quer officiaes quer privadas — mas collocar a escola em condições de produzir character, valorizar a vida, desenvolver o espirito cooperativo e a cortezia, recrear, ou melhor, re-criar o corpo e a alma pela saude physica, mental e espirital, integrando a arte e a moral no processo da re-criação do individuo.

Se os ideaes da educação moderna conduzem o individuo a *saber viver* antes que a *saber* apenas, é claro que uma das finalidades do ensino não será preparar os alumnos para os exames. Alguns destes versam sobre assumptos que só mui de longe são relacionados com sua vida. A verdadeira finalidade da educação é capacitar o educando a entender primeiro o valor da sua vida e os meios de a capitalizar no patrimonio communal. Para isso é-lhe mister compreender o ambiente em que vive, e, portanto, as idéas e as aspirações de outros povos, "perceber o significado da precisão mathematica e scientifica do mundo moderno" como diz o Professor Ryan. Isso é, de facto, mais importante que achar a solução de problemas sobre pesos e medidas com que negociavam gerações defuntas. Cumpre, sobretudo, formar personalidades criadoras, aptas para o trabalho, conscientes do valor do esforço proprio, collaboradoras efficazes da prosperidade collectiva.

A ARTE NA EDUCAÇÃO.

Subentende isto o desenvolvimento da esthesia, pela cultura da arte, que tornará possível a todas as classes o apreço de cousas bellas, o desejo de embellecer o lar e a cidade. Criam-se dest'arte, incompatibilidades entre o educando e o torpe, o sujo e o feio, na ordem physica e moral.

PESQUISAS SOCIOLOGICAS E EDUCAÇÃO.

Segue-se, pois, que, consoante os ideaes da educação moderna, a organização dos cursos tem de ser orientada pelo conhecimento preciso da situação social, dos antecedentes ethnicos e dos indices economicos e psycholicos do meio ambiente e dos individuos que vão á escola. O antecedente immediato de um programma escolar não é a commissão de instrucção publica das legislaturas mais ou menos provincianas — é o instituto de pesquisas sociaes.

A CONTINUIDADE DOS ELEMENTOS ESSENCIAES DA CIVILIZAÇÃO.

Finalmente, o presupposto fundamental do conceito moderno da educação é que a civilização se desdobra em continuidade inquebrantavel, desde os elementos essenciaes da vida primitiva. Os estudos mais recentes dos usos, costumes, e da organização social dos povos ainda atrasados na forma rude da sociedade tribal, revelaram que as ceremonias religiosas, os tabus, as tradições, as formulas supersticiosas que são as mais das vezes fruto do empirismo pre-scientifico, as

danças, as festas, tudo na vida cultural primitiva gyra em torno de quatro elementos fundamentaes. Assim se expressa Thomas Jesse Jones, director tecnico do Phelps-Stokes Fund, depois de seus estudos da vida e da cultura primitiva na Africa :

“Aqui está o laboratorio humano onde se póde estudar a saude e a enfermidade, a alimentação e a fome, a camaradagem e os preconceitos hostis, a hereditariedade sadia e a degeneração collectiva, o recreio salutar e sensualidade licenciosa, reverencia pela autoridade e o temor supersticioso das sombras e dos augurios. Aqui as seis formas de organização das sociedades civilizadas estão quasi completamente amalgamadas na unidade da vida primitiva. Aqui a autoridade tribal, a caça, a agricultura, a vida familiar, as recreações, a religião, de maneira mui obvia, são funções varias da communhão social agindo como uma unidade. Vejamos quaes são os elementos essenciaes da vida primitiva :

1. Avulta, de inicio, a primazia da saude e das medidas sanitarias. As regras e as ceremonias da tribu exigem hygiez e força...

2. O segundo é — o poder de integração no ambiente material e humano. Aqui fica a encruzilhada entre a fome e a abundancia, entre o desabrigo na intemperie e a protecção contra os perigos do clima, entre a pobreza e a riqueza, entre a dependencia economica e a independencia. A diferenciação procede natural e inexoravelmente dos que são fracos e incapazes para os que são fortes e aptos.

3. O terceiro é — o recato e a defesa do lar, da familia, da mulher e da criança, porque são as agencias primarias responsaveis pela transferencia das capacidades tribaes de uma geração a outra.

4. O quarto é — o recreio para o corpo, para a mente e para o espirito. Por mais grosseiras e degradantes que sejam suas festas, diversões e cerimonias, os povos primitivos a consideram como função necessaria de sua vida presente e futura”. (1)

Ora, é innegavel que existem entre a civilização e a educação relações intimas. E' pois necessario que o preparo das

(1) JESSE JONES (Thomas) - Essentials of Civilization, N. York, 1929, pp. 6-10-*passim*.

gerações novas para a vida leve em conta os elementos essenciais da civilização.

O PROGRESSO E OS PROGRAMMAS DE ENSINO.

Amarrados ás idéas tradicionaes, os educadores em geral solvem o problema da integração na escola dos elementos novos que o progresso vertiginoso cria em todos os ramos de actividade humana, aggregando aos programmas "pontos" novos, correspondentes ás aquisições primaciaes da cultura contemporanea. Acontece, porém, que as limitações do tempo e da capacidade mental acquisitiva dos educandos, e dos educadores, põem um paradeiro natural ao processo simplista da renovação dos cursos pelo methodo do accrescimento. O proprio vocabulario moderno augmenta consideravelmente com os progressos dos meios de comunicação, com as viagens, radiotelegraphia e radiotelephonia. E se ainda aggregarmos a essa complexidade a equação pessoal do discente e do docente, o numero cada vez maior de alumnos nas escolas, as modificações cataclysmicas da sociedade hodierna, teremos o fundo sobre que se projectam todos os defeitos e angulosidades do systema tradicional do ensino.

IMPLICAÇÕES SOCIAES.

E' imprescindivel a reorganização dos cursos e methodos de ensino de maneira a pô-los em função das condições activas da vida humana. Para isso, diz Jesse Jones (1); "Cumpre que os educadores se applicuem á pesquisa e á experiencia com toda a seriedade, fecundidade, sabedoria e pertinacia inquebrantavel afim de correlacionar as necessidades do individuo com as da sociedade do mundo hodierno.

Esse trabalho deverá desenvolver-se nas linhas seguintes:

(I) Descobrir o sentido da comunidade social que é o elemento de "controle" da attitude educativa.

(II) Fazer a synthese dos processos e materias da educação pelos elementos fundamentaes da civilização — saude, meio, lar e recreio.

(III) Fazer o estudo (survey) no meio em que a escola ou o systema de educação tem de produzir seus frutos.

(IV) Applicar á administração escolar o "controle" do senso de comunidade de modo que o professorado exerça

(1) JESSE JONES, op. cit. p. 134, 122-123.

as suas funcções sob a consciencia do significado social da educação.

Se fizermos a critica do nosso systema nacional de educação, á luz destes principios, veremos que, em geral, os cursos, a administração escolar, a finalidade do ensino estão dissociadas das correntes da vida.

NO BRASIL — O ENSINO SECUNDARIO É PORTA DO INGRESSO AOS CURSOS SUPERIORES.

O ensino secundario está entre nós affeiçãoado aos requisitos de ingresso nas escolas superiores, as quaes, por sua vez, constituem o seminario de uma burguezia com pretensões aristocraticas, ou ao menos com a preocupação de constituir a élite. Uma das funcções do ensino superior é supprir com os titulos universitarios a falta dos brazões nobiliarchicos abolidos pela constituição republicana. Mas, o que constitue o aspecto tragico da situação é que semelhante estado de coisas produz, por uma selecção introvertida, por processo eliminatório, a que se denomina tambem *mortalidade escolar*. E tanto as escolas secundarias como as superiores encarregam-se de produzir abundantemente um proleteriado intellectual incompatibilizado com o trabalho, presa de uma grande amargura, uma pobreza envergonhada, de que poucos se salvam pelo regresso á terra, á actividade productiva. A maior parte vive amarrada ao poste da dependencia, aspirando á burocracia. Para isso, cumpre silenciar o idealismo e tornar-se um cavalheiro "prudente", "ajuzado" se não thuriferario dos que podem distribuir empregos.

O ENSINO SECUNDARIO E A NACIONALIDADE.

Presupposta a necessidade da instrucção primaria universal, compulsoria, é o ensino secundario o factor da maior importancia na formação de communidades fortes, capazes de independencia, livres do complexo de inferioridade, em condições biologicas de viver nas suas relações csmicas e sociaes.

A esse aspecto, podemos com tristeza mas com segurança affirmar que, se não sairmos do pégo em que caiu o ensino secundario no Brasil, a manutenção do estado actual desse ramo de ensino publico importa em uma conspiração para fazer o paiz tributario, dependente, subserviente aos que de fóra vierem para dentro de nosso territorio exercer as funcções vitaes para que vamos, criminosamente incapacitando as gerações

novas. Em summa — sem uma transformação global de nosso systema de educação secundaria, estaremos preparando as massas, a juventude brasileira, com excepção de uma pequena porcentagem do escól, para ser os ilotas dos ádvenas que trazem para cá as vantagens derivadas de uma educação que os prepara devidamente para *viver*.

Esta asserção franca não é derrotista. Poderá ser um libello, mas é, por certo, a expressão da confiança nas energias latentes da nossa nacionalidade, e do apreço dos valores que existem na grande mentalidade e na admiravel alma brasileira.

Com referencia á definitiva influencia do ensino secundario sobre os destinos dos povos, na éra presente, assim se expressa W. S. Learned em uma das publicações da "Carnegie Foundation for the Advancement of Teaching":

"Vai-se tornando mui claro que a idade entre os 12 e os 18 annos, mais ou menos, constitue o periodo no qual a educação conveniente, combinada com as condições de boa saude e habitos normaes são da maior importancia para a felicidade e a alegria subseqüentes dos individuo e para o bem da nação." (1)

UNIVERSALIZAÇÃO DO ENSINO SECUNDARIO.

Conscientes desse facto, os educadores norte-americanos tratam de universalizar a educação secundaria que habilita os jovens a *viver*. Claxton, do Bureau of Education, dizia, cheio de entusiasmo, aos collegas em 1913: "Vejam, temos um milhão de alumnos de ambos os sexos nas escolas secundarias (high-schools)." Hoje ha cerca de 5.000.000. O recenseamento, de 1920, revelou que 1/2 dos jovens de 16 annos, 1/3 de 17, e 1/5 dos de 18 estavam nas escolas. Diz o Professor Ryan que em 1930 se espera verificar a ascensão desses indices respectivamente a 3/4, 1/2 e 1/3 para cada uma das idades especificadas. "Considero, continua Ryan, o ideal da educação secundaria, ou o equivalente, para cada um de todos os jovens norte-americanos não só practicamente possivel, mas essencial". (2)

- (1) LEARNED (W. S.) - The Quality of the Educational Process in the U. S. A., and in Europe (Carnegie Foundation for the Advancement of Teaching). Bulletin no. 20.
- (2) RYAN (W. Carson) - Selection as a Function of Secondary Education (Address before the Det. of Secondary School Principals, Cleveland, 1929).

De facto, é visível que as grandes correntes do movimento educativo derivam para esta direcção.

CARACTERISTICOS DA ORIENTAÇÃO MODERNA.

Poderíamos caracterizar as tendencias modernas quanto ao ensino secundario da seguinte maneira :

(I) *Universalização*. — Quer dizer buscar-se estender a toda a mocidade adolescente as vantagens da escola secundaria. Sendo a adolescencia a idade em que a capacidade mental chega a um razoavel desenvolvimento, como o comprova a psychologia moderna, o individuo é nessa epocha da vida mais sensível ás verdades e aos habitos que constituem o character.

Sendo muito mais dispendioso o ensino secundario que o primario, a sua diffusão exige maior dotação orçamentaria, ao que se oppõem certos interesses economicos, que vivem da ignorancia e da incompetencia das massas.

(II) *Reconstrucção dos cursos* em torno da personalidade do alumno e não das materias a ensinar.

Isto importa em estabelecer dois cyclos de ensino secundario, um de ensino geral e outro, especializado, de accordo com as vocações. Importa ainda na individualização do ensino *versus* o ensino de rebanhos, por methodos rotineiros. Importa mais na socialização do ponto de vista didactico, de maneira a tomar-se em consideração o alumno-individuo em função da commuidade.

(III) *Seleccção*, não para eliminar alumnos, criando-lhes difficuldades economicas para a continuação dos estudos, mas escolhendo as vocações afim de dar a cada alumno facilidade maior de adquirir habilitações convinhaveis á sua inclinação profissional.

Isto significa que a educação secundaria deve ser flexível, dando logar á escolha de estudos preferenciaes, em determinada proporção. Segue-se, pois, que os programmas escolares deverão dar margem a que o alumno eleja um certo numero de cursos facultativos que deseje seguir.

Educação secundaria universalizada não é o mesmo que preconizar a mesma educação para todos. E' incompreensível hoje o encyclopedismo de um só curso preparatorio para todas as vocações.

E, por ultimo, o typo humano, racional de educação secundaria, na phrase de Jesse Jones, "insiste nos cursos de es-

tudos baseados na vida dos alumnos e do ambiente em que estes vivem, antes que em prepará-los para a matricula nas escolas superiores”.

A EDUCAÇÃO PARA A VIDA

Se o ensino secundario tiver como finalidade armar a juventude com as habilitações physicas, mentaes e moraes, para a vida, é claro de vêr que a organização das nossas escolas deverá inverter por completo o seu programma de acção: em vez de criar gymnasios aparelhados para as necessidades dos poucos que attingirão as escolar superiores, deverão collimar as necessidades das massas que terão de lutar pela vida e complementar, por meio de cursos diferenciados de especialização orientados para as varias profissões liberaes, e preparo dos que se destinam ás universidades.

REPTO AO PATRIOTISMO.

Defrontando com patriotismo e coragem os preconceitos da mentalidade retrograda que preside ao ensino secundario no Brasil, pondo esforço sincero e pertinaz em derrubar a mole de preconceitos que se antepõem á reorganização inevitavel do ensino, porque essa decorre de movimentos cosmicos, os educadores brasileiros têm diante de si uma verdadeira cruzada— a eliminação do analfabetismo e a universalização do ensino secundario do typo que não cria parasitas nem dependentes, mas desenvolve a iniciativa individual e constroe sobre fundamentos inabalaveis a verdadeira democracia.

Cumpre não demorar a campanha para libertar as gerações novas de uma servidão mental e economica, doutra forma inevitavel.

CONCLUSÕES.

1. Os processos da educação, que outróra tinham por centro a *materia a ensinar*, de accordo com as theorias modernas, têm por centro o *alumno*.

2. A finalidade do ensino, como processo didactico, que segundo a theoria obsoleta da educação era *communicar informações, transmittir conhecimentos*, é verdadeiramente *formar a personalidade do educando e habilitar o individuo para bem viver*.

3. Os elementos essenciaes que, sem solução de continuidade, constituem os fundamentos da civilização e em torno do

quaes se desenvolvem todos os processos vitaes de cultura e evolução social são: a saúde, o ambiente, o lar e o recreio, compreendido neste ultimo termo a re-criação da vida physica, intellectual e espiritual.

4. A educação que visa integrar o individuo na vida social, deve basear-se em um conhecimento scientifico das varias *situações* em que o educando se encontrar, com referencia aos elementos essenciaes da civilização.

E' necessario, como adjunto indispensavel do departamento nacional de ensino, estabelecer um gabinete de *pesquisas sociologicas* com finalidade pedagogica.

5. O "sentido" da comunidade é o controle social da educação.

Os programmas de ensino deverão ser baseados, não em um presupposto empirico de valor cultural das materias, mas no conhecimento da vida communal em que o educando deverá viver. O professorado deverá exercer as suas funções sob a consciencia do significado social da educação.

6. O ensino secundario deverá ser ministrado a todos os alumnos adolescentes, e na adolescencia os educandos são mais sensiveis ás pressões que moldam o character, e têm grande poder mental acquisitivo.

E' mister tornar accessivel a todos os adolescentes de ambos os sexos os beneficios do ensino secundario.

7. A finalidade do ensino secundario universalizado deverá ser o preparo do adolescente para a vida, e, portanto, deverá ser processado em cyclos — geral ou fundamental, especializado de conformidade com as vocações dos educandos, e vestibular, para o ingresso nas escolas superiores.

E' mister no Brasil reorganizar por completo o ensino secundario, cuja finalidade actual é habilitar legalmente o alumno para o ingresso nas escolas superiores.

8. A remodelação do ensino secundario no Brasil, com a finalidade de educar todos os adolescentes para a vida, em função das vocações dos educandos e do meio social, é, a par da luta contra o analfabetismo, condição essencial da independencia economica e moral do paiz.

TERCEIRA CONFERENCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PRELECCÃO FEITA NO CLUB COMMERCIAL

Prof. C. A. Barbosa de Oliveira

Lente da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro.
Director da Escola Normal de Artes e Officios Wenceslau Braz. Da Associação Brasileira de Educação.

A Orientação escolar e as vocações profissionaes

"Contents d'ouvrir les esprits, ne les surcharger point. Mettez-y l'étincelle. D'eux mêmes, ils s'éprendront par l'endroit où ils sont inflammables."

ANATOLE FRANCE

Augmentar o rendimento do material humano, evitar os insuccessos provenientes de erro na escolha do officio e guiar essa selecção, por processos scientificos, constituem preoccupações notaveis da hodierna organização do trabalho!

Conceder aos alumnos oportunidades reveladoras de determinadas aptidões, corrigir tendencias naturaes e conduzir certas inclinações, como base de uma orientação vocacional, constituem estudos recommendados calorosamente pelas exigencias da moderna pedagogia!

A complexidade e a relevancia do problema professional appellam para a escola, particularmente a primaria, como centro criador de individualidades e fonte autorizada de elementos valiosos, no vasto campo das vocações livremente manifestadas.

O mestre — digno de sua alta missão — conhecedor de particularidades da psychologia individual e experimentado no trato das almas infantis, interpreta com sagacidade o temperamento de seus alumnos e estabelece o seu ensino de accordo com as sabias prescripções da nova escola.

O fim dessa escola — perfeitamente definido — é preparar para a vida, ajustando a sua technica á natureza da materia prima a utilizar.

A crise da aprendizagem, tão accentuada em nossos dias, é um mal terrível que sómente a escola pôde com efficacia combater, e a moderna organização escolar attende cabalmente a essa superior finalidade.

O estudo das aptidões da criança, tendo em vista uma utilização social intelligente ao mesmo tempo que uma orientação profissional segura, deve ser resultado de um esforço medico-pedagogico. A intervenção do medico, especializado nessas questões, é importante, pois circumstancias phisicas podem desaconselhar o officio escolhido, de conformidade exclusivamente com faculdades manifestadas.

A ficha pedagogica é de inestimavel valia, mas o seu grande alcance não prescinde de certas medidas anthropometricas e certas apreciações de capacidade physiologica tambem valiosas.

Conferir á educação sómente a missão delicada de diagnosticar e, sobretudo, prognosticar o valor social de uma criança ou de um adolescente é, sem duvida, se expôr a serios inconvenientes de gravidade bem conhecida.

O papel da escola, ou melhor o papel do mestre, enriquecendo a intelligencia do alumno, iniciando-o e guiando-o, de accôrdo com as suas aptidões, para uma preaprendizagem, é tão valioso quanto admiravel, e por isso digno das maiores homenagens.

Se os educadores não podem muitas vezes orientar as crianças para uma profissão manual qualquer, a idéa de estabelecer fichas onde sejam annotadas aptidões moraes e profissionais, no curso da escolaridade, merece particular attenção.

Esquece-se muito facilmente que a criança é um ser em estado constante de evolução e que, pela apparição ou pelo despertar de faculdades latentes, o conjuncto de seus valores pôde variar de mez a mez, de anno a anno. Convem por isso ter a maior prudencia no estabelecimento de uma ficha escolar.

Entre as causas sociaes que se oppõem á revelação de aptidões é preciso citar, em primeira linha, os habitos tradicionaes, as idéas dogmaticas, o autoritarismo, as idéas preconcebidas dos paes e os erros de diagnostico dos educadores.

A vida sorri de toda etiquetagem demasiado precisa. Os espiritos não estão presos, fatalmente, ás especialidades cor-

respondentes a aptidões predeterminadas. O esforço perseverante pôde revelar tendencias inesperadas, transformar vagas aspirações em vivas inclinações, criar mesmo verdadeiras vocações.

Sem reconhecer que a orientação vocacional é de interesse exclusivo nas casas de ensino, verifica-se, todavia, que ella constitue um problema educativo, cuja relevancia é incontestavel.

E' exacto que essa orientação se desenvolve, extendendo o seu campo pelo commercio e pelas industrias, e exige, em estabelecimentos dessas naturezas, trabalhadores bem ajustados ás funcções, obreiros conscientes de seus deveres profissionais, gerentes esclarecidos no desempenho de seus cargos, tudo aconselhando uma solução cuidadosa e bem guiada do mesmo problema vocacional.

Varias são as entidades sociaes a proclamar a importancia do assumpto, de finalidade tão apurada, e isso justifica os escriptorios de collocações, onde o ajustamento das pessoas aos cargos e a indicação dos cargos apropriados aos individuos se fazem de conformidade com as regras e prescripções perfeitamente fixadas,

Numerosas são as instituições philantropicas que nos paizes civilizados, procuram resolver a questão — julgada primordial aos seus interesses — de bem orientar os moços, para o maximo aproveitamento das suas energias e aptidões.

Não discutamos, entretanto, essa parte do problema vocacional post-escolar, para examinar de modo especial as possibilidades admiraveis da educação, em todos os graus de ensino, os recursos preciosos de que dispõem os mestres no exercicio sagrado do seu verdadeiro sacerdocio. O gerente culto de uma industria, modernamente organizada, é um conselheiro vocacional, guiando os auxiliares, ambiciosos e capazes, aos postos mais elevados, por um aperfeçoamento no seu trabalho, pelo conhecimento mais apurado da sua technica. Examinemos, porém, particularmente nos centros educativos, pedagogicamente instituidos, o que se pôde conseguir para levar os alumnos ao progresso incessante do seu bem-estar individual e collectivo.

O movimento social nesse sentido é grandioso, visando preparar cada um, para alcançar na sua vocação, livremente manifestada, o fruto abundante do seu trabalho intenso e feliz!

O ALUMNO ORIENTANDO O EDUCADOR.

A sciencia suprema do mestre reside no conhecimento do discipulo. No methodo tradicional os alumnos se dobravam a regidas prescripções geraes, no methodo moderno o ensinamento é que se adpta ao discipulo, como centro do mundo escolar.

Essa inversão de valores foi imposta pelo estudo psychologico da criança, orientador da pedagogia hoje consagrada pela excellencia dos seus resultados.

Essa revolução nos methodos de ensino é uma consequencia logica do que a pratica vinha revelando e a experiencia confirmando: é o resultado seguro de estudos profundos sobre a evolução physica, moral e intellectual da criança, onde a pedagogia experimental vem se firmando brilhantemente.

O professor precisa descer de sua cathedra para observar cada alumno e assim reconhecer que, parecido embora com os outros, elle possui caracteristicos que o distinguem. Approximando-se de cada discipulo, tanto mais quanto menor é o desenvolvimento geral, reconhecerá, com o encanto de um artista, a riqueza e a variedade incomparavel dessa materia prima a ser modelada, tal como um pintor observando attentamente as flores a reproduzir na sua tela se deslumbra com a belleza e a diversidade da natureza viva e palpitante na sua infinita grandeza!

O conhecimento dessas pequenas individualidades escolares é fundamental para o educador: o estudo psychologico dos discipulos é altamente suggestivo para o methodo de ensino a ser adoptado. Não havendo uma identidade entre estes, reconhecida a ausencia de uniformidade e o erro é uma média, tem-se de reconhecer o valor da educação individual, mesmo em aulas collectivas.

Difficil tarefa se impõe então ao mestre, não bastando para bem realizá-la abrir avidamente os olhos. A investigação pedagogica pede um preparo solido, uma technica perfeita e uma pratica indispensavel ao seu completo exito. A observação conveniente de certos factos concretos não é mais facil do que a concepção de certas idéas abstractas, e uma falsa interpretação conduz a erros seriamente lastimaveis.

O papel do educador sobe por isso de importancia e exige um conjunto de qualidades, reunidas ao preparo profissional, para o desempenho perfeito do seu ministerio.

A vocação para o ensino, tem de ser severamente aparada se pretendemos tirar da nova escola o resultado auspicioso promettido pela superior idealização.

Abre esta escola aos alumnos um meio educativo — physico, moral e intellectual — onde tudo é combinado — como disse Ferrière — para fazer a criança crescer, na expressão evangelica, em sabedoria, estatura e graça!

A psychologia ensina e a experiencia diaria confirma que a infancia se interessa pelo que vê, por tudo que põe em actividade os seus membros e — em uma palavra — pelo que lhe pôde ser util de qualquer forma: geralmente se desinteressa pelo que ouve dizer e não tem oportunidade de se servir: esquece-se — se chega a aprender — noções vagas sem applicação immediata.

Essas observações estabeleceram as regras directoras da escola nova: fazer agir a criança; occupá-la em trabalhos, cuja utilidade ella sinta; despertar o interesse e fixar a attenção, partindo sempre do conhecido para o desconhecido, do facil para o difficil, encadeando observações até a descoberta de um principio e a verificação ulterior das applicações desse principio inconscientemente já feitas. Para se afastar dos assumptos habituaes no circulo das idéas das crianças é preciso recorrer a objectos, imagens, desenhos, feitos pelo mestre ou pelos alumnos, para alcançar o aproveitamento desejado, certo de que o esforço pelo esforço é um idéal só comprehendido pelo adulto. O esforço fecundo deve enriquecer um habito ou concentrar energias; habito e energias anteriormente adquiridos. As faculdades da criança crescem na medida em que percebem o fim a attingir.

Estimulando, portanto, os interesses proprios da infancia, dando — convenientemente dosada — uma certa liberdade de movimento, permittindo livremente a apresentação das duvidas suscitadas pelos factos observados, recebe o mestre de cada alumno uma indicação preciosa do caminho a seguir e uma orientação valiosissima de tendencias a aproveitar ou corrigir.

Qual é então o methodo da escola nova? pergunta-se ás vezes. Responde ainda Ferrière essas escolas não têm um methodo, ou se o têm, é o da natureza, em harmonia com as legitimas exigencias espontaneamente manifestadas pelas crianças.

O pequeno meio social, criado pela escola nova leva a criança á alegria, á força e á saude, desperta o sentimento da verdade, do bello e do bom, dando-lhe uma base religiosa — na expressão mais elevada.

O MESTRE GUIANDO OS ALUMNOS.

Durante seculos, valendo-me ainda de uma linguagem sideral, o professor foi o centro do mundo escolar, prégando a verdade do alto de sua cadeira gloriosa, indifferente, ao interesse, despertado ou não, em seus alumnos.

Modernamente, como vimos, o centro é o discipulo, que, embora occupando o primeiro plano, em nada diminue, antes exalta, a personalidade egregia do mestre!

Collaborador do alumno, reconhecido como o artifice da sua propria educação, tem o professor um papel de difficuldade e importancia inestimaveis.

Obrigado a acompanhar cuidadosamente o desenvolvimento de cada individualidade para guiá-la, de accôrdo com as faculdades e tendencias reveladas, a uma finalidade social, o seu trabalho tem de ser o de um especialista na carreira que abraça; o de um conhecedor profundo de todos os segredos da psychologia e da pedagogia, postos a serviço de sua dedicação a causa do ensino. É um sacerdocio, nobre e elevado, considerando as almas confiadas ao seu zelo e á sua competencia professional!

A finalidade não é obter um diploma, mas preparar individuos para a vida activa e fecunda, mais adequada ao seu temperamento de forma a garantir á sociedade o maximo rendimento de todo o esforço pessoal.

O mestre é um artista e como tal se submete ás condições de trabalho da sua materia prima a ella ajustando toda a sua technica.

Na alma da criança encontramos sempre uma infinita poesia, uma rica imaginação, criadora de um mundo de idéas, material precioso a ser valorizado. Aproveitemos para a educação, esse "maravilhoso" que illumina as crianças, provocando o despertar da attenção, fazendo-as vibrar no entusiasmo de suas descobertas, imprimindo-lhe na memoria os factos de sua propria observação.

Fénelon e tantos outros, como Paul Bert, sustentam, a possibilidade e a conveniencia de, no mundo infantil, ensinar divertindo. Se divertir, certamente, não é o fim, é todavia um meio — de innegavel prestigio para tornar o ensino capaz de todo seu escopo educativo.

Fazer da geographia e da historia lições sensacionaes, através de viagens e de episodios ricos em curiosidades, vivos nos acontecimentos, maravilhosos nas suas finalidades — é ser preceptor.

Estudar a parte da terra, apresentando o homem na sua luta contra a natureza, dominando-a e utilizando-a pelo conhecimento de suas leis... é ser mestre!

Apresentar o mundo no complexo dos seus phenomenos, fazendo observar, separada e gradativamente, os principios que o regem, como descoberta dos proprios alumnos... é ser professor!

Tomar os objectos de uso corrente, e delles se servir para focalizar a industria humana, desenvolvida em conquistas successivas até o seu estado actual; recorrer ao pão e ao asucar, como ao vidro e ao papel etc, para lições — altamente interessantes e instructivas... é ser educador... é saber e fazer sentir, como mostrou Ruskin, a incomparavel belleza encoberta nas apparencias mais vulgares, ... é caminhar na vida, como Sainte - Beuve disse de Port - Royal, em uma floresta encantada, onde tudo revela o "maravilhoso" para quem apprehendeu a verna realidade do mundo uma ineffavel formosura, mais poetica do que as ficções, mais artistica do que as obras primas, pois a natureza é o maior dos poetas e o artista maximo da divina criação!

Mestres, o vosso papel é nobilissimo, tendes nas mãos uma grandeza infinita, uma riqueza eterna, um valor inestimavel — a alma infantil!

Immensa, portanto é a vossa responsabilidade: grandioso, então, o vosso ministerio, gloriosa, finalmente, a vossa missão!

Trabalhai, pondo a voss'alma, sem restricções, a serviço desta causa sublime, e conhecereis a suprema felicidade, a do devctamento integral a uma superior aspiração, a do sacrificio pessoal em alheio proveito!

A ESCOLA REVELANDO AS VOCAÇÕES.

O methodo intuitivo domina modernamente o ensino de todas as materias da escola primaria, dirige ao despontar o pensamento dos alumnos.

A criança se instrue, por intuição, quando longe de seus mestres e de seus livros age e experimenta. A intuição não é uma faculdade é um modo de adquirir conhecimentos.

A idéa surgindo da acção, as escolas novas, especialmente americanas inspiradas no "learning to Know by doing",

realizam o pensamento educativo dos eminentes pedagogos que, desde Pestalozzi, Rousseau e Comenius, affirmam o exito do ensino baseado na intuição.

A infancia não é o periodo da reflexão abstracta, ao contrario, é o das impressões sensoriaes. Para despertar a attenção nessa quadra da vida, melhor do que recorrer á recompensas e punições, é despertar na criança o interesse, a sua curiosidade. As percepções sensiveis têm um papel verdadeiramente insubstituivel, reconhecido pelos iniciadores do methodo intuitivo e consagrado pela pedagogia contemporanea.

Revestir a idéa de uma forma concreta é emprestar-lhe uma luz intensa que a inunda, é rasgar o véu que a encobre ao olhar infantil. O interesse, bem entendido, é a grande alavanca do progresso na escola elementar, é o criador da pedagogia do trabalho e da educação da vontade.

Para despertar, sabiamente, esse interesse, a escola precisa, reconhecendo diversidades individuaes de aptidões, levá-las em conta e assim alcançar o completo aproveitamento do ensino. A aptidão é uma certa disposição natural do modo de sentir e compreender as cousas ou de executar certos trabalhos.

Essas aptidões bastante diversas para o desenho, para a literatura, para a musica etc., variam ainda quantitativamente de uma criança para outra, com a idade, o sexo, o seu desenvolvimento mental etc.

Dispenso-me de demonstrar, por evidentes, essas circumstancias que definem e destacam as aptidões, convindo, entretanto, não confundí-las com o gosto, pois este póde existir independente daquellas, que, por sua vez, não implicam na coexistencia delle.

A falta real e a falta apparente de aptidão pede do mestre especial estudo, para que a sua inepecia não venha a sacrificar o alumno.

A escola tradicional, geralmente, não desconhece differenças quantitativas na aptidão e as notas procuram traduzir esse facto, mas esquece, completamente, no ensino, não só essas differenças como, sobretudo as qualitativas, mais importantes.

Occupemo-nos rapidamente destas, reconhecendo typos de observadores e de reflectidos, de intellectuaes e de manuaes, de trabalhadores e de combatentes, de rapidos e de lentos, de praticos e artistas, positivos ou sonhadores: todos esses typos se cruzando e determinando combinações infinitas de carac-

teres. O rigor logico da mathematica se combina ás vezes maravilhosamente com o typo sonhador, e a imaginação fértil do artista ou do romancista se enquadra perfeitamente no espirito realista ou no espirito positivo: Henri Poincaré e E'mile Zola são exemplos característicos.

Todas as combinações, certamente, se manifestam nos collegiaes, mas despercebidas passavam na escola tradicional, rigidamente estabelecida para um typo eschematico, o alumno médio. A aptidão média essa escola não desconhecia e procurava avaliar pela nota média do trabalho exprimindo antes differenças de memoria e applicação do que de intelligencias e aptidões verdadeiramente medidas.

Essa determinação, talvez accetavel, é o escopo final da escola antiga, é o marco de chegada, quando devia precisamente ser o de partida. Com prejuizo evidente para todos, ella trata igualmente os fortes, os fracos e os mediocres; estabelecendo uma marcha média mal seguida pelos primeiros como pelos segundos; tudo parecendo feito para a mediocridade, vizinha tantas vezes de um typo médio, sem relevo e sem brilho proprio.

O ensino vocacional, justamente preconizado em nossos dias, não é propriamente uma novidade, é, apenas, uma regulamentação do que vinha sendo realizado de modo mais ou menos empirico pelos bons educadores. Os mestres, de formação pedagogica perfeita, sentiam necessidade de guiar os alumnos, conforme as suas naturaes aptidões, para o melhor aproveitamento de seu esforço, repugnando-lhes a insistencia mal proporcionada em certo campo de estudo, por importar tal insistencia no desgosto pelo fracasso resultante, o que, longe de associar ao trabalho o prazer, trazia ao estudante uma prova de sua incapacidade e do rendimento nullo da sua propria actuação.

Essa idéa inspirou a escola vocacional, onde nada se impõe, mas tudo se dispõe, para que dentro de limites, sabiamente determinados, o alumno revele, livremente, as suas aptidões, e por estas guiado, em boas normas educativas chegue a alcançar os conhecimentos basicos necessarios á profissão adequada ao seu temperamento.

Eis a nova escola, onde, sem sobrecarga do espirito encontra o alumno a centelha para o inflamar no campo da sua vocação, e assim o seu trabalho, realizado com prazer, transformar-se em uma fonte de bem-estar individual e colectivo.

Bemdito o homem — disse Carlyle — que achou a sua vida!

AS VOCAÇÕES FORMANDO OS VERDADEIROS PROFISSIONAES.

A escola tem um papel essencialmente constructivo da personalidade do alumno.

O problema educacional offerece por vezes, varias soluções, dahi a sua complexidade, mórmente considerando a obrigação de escolher, em cada caso, o campo profissional de maxima eficiencia.

O ensino vocacional permite o descobrimento e a medida, por processos scientificamente estabelecidos, de qualidades orientadoras da occupação individual mais apropriada.

O problema vocacional, hoje grandemente desenvolvido em todos os paizes do mundo civilizado, tem duas finalidades: determinar a melhor profissão para um dado individuo, ou achar a melhor pessoa para uma dada profissão. Deste modo pela orientação ou pela selecção, o trabalho humano é levado a uma efficacia, garantidora do seu resultado, como meio de vida ou como fonte de grandeza e prazer.

O ensino vocacional, oriundo dos Estados Unidos, no seu objectivo precisamente definido, data dos trabalhos de Frank Parson em fins de 1908, orientando os alumnos das escolas de Boston. Essa iniciativa foi coroada de brilhante successo, abrindo-se em 1909 o primeiro gabinete para indicar, por meio de tests psychologicos e de questionarios, a vocação dos moços.

O primeiro ensaio de selecção vocacional é tambem norte americano e foi realizado por Taylor, em uma industria manufactureira do Massachussetts, para escolher os operarios mais aptos a determinados serviços. Elle conseguiu, com moços seleccionados em numero de 35, realizar no mesmo espaço de tempo o trabalho de 120 não escolhidos. Esse ensaio despertou a attenção do conhecido psychologo Professor Münsterberg da Universidade de Harvard, que observou em fabricas e experiencias feitas em seus laboratorios, e publicou pouco depois, um interessante livro destinado aos industriaes, com os tests convenientes á escolha dos operarios mais indicados a cada occupação.

A grande guerra offereceu um vastissimo campo para se desenvolver com rapidez e exito o problema vocacional, na selecção preciosissima de pilotos aereos, observadores aeronauticos, pessoal para submarinos e outros serviços militares e navaes, exigindo grau especial de intelligencia ou particular aptidão.

Podemos citar como institutos modelos, pela sua perfeita organização e notavel progresso, o "Bureau of Research and Guidance da California" o "Vocational Guidance for Juniors Incorporated" de Nova York, a "Columbia University" e os laboratorios do municipios de Chicago, Michigan, Yale, Harvard etc.

Na Inglaterra dois grandes institutos merecem referencia pelos seus trabalhos em ensino vocacional: "The Industrial Fatigue Research Council" dependencia do "The Medical Research Council", fundado durante a guerra e "The National Institute of Industrial Psychology", fundado em 1921 e criado com a finalidade de guiar os alumnos na escolha do seu trabalho profissional.

Estes institutos têm realizado investigação em escolas e fabricas, organizando tests para medir as aptidões das crianças e moços em relação com os officios ou carreiras que devem seguir.

Em ambos os paizes a iniciativa privada se sobrepoz á official e institutos vocacionaes são mantidos por firmas commerciaes e industriaes, o que explica o desenvolvimento mais accentuado da selecção em confronto com a da orientação profissional.

Nos dois mencionados paizes o processo para dar a um moço o certificado de sua vocação comprehende quatro partes: a informação do mestre; a informação do medico; os antecedentes da familia e os tests a que é submettido.

Ao Director da Escola de onde saiu o moço é enviado um questionario sobre as condições moraes do alumno, caracter, ordem, pontualidade, asseio, tendencias manifestadas etc, e a palavra do mestre é tida em alto valor, esta prevalecendo sempre, no caso de duvida. O ideal é ter em cada escola um "mestre investigador" fazendo observações em aulas, recreios, etc., de modo a conhecer as primeiras manifestações vocacionaes.

A informação medica é importante pelas possiveis deficiencias organicas e physiologicas e como consequencia os trabalhos mal aconselhados a cada candidato.

Os antecedentes de familia são difficies de obter, porque nem sempre os paes comprehendem o valor dessa informação e interpretam erroneamente os seus fins. Todos os psychologos julgam indispensaveis esses dados e para isso possuem "visitadores domiciliares" encarregados de recolher todos os

elementos esclarecedores do ambiente em que vive o alumno e as influencias que póde ser recebido.

Os tests se fazem em varias etapas, primeiramente provas sobre conhecimentos geraes e tests da intellegencia; os que vencem esta etapa são submettidos a provas que já significam especialidades para encontrar a occupação conveniente. Geralmente ha um certo accódo entre as informações colhidas, os tests feitos e as aspirações do candidato: ás vezes, entretanto se apresentam verdadeiros problemas de psychologia.

O resultado na maioria, é geralmente muito bom e será cada vez melhor, á medida que os psychologos se aperfeiçoem e os mestres se aprimorem na arte de educar.

Nos Estados Unidos, rapidamente, na Inglaterra com mais lentidão, as escolas e universidades vão substituindo os exames de admissão por tests vocacionaes. Os directores de officinas, os gerentes de fabricas e casas de commercio tem a exigencia de um certificado de aptidão, e os resultados falam eloquentemente da excellencia dessa pratica de selecção.

As investigações e ensaios sobre o ensino vocacional feitas nos Estados Unidos e Inglaterra serviram de estimulo a muitos outros paizes convido mencionar entre elles a Allemanha, Austria, Belgica, Dinamarca, França, Hollanda, Hespanha, Italia, Noruega, Suissa e Japão.

Citemos entre os principaes, na Allemanha, os laboratorios de Psychologia da Universidade de Hamburgo, do Collegio de Stuttgart, do Instituto de Charlottenburg, Leipzig, Munich, Franckfort, Berlin um dos mais notaveis sob a direcção do Professor Otto Lipman. Grandes firmas industriaes nesse paiz têm departamentos psychotechnicos para seleccionar os seus empregados, como a Companhia Krupp e a A. E. G.

Mencionemos ainda na Austria, o Laboratorio Psychologico da Universidade de Vienna, na Belgica o "Bureau" da "Société Belge de Pédotechnie" e o Office Interter communal pour l'Orientation Professionnelle, cujos trabalhos sob a competente direcção de Christiaens e Decroly tive occasião de ver quando estive em Bruxellas. Na França, são dignos de referencia, os intitutos de Paris, Lyão, Marselha e Nantes, como um dos de maior autoridade. Na Hollanda, o Laboratorio da Universidade Catholica de Utrecht, na Espanha, o Instituto de Barcelona e na Italia o Laboratorio da Sociedade Humanitaria de Milão. Na Noruega o Instituto de Se-

lecção Vocacional de Christiania, na Suecia, o Laboratoto Psychologico de Gothenburgo; na Suissa, o Gabinete de Orientação Profissinal do Instituto J. J. Rousseau, em Genebra, e o Instituto da Universidade de Zurich, e finalmente no Japão o Instituto de Psychologia Industrial e o Instituto de Psychologia Applicada de Tokio.

Essas citações dos principaes laboratorios mostram a importancia dada ao assumpto pelas maiores potencias e a necessidade de fazer entre nós estudos methodicos, nesse sentido, em institutos com corpos de psychologos e medicos, laboratorios e escriptorios de estatisticas e informações e, sobretudo preparar os mestres, pois todas as autoridades estão de accôrdo no papel preponderante a elles reservado na educação vocacional, iniciadora dos verdadeiros profissionaes.

Criar um ambiente apropriado para obter de cada um o desenvolvimento integral de sua personalidade e o maximo de sua capacidade, é utilizar e valorizar energias e esforços latentes, e assim, formando e aperfeiçoando o individuo, trabalhar pela ordem social e pela grandeza da patria!

“A educação do povo é o nosso primeiro problema nacional: primeiro, porque é o mais urgente; primeiro, porque, resolve todos os outros; primeiro porque resolvido collocará o Brasil a par das nações mais cultas, dando-lhe proventos e honrarias e lhe afiançando a prosperidade e a segurança; e assim se faz o primeiro, na verdade se torna o unico.”

(De uma conferencia do Dr. Miguel Couto, na Associação Brasileira de Educação).

O ENSINO DO VERNACULO NAS ESCOLAS PRIMARIAS

Prof. Sud Mennucci

Da Redacção de "O Estado de S. Paulo". Mem-
bro da Academia Paulista de Letras. Director do
Gymnasio Moura Santos Ex-Delegado Regional
do Ensino, em Campinas e Piracicaba.

DUAS PALAVRAS

A reedição destas paginas esquecidas inspirou-se numa idea de cooperação. Ha justamente dez annos que me venho batendo pela modificação do methodo de ensino de portugûes nas escolas primarias, convencido de que andamos a sevicar o cerebro das crianças confiadas á nossa guarda nessa materia.

A idéa ficou no ar durante todo esse tempo... mas não morreu. Pelo contrario, sinto que vai vencer dentro de pouco e que sua victoria virá juntamente com outra por mim preconizada: a extensão do methodo analytico ás demais disciplinas do programma escolar que não apenas á leitura. Affirmo isso em virtude da actividade invulgar que anda nos arriaes dos professores. Depois de uma campanha contra elle, o professorado ganhou afinal a convicção de Sampaio Doria, de que a intuição analytica é o unico e o verdadeiro caminho educativo.

Pareceu-me, portanto, não destituído de interesse fazer reimprimir estes dois trabalhos (seis artigos publicados, em setembro-outubro de 1919, n"O Estado de São Paulo" e parte de um *Memorial* apresentando ao Conselho de Educação, reunido nesta Capital, em Julho de 1921. Reflectem estadios da marcha do problema que talvez ajudem os meus collegas do magisterio publico. E' a maneira unica que me resta para mostrar-lhes que ainda os acompanho, com carinho e com fé, na labuta extenuante em que se empenham.

OS ARTIGOS D'“O ESTADO”

I

Em um do seus ultimos numeros, a “Revista do Brasil” trouxe, na “Resenha do mez”, um artigo, firmado pelo professor John C. Branner, sobre a necessidade em que estão os brasileiros de defender a lingua portuguesa, que perde, lá fora, dia a dia, maior terreno.

O conhecido professor, que residiu muitos annos no Brasil e é hoje o Presidente Emeritus da Leland Stanford University, em Ada (Ohio), nos Estados Unidos da America do Norte, observa, a proposito, um facto interessantissimo e que é um documento desagradavel para a nossa vaidade nacional: diante das novas necessidades commerciaes dos “yankees”, que acabam de conseguir, no Brasil, um vasto mercado aos seus productos, elles puzeram-se a estudar... a lingua hespanhola.

O professor Branner aconselha-nos, a nós brasileiros, a que protestemos contra essa indesejavel campanha, feita contra nós mesmos e originada pelas nossas preferencias commerciaes, o que num certo sentido vem a ser a nossa custa, mas, sensatamente, pondera que “nós teremos de lutar não sómente com a ignorancia quasi geral dos Estados (da America) a respeito da lingua do Brasil, mas, tambem com o indifferentismo dos brasileiros mesmose ao mesmo tempo (e isto é ainda mais importante) teremos de nos oppôr á propaganda feita pelos portugueses “contra” a lingua portuguesa.”

E cita, então, a reforma orthographica levada a cabo pela Republica nossa irman de além-mar, como prova do espirito demolidor de que estão animados os lusitanos, contra o seu proprio idioma.

E remata: “Hoje a esperanza da lingua portuguesa fica nas mãos dos brasileiros e é de esperar que elles façam uma propaganda a favor do português, mas do português legitimo, como os franceses fazem da lingua francesa.”

O professor Branner, amigo nosso como se revela nesse artigo, tem nelle a visada exacta de uma situação melindrosa e delicada e o perigo que denuncia, além de ser momentoso, é tambem, para nós, de excepcional gravidade.

Dentre todos os paizes da Amercia — e quando digo America refiro-me tanto á do Norte como á do Sul — é o Bra-

sil o que tem a lutar com a maior difficuldade no que diz respeito a se fazer conhecido pelo mundo afora.

Attente-se para este facto : os Estados Unidos e o Canadá falam a lingua inglesa, lingua official para uma extensão territorial de 40 milhões de kilometros quadrados, o que lhes eria em volta, em todo o mundo, uma atmospherá especial de solidariedade no tocante á conservação e propagação do proprio idioma.

Certo, nem todos os povos das colonias inglesas falam o inglês. Mas falam-no as maiores, a Australia, a União Sul-Africana, o Canadá, além dos 50 milhões de ingleses e dos 100 milhões de norte-americanos.

Com a Argentina, o Chile, o Mexico, emfim com todas as republicas latino-americanas, excepto o Brasil, reproduz-se facto identico, pois esses paizes podem amparar-se mutuamente e são nada menos de 18 nações que falam a mesma lingua.

O Brasil, está só... ou quasi. O seu unico irmão, Portugal, mais pobre do que elle, apesar de ser paiz colonial, não lhe traz amparo de monta. As suas colonias, cobiçadas e já uma vez divididas entre outras nações em zonas de influencia, como affirmou o principe de Lichnovsky no seu memorial, não estão mui seguras nas suas mãos, desde que elle não tem força para as defender.

Lutamos assim, com a falta dessa atmospherá de solidariedade que se nota entre paizes que falam a mesma lingua.

E, para nós, esse defeito sobe de ponto, se nos lembrarmos de um outro facto para o qual, diversas vezes, tenho chamado a attenção e que eu não me canso de repetir.

O edificio de uma nacionalidade, seja ella qual fôr, repousa sobre tres pedras angulares : raça definitivamente constituida, continuidade completa do territorio nacional e lingua geral para todo o paiz. Essas são as características nacionaes por excellencia. Um paiz que as possui pode ser vencido, subjugado e annexado por outro mais forte. O que nunca se conseguirá, será incorporá-lo ao dominador, fundi-lo ao que lhe usurpa a autonomia, desnacionalizá-lo emfim. São frisantes os exemplos da Bohemia, da Polonia, da Finlandia, que, juguladas tantos annos e mesmo seculos, não perderam a aspiração de indepenencia, porque eram patrias na verdadeira accepção da palavra.

Ora, nós não temos raça nas condições exigidas, e isto é velho e é sabido. A continuidade de territorio que os mappas contam, não passa de uma contiguidade muito relativa, pois a maioria dos Estados, especialmente no Norte, se ignoram uns aos outros, por falta de communicações rapidas.

Temos a lingua, que representou, até hoje, ella só, o fragil traço de união entre estes 25 milhões de almas que nós somos.

Concluir dahi que é a nossa lingua, por todos os motivos, a que mais precisa de propaganda para se fazer conhecida, senão quizer se destinar ao mesmo plano das linguas dos paizinhos da Europa, é uma coisa que se impõe.

Qual ha de ser, então, o meio mais ao nosso alcance para obter tal conhecimento, senão esse das relações commerciaes, obrigando os nossos clientes a aprenderem a lingua portugueza se nos quizerem servir ?

E tem toda a razão o conhecido sabio norte-americano, quando affirma que essa propaganda cabe de obrigação aos brasileiros, como herdeiros legaes, naturaes e, pelo seu numero actual, preponderantes da bella lingua de Camões.

Tem razão o professor Branner, quando nos empurra tal responsabilidade, mas, parece-me equivoocar-se, quando alimenta esperanças de que os brasileiros compreenderão essa obrigação que lhes corre e iniciarão o movimento de defesa contra o avassalamento da lingua hespanhola, que vamos deixando tornar-se a lingua official do nosso commercio.

Engana-se, sim, porque o brasileiro mostra-se, actualmente, inapto a provocar uma campanha de tal vulto, capaz de toda a efficiencia e de produzir resultados beneficos.

Para ser-se capaz de tal gesto seria preciso ter-se o orgulho da propria lingua, o amor e o respeito pelo proprio falar. E o brasileiro não o tem. Será possivel ?

Tanto o é que nós, ha muito tempo, não fazemos mais nada do que deturpar o nosso idioma. E' um facto doloroso, que está ás vistas e á analyse de todo o mundo : estamos esphacelando o portuguez, com o desprezo de gente que se sente apodrecer por dentro, com a inconsciencia de selvagens que não sabem do mal que estão causando, com a incuria de uma raça que parece não compreender o papel historico que ainda tem que desempenhar no globo e os altos destinos que é chamada a cumprir no concerto das nações.

O brasileiro mostra diariamente que não ama a sua lingua, que não lhe dá o devido valor, que desconhece as obras primas que ella criou, as epopéas fulgurantes e que deu origem e, mais que isso, que, absolutamente, não conhece a riqueza, a graça, a harmonia, a belleza do seu idioma opulento.

Que lhe pode importar do avassalamento da lingua hespanhola, se elle proprio não se peja de a polluir, de a remendar, de a gafar com a sua incuria e desleixo ?

— Isso que está affirmando precisa de provas, ha de pensar o leitor. Não se faz uma asserção dessa ordem sem a documentar. Prove-a."

II

O brasileiro não ama e nem respeita a sua lingua. E' uma affirmação que requeima os labios, de onde sai e dóe fazê-la pingar da bocca. Mas é verdade.

Feitas as poucas e honrosas excepções das classes cultas de algumas cidades do paiz, o resto do povo vai transformando a riquissima lingua portuguesa num idioma mesquinho e sem brilho.

Se o brasileiro amasse a sua lingua, não a teria desfigurado como a desfigurou, a ponto de lhe criar, o seio, dois falares ditinctos, que se desconhecem a si mesmos : um, o familiar, pobre, anemico, gafado de vicios, polluido de impropriedades, enxertado de neologismos idiotas e torpes, mendigo esfarrapado que acceta todos os remendos e todas as esmolas sem lhes indagar a procedencia: o outro, o literario, nobre, fidalgo, alto demais, inacessivel ao povo, o que se lê nos jornaes e o que se usa nas escolas.

O que se usa nas escolas ! E' chegar a qualquer classe, de cidade provinciana especialmente, abrir um livro de leitura escripto no estylo mais chão e perguntar ás crianças o significado de palavras de uso comezinho nas prosas cultas e ver-se o silencio que se segue á pergunta.

✱ A criança não sabe. E não sabe, não porque o professor não lh'o ensinasse, mas porque o synonymo não lhe ficou gravado por falta de uso nas palestras domesticas ou porque, no dia, em que, tendo-o aprendido, quizesse empregá-lo, cahia-lhe de rijo, pelo lombo, uma saraivada de dichotes : Olha o pelintra ! Já virou sabe-tudo !

E' incrível até que ponto nós deformamos o instrumento de transmissão de nossas idéas. No capítulo dos solecismos a série não tem conta.

Começámos por subverter a função dos pronomes, empregando indistinctamente os casos rectos em lugar dos obliquos e isso com uma tal profusão que chega a gente a duvidar de que haja correctivo capaz de lhe minorar os detestaveis efeitos. Continuamos, fazendo alterações estupidas ás regencias dos verbos e acabamos amputando, aos proprios verbos, as suas mais ricas e expressivas desinencias. *Nós chamava, eu fez, foi tu, elles cantou*, são tolices que estamos tão habituados a ouvir que ninguem lhes põe mais reparo. E vamos, assim, imitando o defeito capital do inglês, em que a falta de tempos verbaes e a carencia de desinencias obrigam a repetir constantemente o pronome pessoal para que se possa distinguir a pessoa que está em jogo.

Abolimos o valor da synonymia, como se não houveramos necessidade de graduar as nossas idéas, de colorir e movimentar o nosso pensamento, em vez de o reduzir a uma monotonia fastidiosa pela repetição dos mesmos torneios de phrase, das mesmas figuras, dos mesmos arranjos.

Chegamos ao cumulo de não ter uma pessoa official de tratamento para uso familiar. Mesclamos duas que não têm parentesco nenhum: a segunda do singular *tu* e a terceira *você*. E muitas vezes, accrescentamos a esse ignobil vasconço o possessivo *vosso*, porque é uma palavra muito parecida com *você*.

São communs phrases como esta — eu pelo menos ouço-as não todo o dia mas a toda a hora — e na bocca de gente que teria obrigação de se exprimir melhor: "*Você* me desculpe. Não *te* escrevi logo porque não me foi possível dar conta do *vosso* pedido."

A salada pronominal que esse caso representa, é hoje habito inveterado no falar brasileiro e é facto virgem na historia de outros povos.

Virgem não o é bem. Conheço caso identico; ha uma região do sul da Italia, cujos habitantes têm o mesmo vicio, que nós temos, de fazer salada de pronomes, quando falam dirigindo-se á mesma pessoa.

Aqui, o erro passa despercebido e innotado. No entanto, os italianos de outras regiões fazem delle a fonte de um chasco e uma troça interminavel a ponto de chamar os seus patricios

os *ingleses da Italia* (sabido como é que os ingleses têm grande difficuldade na aprendizagem das linguas latinas).

E o phenomeno lá justificar-se-ia até certo ponto, porquanto os italianos jogam, com uma precisão admiravel e uma habilidade rara, com tres especies de tratamento: o *tu* para o iguaes, o *vós* para os parentes mais velhos, o *lei* para as pessoas de distincção, *lei* que se transforma em *Ella* quando se quer usar de cerimonia.

No Brasil não me consta que tenham alcunhado alguém por causa desse vicio, o que se comprehende, pois deviamos começar por appellidarmo-nos a nós mesmos.

A unica tentativa de remediar ao defeito que eu conheço, recommenda-se pelo ridiculo: — é a que considera o *tocê* e o *tu* iguaes e manda que se diga, por exemplo, *você deve*, o que está, manifestamente contra o genio e a indole da lingua.

A esta série de vicios, ha ainda a acrescentar, nas classes altas, a balburdia da collocação dos pronomes, que é, para os estrangeiros, um inferno na aprendizagem de nossa lingua; e mais ainda, a acrobacia de regencia e collocação, algaravias que nos trouxeram as correntes immigratorias e que nós, insensivelmente, vamos incorporando á linguagem familiar e legitimando como portuguezes de lei.

E não é tudo. Ha ainda dois pontos para os quaes é preciso voltar os nossos olhos, pois merecem reparos e estudo.

Um é termos chegado ao absurdo do alheimento pela pronuncia correcta dos vocabulos, que o povo considera como uma diplomacia dispensavel, a ponto de saber que uma palavra se pronuncia de uma forma e teimar em a dizer de modo errado.

Este ultimo vicio vai se infiltrando em todas as camadas sociaes e impõe, a quem observa, um cotejo desconsolador. Nos outros paizes latinos tal não se dá. Entre hespanhoes, portuguezes, italianos, franceses de infima ou nulla cultura, entre gente de campo desprovida, totalmente, de instrucção, encontra-se, geralmente, um conhecimento muito mais pronunciado da propria lingua, uma séde de saber cada vez mais o proprio idioma e ao mesmo tempo uma grande vaidade por esse conhecimento.

Nada disso se passa em nosso paiz. E' que nos outros a lingua é ensinada correctamente desde o berço, e nós ensinamos um perfeito vasconço. Dahi, essa desagradavel impressão

de ouvir um português ridiculo entre pessoas que se presumem de cultas e a quem corre a obrigação de bem falar.

O outro é uma consequencia de uma pequena vaidade nacional, que nos está saindo demasiado cara. Diz-se, por ahi, que o português é lingua difficil. Nisso concordam e concordaram sempre todos sem discrepancia, e a difficuldade de nosso idioma passou a dogma indiscutido. Ouve-se isso nas escolas, nas rodas de literatos, e de sabios, nas discussões e polemicas acaloradas, em familia, no club, no cinema...

Mas não pensem os estrangeiros que a difficuldade do português é por ahi uma difficuldade qualquer. Não, senhores, é uma difficuldade, um pouco mais cara. Tão difficil que muitos dos melhores escriptores e polygraphos nacionaes, após annos e lustros de estudo, não conseguem sabê-lo a fundo. Ruy Barbosa, por exemplo.

Ora, o brasileiro acceitou essa affirmacão e conformou-se com ella e, desde que o seu idioma era uma coisa tão profundamente inattingivel, resolveu fazer a coisa, mas simples, mais logica, mais consentanea á razão deste mundo: não a estudar.

E a vaidade de possuir uma lingua mais difficil que as outras foi-nos fazendo acreditar na ballela, levou-nos ao desleixo e á incuria e acabou dando aso a que virassemos o português numa tal barafunda linguistica, que, em complicação, se parece com o allemão.

E' impossivel dizer que isso que nós falamos actualmente, em nossas casas, seja uma lingua.

E ahi está porque eu não creio na possibilidade de uma propaganda efficaz a favor do português, feita por gente que, como nós, não se cansa de o desfear, dia a dia. Nem essa campanha, se fosse tentada, daria resultados, emquanto nós mesmos não perdemos o mau habito de estragar o proprio falar.

Porque, felizmente, existe ainda um meio, o recurso supremo, de pôr còbro a esse penoso estado de coisas.

III

Disse Anatole France, num dos seus livros mais lidos, que a lingua não se ensina pela grammatica. A grammatica deve ser abolida nas escolas, porque a lingua começa a entrar em nós junto com o leite que marmamos.

Essa observação do arguto e extraordinario humorista francês não é mera affirmativa literaria e paradoxal. Para as linguas velhas, que se falaram e se falam, num mesmo paiz, pelo mesmo povo, durante seculos e seculos, ella tem um fundo

de verdade, especialmente se esse paiz esteve ao abrigo das correntes immigratorias e das invasões.

Nesse caso, o povo aprende uma lingua, depurada pelo concurso de gerações successivas, com a mesma facilidade por que aprende a andar. Explicam-se assim os casos innumerados de regiões, com porcentagens enormes de analphabetos, cuja população fala correctamente o proprio idioma. E' uma das taes, a provincia de Siena, na Italia, onde, por confirmação unanime, se fala o melhor italiano e, não na cidade capital da provincia, mas nos campos.

Aos povos moços, porém, que como nós, transplantaram para a sua terra uma alheia civilização já feita, as regalias não são as mesmas. No Brasil, nunca se falou latim para que pudesse ser corrompido e formar, como na Europa, as linguas modernas.

Tendo tomado de emprestimo uma lingua que nos primeiros tempos em que para cá nos veio estava ainda ultimando a sua phase de fixação definitiva, havia para nós maiores perigos de a deturpar.

Flór de estufa, requeria condições especiaes e cuidados incessantes para que se acclimatasse e só á custa de ingentes esforços conseguiria vencer.

Claro, quando se fala em acclimação, concede-se aconteçam as fataes differenciações que apparecem em todas as coisas vivas removidas para meios outros. Refiro-me, no caso da lingua, á conservação de suas linhas geraes e da sua indole e genios proprios.

Diante dos factos que eu enumerei no meu artigo, quem poderá affirmar, em consciencia, que o portuguez conserva os seus traços geraes, se elle caminha para ankylosamento inevitavel, para uma atrophia de seus recursos, que nos levará a reproduzir, nestes cem annos mais chegados, o phenomeno da lingua inglesa que é a lingua mais secca que existe entre todas as mais conhecidas e faladas ?

E quando um paiz chegou ao ponto a que nós chegamos, quando a massa de sua população se esforça por falar mal o proprio idioma e por transmitti-lo a seus filhos em estado cada vez peor, que remedio poderá obstar a esse descabro, senão a pratica intensiva do ensino de linguagem nas escolas ?

Ha necessidade de uma reversão no enunciado do conceito de Anatole: "a grammatica deve agora figurar como a base

para o ensino da lingua”, porque a observação do literato francês virou para nós, uma solennissima mentira.

Ahi está o remedio unico e exclusivo: ensinar grammatica á nova geração!

Boquiabriram-se? Persignaram-se?

Eu compreendo e justifico esse espanto e esse horror que causam as duas palavras fatidicas: “aprender grammatica”.

Falar-se em tal coisa ás crianças modernas — e mesmo a muita gente com barba — é peor, muito peor do que falar no mais poderoso papão do universo, no mais endiabrado dos sacys pernetas, no mais feroz dos capetas infernaes.

Aprender grammatica?!?

E’ de ver-se o espanto com que as crianças, nas escolas, pronunciam essas duas palavras agoireiras e a repulsa instinctiva que ellas lhes inspiram.

E’ de vêr-se o cuidado solícito por que os paes de alumnos imploram dos mestre-escolas:

— Professor, pelo amor de Deus, não ensine grammatica a meu filho!

Mas que é que ha de tão aborrido nesse estudo que assombra a filhos e paes e generaliza uma queixa que se vai tornando classica a ponto de autorizar, na bocca de literatos de renome, este chrisma sombrio: “a grammatica é a sisuda e circumspecta sciencia de torturar crianças e ensandecer adultos”?

Haverá motivos para esse horror?

Ha. Os professores fizeram, até hoje, no ensino de tal materia, uma inversão da marcha logica de seu desenvolvimento. E o portugês, para ser aprendido conta, ainda agora unicamente, com a memoria dos alumnos, num jogo malabarico de recursos penosos para o intellecto infantil. Não ha um facto concreto em que a criança se apoie. Ensina-se-lhe o substantivo, o artigo, o adjectivo, o pronome, o verbo, a conjuncção a preposição como se ensinava, antigamente a ler, começando pelas letras. E’ uma série, de abstracções e mais abstracções, sem descontinuar, até fazer perder a paciencia ao discipulo. Não se cuidou de suavizar e amenizar o ensino, torná-lo racional e objectivo, sob um ponto de vista intuitivo.

Conhecem aquella admiravel comparação de Amadeu Amaral?

“Imagine-se um nhambiquara diante das peças destacadas e dispersas de uma machina de coser. Examinando-as

uma por uma, enconstrará ferros que lhe parecerão destinados aos mais diversos misteres: aqui um martello, ali uma faca, alem um ponta de flexa, um instrumento de tortura, um adorno para pescoço, um suporte para panella; no meio de tudo isso, muito objecto de utilidade inatingivel. O que elle nem por sombra suspeitará é que esses objectos, faca, martello, ganchos, brinquedos e inutilidades, ajustados e coordenados segundo um plano que desconhece resultariam todos "outra coisa". Nós costumamos proceder, no julgamento das personalidades, com a mesma inopia, tranquilla e espessa do nham-biguara. Pegamos nas peças destacadas dessas machinas complicadissimas, cada uma das quaes é diversa de todas as outras, attribuimo-lhes uma função, damo-lhes um nome, atiramos para uma banda as peças inexplicaveis, e julgamos ter compreendido tudo..."

Pois, senhores, isso é uma luva para o nosso processo de ensino da lingua. Nós, professores, fazemos exactamente o mesmo com os nossos filhos.

Pegamos de uma machina de coser — a sentença — desmontamo-la e apresentamos, em seguida, aos alumnos, as peças separadas, cada uma por sua vez, e com os nomes prefixados de artigo, pronome e conjunção.

O alumno, que não conhece o valor da peça, dá-lhe um, de accôrdo com a capacidade de percepção de sua idade, e designará como "gancho, martello ou faca" aquillo que é apenas um jogo de mecanica...

Resultado... O resultado é essa grita dos paes alarmados com a relutancia dos filhos, e que trouxe, como consequencia, da parte de certos professores, a mais inexperada e a mais ingenua das conclusões que ainda se tiraram a respeito de uma dada materia: diante do fracasso do methodo, aboliram a disciplina.

IV

A praxe ultra-moderna de abolir o estudo da grammatica no ensino da lingua é consequencia dos maus resultados obtidos com a applicação dos methodos até hoje usados.

O ensino das partes do discurso, pelo qual nós queremos iniciar os alumnos nos segredos do mecanismo da lingua, mostra-o flagrantemente.

De facto, se ha alguma coisa que resalte de maneira indelével, em tal ensino, é que elle falha lamentavelmente seus fins no momento em que appareçam as palavras em sentido lato e as palavras abstractas e, principalmente, quando surgem palavras funcionando com valores diferentes, como um verbo substantivado, por exemplo.

Se tivermos em conta que o povo ama muito mais exprimir-se por figuras e symbolos e metaphoras, que não por meio de palavras em sentido proprio, chegaremos á conclusão de que o ensino falha justamente, por que não tendo "ideologicamente" a compreensão da funcção que o vocabulo exerce na phrase, o alumno, por mais intelligente que seja, cinge-se a classificá-lo por falsas analogias, de accôrdo com exemplos dados de antemão.

E se, por uma intuição quasi diria genial, uma ou outra criança chega a perceber o phenomeno, isso representa, da parte do professor, um abuso e uma cruel injustiça, pois nós não temos o direito de exigir tamanho esforço de um cerebro tão pequeno.

Foi por terem comprehendido esse facto e por se haverem convencido da inefficacia do methodo e, sobre tudo, de sua falta de logica, que alguns professores — (alguns só, frise-se bem, porque os outros continuam na faina ingloria de confundir *grammatica* com *regras de grammatica*) se voltaram a uma nova saída.

E, desde logo, justificaram, mais uma vez, aquelle sensato conceito de Spencer: "quando se abandona um erro, de ordinario, cai-se no erro opposto".

Foi o que elles fizeram.

Não vale a pena ensinar-se a grammatica pelo methodo em voga? Supprima-se então, e ensine-se a lingua pelo systema de exercicios syntheticos continuados.

E' uma saída contraproducente e ingenua. Para o estudo da lingua, o conhecimento das partes do discurso e suas funcções é tão indispensavel como o conhecimento das letras para a leitura.

Certo, a pratica dos exercicios syntheticos é a racional para os tres primeiros annos do curso. Racional e scientifica. A observação empirica dos factos e dos phenomenos sempre foi o melhor meio, senão o unico, de aprender. Sem empirismo não haveria sciencia.

Mas... e depois ? Sim, e depois de haver armazenado um grande arsenal de factos e observações, que fará delles o alumno ? Será justo e logico deixar-lhes empilhados no cerebro, uns sobre os outros, como os fardos nos armazens sem tentar classificá-los e methodizá-los, afim de extrair delles as leis que os regem para melhor os compreender ?

Se isso é justo e é logico, as sciencias são a maior asneira que o homem fez.

Mas não é. E tambem não é deixar uma criança, no quarto anno do curso, entregue a si mesma, tendo, do instrumento basico de aprendizagem — a lingua — uma noção vaga e imperfeita, tal como ella a poudede deduzir do amontoado de observações que lhe passaram ao alcance da immediata experiencia.

E que ha de ella fazer de um instrumento de tal ordem ? Que importancia lhe dará ? Que preocupação terá de o conservar, se o não conhece ?

Transparece aqui, clara e obrigatoria, a necessidade inadiavel de aprender grammatica.

Abolir-lhe o estudo porque os resultados saem-lhe ao contrario do que esperamos é o mesmo que deitar fora um abio porque se não sabe comê-lo.

Ninguem se lembrou de riscar fora das sciencias a psychologia porque a antiga estava em desaccôrdo com a biologia. Refundiram-lhe os methodos de investigação, eis tudo, e a psychologia ficou no logar que lhe competia.

Aos professores corre igual obrigação.

Se o methodo adoptado não serve, ensaie-se outro, façam-se tentativas de novos processos, experimentem-se innovações baseadas na experiencia já adquirida. Da constancia desses ensaios, alguma coisa de aproveitavel ha de ficar.

Em 1913 — perdoem-me a vaidade desta citação — o problema começou a preocupar-me seriamente.

Achava-me, nesse tempo, no Pará, na missão paulista que reformou as Escolas de Aprendizizes Marinheiros, em quasi todos os Estados do Brasil e, um bello dia, encontrei-me na embaraçosa situação de ter de lecionar portugês a uma classe de rapazes de 13 a 16 annos, e que manifestava por essa disciplina uma relutancia pasmosa.

Não que elles se negassem a aprender. Muito boa vontade demonstravam e empenho em me serem agradaveis. Não tive,

até hoje, classe tão docil quanto aquella. Mas eram refractarios ao methodo que eu seguia e que outro não podia deixar de ser que o da rotina.

Impressionado com essa impermeabilidade, tratei de lhe descobrir a causa e tentar, depois, uma modificação no methodo.

Estava, então, em pleno periodo de propaganda, em S. Paulo, o methodo de ensino de leitura, chamado analytico — que é hoje usual nas escolas do Estado. Elle feriu-me a attenção e suggeriu-me a primeira idéa, vacillante e indecisa, de que talvez pudesse dar resultado no ensino de linguagem.

Os ensinamentos que colhi com o meu ensaio, eu os publiquei, muito depois, em Março de 1917, no "Correio Paulistano" e são estes em resumo :

*
* *

O systema a que dão o nome de analytico, e que é obrigatorio em todo o Estado, tem a favor — dizem todos os seus propagandistas — a extraordinaria potencia de facilitar um desenvolvimento gradual e harmonico de todas as faculdades criadoras das crianças, dependendo apenas que os ensinamentos lhes sejam ministrados sob o ponto de vista intuitivo, subordinados ás experiencias celebres de Binet e Henri, Decroly e Degand.

Toda a sciencia pedagogica se resume, enfim, nesta regra que ainda não foi expressa, mas que se subentende tacitamente : "Pela concorrência vital das tres memorias parciaes, dirigir, habilmente, o espirito infantil para uma synthese de raciocinio."

A verdade das coisas, porém, é que esse trabalho não está totalmente feito. Delineado e orientado em suas linhas geraes, as necessidades prementes das primeiras classes obrigaram o governo a desviar a attenção das ultimas, deixando aos professores uma relativa liberdade nos methodos, que muito teria produzido se em toda a parte nós tivéssemos... professores.

Entre outras disciplinas, essa do ensino da linguagem foi das que seguiram a velha rotina.

E a rotina estava em contraposição aos preceitos essenciaes do methodo analytico, que ella falseia e subverte.

O defeito maximo do ensino estava na mania de se ensinar a taxonomia pela velha ordem classica: "substantivo, artigo, adjectivo, pronome, verbo, adverbio, preposição, conjunção e interjeição."

Essa ordem pôde ser scientifica ou pratica; mas para a infancia é anti-natural.

Nos meus primeiros ensaios para descobrir o artificio que permittesse uma aprendizagem mais suave valeram-me as experiencias de Binet e Henri, as theorias de Max Muller e Baudry e as observações de Th. Ribot.

As experiencias de Binet e Henri, sobre a memoria visual auditiva e motora das crianças provavam-me que aquillo que nós, homens, julgamos simples, como um circulo, um quadrado, um s, um q, não são retidos pela memoria infantil. Isso me levava a crêr que a pretensa simplicidade das classificações scientificas devia ser um pesadelo para os meninos.

As theorias glossologicas de Max Muller e F. Baudry, affirmando que a característica essencial dos vocabulos no inicio da formação das linguas é a "qualidade dos objectos" uma qualidade qualquer de que a palavra lhe fica sendo o signal, fizeram-me suppôr que a "qualidade", e só ella, é que devia, na criança, que é um selvagem moderno, ser a pedra angular do ensino da lingua, pois ella revivia a historia do desenvolvimento da glossologia humana.

Mas para me convencer do erro do velho ensino, bastavam as observações de Th. Ribot sobre a amnesia dos vocabulos e que elle estuda nessa estupenda monographia que é "Les maladies de la mémoire".

Os amnesicos perdem, primeiro, a memoria dos substantivos, depois a dos adjectivos e em seguida a dos verbos.

Ora, existindo na amnesia a lei de regressão em virtude da qual "as organizações complexas são esquecidas mais depressa que as simples" ou, de outro modo, a amnesia vai do "particular ao geral", era logico suppôr que um verbo e um adjectivo são organizações mentaes muito mais simples que um substantivo.

Donde se destacava, nitida, uma outra regra a seguir no ensino da taxonomia grammatical:

O professor deve começar a ministrar as noções das partes do discurso pelo verbo, explicando como ella seja a idéa perfeita e clara de uma acção material e, generalizando-lhe a definição, dizer que "o verbo é a palavra que dá a idéa de um movimento."

Essa definição incompleta como todas, permite, porém, levar, delicadamente a observação da criança para os participios que se tornaram adjectivos o que em pouco tempo, justifica a aprendizagem dos qualificativos e logo após a dos substantivos, pois que "estes, na phrase de Ribot, não passam de adjectivos tomados em sentido especial" e são os termos aos quaes as qualidades ensinadas no inicio se reportam.

Para confirmar essa marcha basta lembrar-se de Baudry : "Les noms sont tirés des verbes par intermédiaire des participes, qui ne sont que des adjectifs dont la dérivation verbale n'est pas encore effacée".

Feito esse trabalho, o professor ensine os adverbios, que nada mais são do que adjectivos que se immobilizaram em determinadas circumstancias.

Depois enverede para os pronomes pessoaes, que foram implicitamente e inconscientemente estudados juntos com os verbos. Destaque-os agora, illuminando-os de uma luz nova e esclarecendo-lhes as modalidades.

Em seguida, entre a estudar a preposição. E' preciso, comtudo, notar que esta parte do discurso, sendo como é a regencia essencial das phrases em que apparecem, facil será levar os alumnos á percepção dessa qualidade de vocabulos, desde que se tenha em vista aquella verdade.

Se, ao contrario, se der a noção de que a preposição é a palavra que une outras palavras, temos perdido completamente o tempo, porquanto essa noção, deficiente e inutil, falseará mais tarde todo o ensino de linguagem, como, aliás, acontece com muitas outras noções que se ministram actualmente, as quaes, por isso que nada dizem, para nada servem.

O alumno, se não chega a perceber a funcção do vocabulo na phrase, malbaratou miseravelmente o tempo.

Saliente-se o emprego das preposições, citem-se verbos que pela mudança de uma dessas particulas mudam de significado ou exigem outro torneio, e teremos dominado, na essencia a construcção grammatical das orações.

Conseguindo assim, mais ou menos o manejo do mecanismo do discurso, dahi por diante o trabalho está feito : continue-se com os determinativos, com os pronomes adjectivos, com as conjunções e com as interjeições."

Essa modificação valeu-me poder ensinar muito mais suavemente, de accôrdo com o programma, as noções das partes do discurso.

Mas com o seu uso continuado eu me certifiquei de que ella não era uma reforma, era um mero artificio, que estava ainda ligado pelo cordão umbilical á classificação antiga.

Já era um passo a mais, mas era um passo só.

E dentro do meu espirito, aos poucos, lentamente, foi surgindo a idéa de que o meu ensaio poderia ser muito mais ampliado até attingir as raias de uma verdadeira refundição dos methodos e processos para o ensino da lingua.

Tentei, assim verificar se a applicação dos principios que regem o methodo analytico de leitura daria resultado na linguaagem, isto é, se eu partindo da sentença como um todo completo e perfeito poderia descer até á parte do discurso de mais difficil percepção.

E verifiquei que podia.

V

Entro, agora, no âmago da questão. Vou esboçar o plano que imaginei, fundamentando-o pelos mesmos principios geraes que originaram o chamado methodo analytico de leitura.

A materia obriga-me a usar mais a miudo a terminologia pedagogica, mas fá-lo hei parcamente e serei breve.

As tão citadas experiencias de Binet e Henri e após elles as da brilhante pleidade de psychometristas que se lhes seguiu, pareceram, a principio, que estavam em desaccôrdo com a primeira das celebres leis de Spencer: "o espirito vai do simples para o composto".

De facto, uma sentença ou uma paisagem são, para nós adultos, coisas muito mais complexas que uma letra ou uma linha e, no emtanto, a criança retém mais facilmente aquellas que não estas.

O conflicto, todavia, é apenas apparente; serviu para nos revelar que a simplicidade das coisas está na razão directa do maior ou menor grau por que essas mesmas coisas falam á nossa imaginação. Assim, o que parece simples a um homem não o parece a uma criança, pois para esta uma sentença ou uma paisagem são coisas muito mais concretas do que a letra e a linha, meras abstracções a que ella não pode e não sabe ligar idéa nenhuma.

O mesmo facto reproduz-se com a linguaagem. Um substantivo, um verbo, uma preposição, caçacos, a esmo, na sentença, são abstracções transcendentés para o intellecto infan-

til : não lhe dizem absolutamente nada, da mesmissima forma que as letras e as syllabas na aprendizagem da leitura.

Uma criança acha mais facil guardar de memoria toda uma série de sentenças que decorar os 25 signaes do alphabeto, acha mais facil guardar dez palavras desconnexas do que reter a forma de um quadrado.

Ora, se isso se dá na leitura — e bem que nos custou admitti-lo, porque contrariava todas as nossas idéas assentes e rotineiras — porque se não ha de dar tambem em linguagem, se a base do ensino é a mesma — a sentença — se a lei que o rege é a mesma, se o methodo segue a mesma marcha logica ?

Bem examinadas as coisas, uma conclusão resalta flagrante : o parallelismo entre o methodo de ensino analytico da leitura e o de linguagem é completo e perfeito.

Qual é a marcha do primeiro, tão em uso em nossas escolas ?

Na leitura, a criança aprende a “ler” as sentenças sem conhecer nem letras nem syllabas nem palavras.

Da sentença, como um todo componente de sentido perfeito, destaca as palavras. Mais tarde descobre que as palavras se decompõem em syllabas e estas, por sua vez em letras.

Porque não seguir essa mesma marcha no ensino de linguagem ?

A criança, que não sabe ler, aprenderia a conhecer as sentenças tambem como um todo de sentido completo e perfeito, exactamente a decompô-la nos seus elementos capitaes : sujeito e predicado. Mais tarde, ampliaria esse conhecimento, subdividindo as duas partes, a primeira em sujeito e attributos, a segunda em verbo, complementos essenciaes e accidentaes.

O dominio desses tres pontos — que são, no fundo, o mecanismo todo da lingua — é de facil aprendizagem para os meninos, como tenho tido occasião de verificar.

Parallelo a esse ensino de analyse logica, porém, deve o professor ir fazendo resaltar as partes do discurso que no correr das lições se apresentem tão nitidamente, de uma forma tão clara que a sua percepção immediata se imponha á consciencia dos alumnos como uma coisa tangivel.

Porque é preciso não esquecer que analyse logica e analyse taxeconomica são coisas correlativas. Uma implica o conhecimento da outra. Apenas, e ao contrario do que sempre fizemos, a ultima deve succeder á primeira. Só assim é que a

criança compreenderá, aos poucos, o valor real e a função que as palavras exercem na phrase.

Assim, o verbo se destacará immediatamente, logo ás primeiras lições, como a palavra insubstituível da sentença, a palavra que exprime a acção exercida ou soffrida pelo sujeito, a palavra que movimenta a phrase e que "faz" a affirmação.

Não ha de ser necessario que o professor a mostre, a criança facilmente o descobrirá por si. E isso confirma a lei de regressão dos amnesicos, que Ribot traçou, em virtude da qual os "verbos" são os ultimos a desaparecer de nossa memoria.

O sujeito e o objecto directo servirão para pôr em relevo os substantivos e os pronomes, que são palavras de função identica.

Os adjunctos attributivos revelarão todos os adjectivos e pronomes adjectivos, em todas as suas modalidades.

O mesmo succederá com os adverbios, que não são mais que adjectivos que se immobilizaram em certas e determinadas circumstancias.

A regencia dos verbos fará descobrir as preposições e como é essa a sua principal função, nada será tão claro como perceber-lhe o valor.

Para o ensino da conjunção é necessario um pouco mais de prudencia. Como o seu papel essencial é o de articuladora de phrases, ella só deve ser salientada, quando, passado o periodo de divisão das sentenças simples e compostas, se iniciar o estudo das orações principaes e suas clausulas.

E' este, aliás, o ponto critico do ensino, o que demanda a habilidade do professor e vai justificar a sua existencia como uma necessidade e não como um mero repetidor de lições, que um grammophone substituiria com vantagem.

O estudo sobre clausulas deve ser levado em forma gradual e progressiva, começando por sentenças simples-complexas e ir paulatinamente augmentando as difficuldades até alcançar as mais intrincadas sentenças compostas-complexas, escolhendo exemplos que firam a imaginação infantil como verdade de uma clareza de luz meridiana. O artificio, que é a base do ensino, deve aqui sobrexceder-se a si mesmo.

E' para isso aliás que existem os mestres. Nenhum professor será verdadeiramente digno desse nome, se não souber valer-se de artificio que suavizem a aprendizagem de qualquer que seja a disciplina.

Pois bem, é preciso convencer os professores de que é esse o methodo racional. Fóra dahi, é constranger o cerebro infantil a um esforço violento, contra o qual toda criança se rebella, numa revolta surda mas concentrada. E tem razão.

Quando, após uma longa tortura que se prolonga por anno e meio, nós fomos enchendo a cabeça dos alumnos com abstracções e mais abstracções, ensinando-lhes, sem um fim e um plano apparentes, todas as definições das partes do discurso, as regras a que dão origem, a criança estudiosa, que teimou em acompanhar o professor, (caso raro, pois a maioria abandona o estudo que não comprehende) conseguiu chegar á analyse logica, se lhe perceber a utilidade, percebe tambem que lhe "puzeram o carro adiante dos bois".

E' que tudo quanto lhe ensinaram antes, com tamanho sacrificio mental e jogos penosos de acrobacia mnemonica devia ter sido ensinado depois. Partes integrantes do discurso como as letras o são das palavras, o substantivo e o verbo deviam destacar-se do ensino depois de bem aprendida a sentença.

E o alumno tem, então, um penoso trabalho de reversão de valores, o trabalho de inverter, mentalmente, tudo quanto aprendeu, de collocar na escala competente as noções que haviam sido antepostas, fazendo-as occupar o lugar que verdadeiramente lhes cabe na summula de seu conhecimento.

Mas é uma coisa logica, essa.

Como se teria conseguido a actual classificação de palavras ?

O homem ou os homens que chegaram a effectuá-la, de que ponto teriam partido para o fazer ?

Desde que as partes do discurso se classificam pela analogia e identidade de funcções, é natural, admittir-se que, para descobrir essas analogias, foi preciso estudar a sentença inteira, dividi-la em suas partes componentes, comparar os vocabulos que exerciam as mesmas funcções, substitui-las por outras de identico valor, até a classificação desejada.

Ora, se isto foi uma verdade psychologica, quando se pensou em codificar as leis que regem a lingua e extrair dellas a grammatica, "como a exposição dos factos da linguagem", porque o não seria hoje ?

E porque, tendo partido da sentença para chegar ás suas partes, havemos, agora, de inverter os papeis e estudar as palavras antes de conhecer a sentença ?

Estamos obrigando os nossos filhos ao papel de “nhambi-quaras” diante das peças de uma machina de coser desmontada. E depois causa-nos grande surpresa que elles achem que é uma “canoa” o que não passa de uma “lançadeira”.

VI

Este capitulo é o das explicações.

§ O plano que acabei de deixar esgarçado em suas linhas geraes, nos meus artigos anteriores, surgira-me ao espirito como uma verdade logica e insophismavel e por muito tempo foi o hospede assiduo de minhas cogitações.

Nunca, porém, passou de sua phase “mental”, e mesmo que o tivesse ensaiado com turmas de alumnos — especialmente nestas férias a que nos obrigou a grippe e tivesse sempre confirmado as minhas previsões, fi-lo sempre de memoria.

Ha algum tempo tive confirmação de que o dr. A. Sampaio Doria, o conhecido lente de Psychologia da Escola Normal Secundaria da Capital andava fazendo estudos e observações sobre o problema e que, mais avisado do que eu, já organizara um plano orientador do seu novo methodo do ensino de linguagem.

Por uma circumstancia que não vem ao caso relatar, esse plano chegou-me ás mãos, ha poucos dias, e eu tive, então, a deliciosa surpresa de verificar que é um trabalho de folego e que segue os mesmos principios por mim expostos nesta série de artigos.

E' um trabalho claro e conciso. Convence logo de que ha outra maneira de se chegar a saber o portugûes sem torturar a memoria com regrinhas inuteis e mesmo nocivas para a compreensão da logica linguistica e mesmo até para a hygiene e prophylaxia mental.

Resumbra delle a certeza de uma aprendizagem facil, correntia, racional, que não exige esforços sobrehumanos. E' emfim, uma obra de valor inestimavel, que apparece justamente na hora em que mais angustiosa se faz a grita sobre o futuro de nosso meigo idioma.

É note-se, para realce do valor e do merecimento do seu autor, que o dr. Sampaio Doria nunca ensinou classes de escola primaria. Jogou unicamente com a sua admiravel intuição da marcha do desenvolvimento logico do espirito da cri-

ança, revelando uma capacidade invulgar na percepção da logica infantil.

A mim, confesso-o, envaidece-me e lisongeia-me sobremaneira o ter chegado ás mesmas conclusões que o illustrado professor a proposito desse momentoso assumpto.

O methodo Sampaio Doria — chamemo-lo assim como uma homenagem ao seu autor — é de uma facilidade assombrosa e o seu exame acaba de me convencer de que elle, agora, apenas demanda de entrar no terreno das realidades praticas, por meio de largas e disseminadas experiencias de todos os professores capazes do Estado.

E tal não será para nos certificar da excellencia do methodo, o que não admite duvidas, mas, simplesmente, para normalizar-lhe a sua processuação, afim de torná-lo nas mãos do professorado uma causa efficiente de ensino.

Nenhuma occasião seria tão propicia como a actual. O novo programma de ensino, baixado por acto de 8 de Agosto de 1918, preludia já um inicio de acção, estabelecendo que se ensine aos alumnos antes da taxonomia grammatical, a sentença dividida em seus elementos capitaes, o sujeito e o predicado.

— Mas, se o novo programma estabelece isso, dirá o leitor, a reforma está victoriosa, desde que os professores têm de cumpri-lo.

Parece, mas não é. E' que ha cumprir e saber cumprir. Trata-se de uma innovação formidavel, innovação na mais larga accepção do vocabulo que affecta o ensino de linguagem de alto a baixo.

E, em todas as innovações, é preciso contar com esse factor, desgraçadamente tão humano, que chega a neutralizar os mais bellos esforços e que se chama a rotina.

Eu não maldigo a rotina, pois não passa de uma antiga innovação "mecanizada", que lutou, a seu tempo, para vencer. E, a rotina presta tantos e tão assignalados serviços... Disse, e disse bem, o dr. Assis Brasil.

"Reformar não quer dizer repudiar. A rotina é o que dá meros, mas é o que dá com maior segurança. A rotina é o terreno solido, o terreno conhecido, sobre o qual firmamos pé, afim de dar com firmeza o passo para diante."

Ella tem, porém, um lado mau ; a rotina é o habito ali-cerçado na lei do minimo esforço.

Toda novidade violenta-lhe a calma e a commodidade, pois "tendo vencido os caminhos de menor resistencia do intellecto" se opporá á abertura de novos caminhos, que lhe destruam os seus habitos adquiridos, mesmo que a innovação lhe mostre um futuro luminoso e compensador de fartos resultados.

E' humano isso, e é inutil deblaterar contra ella. Ao contrario de lamurias é preferivel coisa mais productiva.

Lembro-me da campanha desenvolvida pela Directoria Geral de Instrucção Publica, quando foi da implatação do methodo analytico da leitura em nosso Estado, campanha essa que teve como principal guia o dr. Oscar Thompson, a quem cabe a honra de ter introduzido a innovação aqui, e mais que isso, a honra de ter feito triumphar um methodo pedagogico que rendeu os mais bellos e beneficos frutos.

Foi uma propaganda intensiva e constante, que não desfalleceu diante de nenhuma teimosia.

Pois bem, eu desejaria ver reproduzida, para o caso da linguagem, essa campanha, com a mesma força, com a mesma convicção e sobretudo com o mesmo optimismo.

E, então, as ordens do programma não seriam simplesmente cumpridas. Convencidos pela propaganda, os professores executariam fielmente a recommendação pedagogica: "na escola, a magna questão é de methodo; no ensino, a maior preocupação é educar", porque dariam á execução de uma ordem, essa coisa que tanto falta, ás vezes, aos homens, por motivos independentes de sua vontade: a interpretação cabal do espirito que anima as letras de um principio qualquer.

E', pois, esta minha peroração um caloroso appello á Directoria Geral de Instrucção Publica do Estado para que reedite, a proposito da lingua, a louvavel campanha do ensino analytico de leitura e faça o methodo Sampaio Doria erguer-se e firmar-se como expoente cultural do magisterio paulista.

São Paulo sempre foi a vanguarda da Federação em todas iniciativas fecundas. Cabe-lhe, tambem agora, o primeiro passo nesse problema em que está em jogo a pureza e mesmo o futuro de nossa lingua.

E seja de São Paulo, a terra que, desde os primeiros tempos coloniaes, salientou as characteristics de nossa formação nacional, que saia agora o gesto capaz de reaccender nos corações o orgulho pelo genio de nosso idioma, e capaz de pôr á altura de competir com todas as outras do mundo a lingua em que se escreveu a epopéa fulgurante dos "Lusiadas".

MEMORIAL AO CONSELHO DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO

Em julho de 1921, tomei parte como Delegado Regional do Ensino em Campinas, no Conselho de Educação que se devia reunir annualmente nesta Capital. Apresentei então uma memoria, em que resumia a argumentação usada nos seis artigos precedentes. Deixo de reproduzir a parte em que fundamentava a mudança de methodo, porque em mui pouco ou quasi nada differia da que o leitor já leu.

O memorial rematava, comtudo, pela apresentação de um esboço de programma, que era a parte inedita do trabalho, e que vai a seguir transcripta :

UM PROGRAMMA

“O que tudo medido e pesado, se poderia condensar neste programma de ensino :

1.º GRAU :

Lemma : — Obrigação ao professor de estabelecer *uma unica pessoa de tratamento constante (você ou tu)* afim de habituar a classe ao seu emprego correcto.

a) exercicios tendentes a conseguir a boa e perfeita expressão do pensamento e, particularmente, a correcta pronuncia dos vocabulos ;

b) ditados constantes, diarios, para obrigar o alumno á boa orthographia, que é a causadora da boa e da má pronuncia ;

c) exercicios visando corrigir os vicios mais grosseiros e mais communs do falar quotidiano e habituar, insensivelmente e inconscientemente, os alumnos á pratica das regras rudimentares de formação do feminino, do plural, das concordancias verbaes e pronominaes, etc.

d) exercicios de integração correcta de um pensamento incompleto ;

e) exercicios intensivos de formação de sentenças isoladas e independentes primeiro, agrupadas e dependentes, depois, até conseguir o relato succinto de uma historie-

ta ou de um acontecimento, e até alcançar methodizá-las na descripção simples de uma estampa ou de um objecto que fira a imaginação infantil.

2.º GRAU :

Lemma : — Fica interdito, formalmente, ao professor o uso da terminologia grammatical. O ensino *deve ser* empirico. O alumno *deve saber* que errou “porque o professor disse”.

a) Mesmos exercicios anteriores, ampliando-os gradativamente e dando maior desenvolvimento á parte propriamente “grammatical”, que é o conhecimento dos segredos e das surpresas da lingua.

b) Exercicios simples de mudança de redacção, de flexão verbal, de flexão pronominal, etc.

3.º GRAU :

Lemma : — Abstenha-se o professor de citar o nome das partes do discurso, que ainda não foram estudadas, por não se haver tornado premente a sua necessidade.

Entrada no mecanismo da lingua — Conhecimento da sentença e do valor do *verbo*. Conhecimento empirico do periodo e do paragrapho.

Divisão da sentença em suas partes mais simples : sujeito e predicado. Forma facil de se conhecer o sujeito.

Classificação dos verbos pelo sentido que encerram : — predicacção completa e incompleta.

Estudo das formas de predicacção incompleta e classificação dos verbos correlativos : — transitivos directos e indirectos. Conhecimento do valor da “preposição”.

Primeiros passos para conhecer os substantivos e os pronomes pelo *sujeito* e pelo *objecto*.

4.º GRAU :

Lemma : O professor terá sempre em mente que este anno é complemento logico do 3.º.

Mesmo programma anterior, com as ampliações devidas : assim classificação do sujeito e do objecto. —

Maior inisistencia sobre substantivos e pronomes, que são palavras de função identica.

Estudo das novas especiaes de complementos — e correspondente classificação de verbos: bitransitivos e transobjectivos — *O completivo objectivo* e primeira aparição dos verbos de “estado”.

Complementos attributivos e circumstanciaes — donde o estudo dos adjectivos e adverbios e competente classificação.

5.º GRAU :

Lemma : — O professor evitará a exposição de regras, só ministrando aquelles preceitos que forem reconhecidamente “universaes” e se applicquem a todos os casos.

Rapida e geral revisão do programma estudado. — Quadros synopticos e diagrammas.

Estudo completo e classificação das sentenças pelas idéas que encerram, affirmativas, imperativas, condicionaes, afim de fazer resaltar os *modos verbaes*.

Revisão e estudo integral do verbo.

Classificação das sentenças pelas idéas de coordenação e subordinação. Oração principal e suas clausulas — estudo das articuladoras de phrases que são as conjunções.

6.º GRAU :

Entrada no “paradigma” irregular da lingua.

Estudo das principaes difficuldades do idioma, que apesar de fugirem ás normas já conhecidas, sejam comuns a todas a linguas.

Exemplos: a collocação pronominal, a correspondencia dos tempos verbaes, as figuras, os graus, etc. ¶

7.º GRAU :

Recapitulação do trabalho alcançado. Entrada nas “singularidades” da lingua, como o estudo da classe, do pronome *se*, do infinito pessoal, os participios, idiotismos, etc.

NOTAS :

E' inutil advertir que taes conhecimentos devem ser dosados através de multiplos exercicios oraes e escriptos que dêem a noção experimental do facto, e que os exercicios iniciados no 1.º grau devem ser continuados e sabiamente ampliados em todos os outros graus do curso.

— Do 3.º grau em diante seria de summa vantagem fazer entrar a "charada" como factor de ensino, pelo interesse que desperta o descobrimento dos synonymos empregados.

— Fica evidente que até o 5.º grau só se cuidará do mecanismo normal da lingua, conjugada, por assim dizer, no seu *paradigma regular*.

— Em todos os annos, o professor não se esquecerá de que o seu maior crime é deixar *mecanizar* a aprendizagem, permittindo que seus alumnos façam os exercicios sem a intervenção immediata e omnipresente de suas faculdades de analyse e de critica. Só á logica dos raciocinios é permittido deduzir regras, que devem ser summulas de conhecimentos experimentaes.

Podem dizer — quem o duvida ? — que este programma annulla o curso de portugûes da Escola Normal, tornando-o desnecessario por lhe não ficar nada para ensinar.

Não é exacto. Até aqui não se fez mais do que integrar á consciencia do alumno uma serie de factos da lingua que, empilhados nos tres primeiros annos, foram coordenados e catalogados nos seguintes.

Ao curso normal competirá agora uma classificação mais minuciosa desses mesmos factos com dois alvos : a systematização scientifica dos conhecimentos e a consecução de um estylo. Dominados os factos da lingua pela experiencia, não haveria inconveniente nenhum em seguir uma grammatica e em se exporem agora as suas regras pela forma que toda a gente dá. A regra não seria um postulado "a priori" seria uma deducção da experiencia prolongada e como tal comprehendida e assimilada.

Podem dizer que isto seria tornar a cadeira de Portugûes da Escola Normal um mero elemento decorativo,

um luxo inutil dos professores. Está certo. E' a isso mesmo que deve aspirar o Estado de São Paulo : formar mestres-escolas brasileiros que tenham como supremo luxo esse de saber, com limpeza e com brilho, o idioma de seu paiz.

Duas palavras ainda, as mais importantes, antes de terminar.

O programma esboçado acima presuppõe a existencia de um livro. E, de facto, tal livro existe, e é da autoria de um dos mais brilhantes espiritos desta geração, o dr. Antonio Sampaio Doria.

Não segue elle, á risca, as alineas ha pouco lidas, mas, escripto com o intuito de ser ministrado a começar pelo 1.º anno médio, segue as linhas geraes deste plano e desenvolve-o com uma segurança que causa pasmo encontrá-la num homem que, como o nosso illustre ex-Director Geral, não teve o trato consante com as classes do ensino primario.

Tal livro seria, neste momento, uma dadiva preciosa para a modificação de nossa methodologia do vernaculo.

Pois bem, eu appello para a Directoria Geral da Instrucção Publica afim de que consiga do dr. Sampaio Doria a entrega sob as condições que estipular, desse livro — que está ainda dactylographado e é apenas do conhecimento de intimos — e que, adaptado a um curso integral de lingua materna, seja largamente distribuido pelo professorado paulista.

A 1.ª edição não seria talvez definitiva. A experiencia haveria de aconselhar modificações, cortes, suppresões e ampliações. Mas, com a sua adopção, poderiamos ficar descansados de que a lingua portuguesa continuaria a ser manejada, em São Paulo, com o mesmo vigor e segurança, com a mesma pureza e desenvoltura com que é manejada pelos mais illustres e pelos mais egregios dos dos escriptores nacionaes.”

EPILOGO

E agora uma explicação : a differença fundamental que vai entre os artigos do “Estado” e o “Memorial” está em que a experiencia me revelara que o livro do dr. Sampaio Doria

“Como se aprende a lingua” não era bem o que eu desejava e me parecera no primeiro exame. O principio orientador é aquelle, mas a processuação não estava bem segura. Dahi o pedir eu uma primeira edição que “não seria talvez definitiva”.

O livro foi publicado por uma casa livreira... mas “modificações, cortes suppressões, ampliações” não me constam hajam sido feitos nas edições successivas... Comtudo, torno a dizer que a revisão se impõe. O volume tem bom arcabouço que não deve ser perdido. Precisa é ser adaptado.

Regra da EVIDENCIA

1.º - O primeiro preceito era jamais receber coisa alguma por verdadeira se eu não a conhecesse evidentemente como tal; isto é, evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção; e nada mais compreender em meus juizos, senão aquillo que se apresentasse tão claramente e tão distinctamente, que eu não tivesse occasião de pô-lo em duvida.

Regra da DIVISÃO

2.º O segundo, era dividir cada uma das difficuldades, que eu examinasse, em tantas parcellas quantas se pudessem, e quantas fossem precisas para melhor resolvê-las

Regra da ORDEM

3.º O terceiro, conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objectos mais simples e mais faceis de conhecer, para subir pouco a pouco, como por degraus, até ao conhecimento dos mais compostos; e suppondo mesmo ordem entre aquelles que não se precedem naturalmente uns aos outros.

Regra da ENUMERACÃO E REVISÃO

4.º E o ultimo, fazer em tudo e por tudo enumerações tão inteirase revistas tão geraes que eu ficasse seguro de nada ter omittido.

RENATO DESCARTES

(*Discours de la methode, 1637*)

PLANOS DE LIÇÕES

A. F. Proença

Inspector Geral de Ensino.

O C H E I R O

(Lição de coisas)

1.^a *experiencia.* — Faça-se o alumno cheirar um pedaço de vidro bem limpo. — Sente o cheiro do vidro ?

Em seguida, uma folha de hortelã ou de outra planta aromática. — Sente o cheiro da folha ?

Depois, successivamente, um objecto de metal polido, um cravo, um pedaço de papel, uma essencia qualquer, com identica pergunta a respeito de cada cousa.

Conclusão (explicada). — Ha substancias que têm cheiro e ha substancias que não têm cheiro. As que têm cheiro se dizem *odorantes* ou *odoríferas*, *cheirosas*, *perfumosas*, *aromáticas*; as que não têm cheiro se chamam *inodoras*. Quando a substancia tem mau cheiro se diz *fétida*.

Aplicação. — O alumno dará exemplos de substancias inodoras e de substancias de bom ou mau cheiro, applicando a cada uma o qualificativo conveniente.

2.^a *experiencia.* — Dê-se um copo bem limpo para o alumno examinar. — O copo não tem cheiro.

Emborque-se o copo sobre uma essencia forte qualquer: um dente de alho pilado, um pouco de essencia de terebintina, uma flor muito aromática. — Desprende-se algum cheiro da substancia coberta ?

Minutos após, examine-se o copo: sente-se nelle o cheiro da essencia. — Porque será ?

— E agora, retirado o copo, não se sente o trescalar da essencia no ambiente ? Porque será ?

3.^a *experiencia* — Sem dizer nada aos alumnos, ponham-se algumas gotas de ether ou de qualquer extracto em uma bolinha de algodão, que se deixa sobre a mesa. Dahi a pouco está o ambiente saturado da essencia. Todos sentem o cheiro de ether ou do extracto. — Porque será?

Conclusão (explicada) — Da substancia que estava em baixo do copo se desprenderam particulas, que tomaram o espaço vazio : uma parte da substancia ficou dentro do copo. Da bolinha de algodão se evolou o ther ou o extracto, em particulas que se espalharam no ar : o ether ou o extracto passou para o ar.

De certas substancias solidas e liquidas se desprendem particulas pequenissimas, invisiveis, que se espalham no ar. Então sente-se o cheiro da substancia evaporada.

4.^a *experiencia* — Diga-se ao alumno que feche os olhos e aperte as narinas. Então approxime-se-lhe do nariz um algodão embebido de vinagre. Não sentirá cheiro algum.

Que deixe agora livre o nariz. Immediatamente sentirá o cheiro caracteristico da substancia.

Faça-se identica experiencia empregando outras substancias : camphora, alcool, fumo, etc.

Conclusões (explicada) — E' pelo nariz que sentimos o cheiro. Para o sentirmos é preciso, porem, que pequenas porções da substancia nos penetrem no nariz. Quando uma particula sae de um certo corpo e vem atravez do ar impressionar o nosso olfacto, dizemos que estamos sentindo o cheiro da substancia em questão.

Aplicação. — Como é e porque é que sentimos o cheiro dos extractos ? O cheiro das flores ? O cheiro dos medicamentos ? O cheiro das tintas frescas das casas ?

Porque é que sentimos no ar o cheiro de uma substancia que os nossos olhos não veem ?

Para explicar :

O ar inspirado, atravessando as cavidades nasaes, transporta consigo particulas dos corpos denominados *odorantes*, as quaes, em contacto com a mucosa, determinam sensações chamadas *odores*.

A's vezes, quando passamos por um campo, sentimos em cheiro nauseabundo, que tresanda. Não vemos de onde vem mas adivinhamos. Ali por perto deve estar o corpo de um animal em decomposição. Então o ar todo, nas immediações, está saturado de particulas que se desprendem do cadaver. Ha uma zona inteira assim saturada. E porque nós atravessamos essa zona, centenas, milhares das particulas mal cheirosas nos penetram nas narinas, a cuja mucosa ficam adherentes. Mais tarde, já muito distantes do lugar empestado, ainda continuamos a sentir o mau cheiro. E' que as particulas cadavericas permanecem aderidas ao interior do nosso nariz, impressionando os nervos da olfacção e fazendo-nos sentir o cheiro nauseabundo.

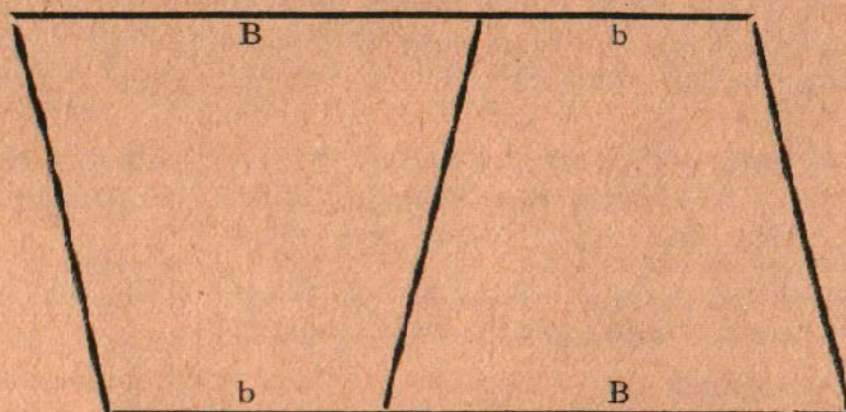
AREA DO TRAPEZIO

(Lição de geometria)

Para esta lição presuppõe-se : 1) o conhecimento dos quadrilateros em geral : 2) a pratica da construcção dos mesmos : 3) a avaliação da area do parallelogrammo.

Prevenidos com antecedencia, os alumnos trarão para a aula dois trapezios perfeitamente iguaes, recortados em papel cartão.

1. Collocar sobre a carteira os dois trapezios, um delles em posição invertida e de modo que coincidam os lados iguaes, como se vê na figura seguinte :



Que figura formam os dois trapezios juntos ? (Um parallelogrammo). Porque é um parallelogramma a figura formada ? (Porque tem os lados oppostos iguaes e parallelos).

Se os dois trapezios juntos formam o parallelogrammo cada um delles que parte é do parallelogrammo ? (A metade)

Como é formada a base do parallelogrammo ? (Pela somma das bases do trapezio). Qual é a altura do parallelogrammo ? E a do trapezio ? (O parallelogrammo e o trapezio têm a mesma altura). Que é que se conclue destas considerações ? (O trapezio é equivalente á metade de um parallelogrammo que tem por base a somma das bases do trapezio e por altura a mesma altura do trapezio.)

2. Como se acha a area do parallelogrammo ? (Producto da base pela altura).

Por meio da area do parallelogrammo como se achará a área do trapezio ? (Tomando metade do producto da base pela altura do parallelogrammo).

Mas, se a base do parallelogrammo é a somma das bases e a altura do parallelogrammo é a mesma altura do trapezio, do trapezio segue-se que a area do trapezio será *Metade do producto da somma de suas proprias bases pela sua propria altura*, isto é

$$\frac{(B + b) a}{2} \text{ ou } \frac{B + b}{2} \times a \text{ ou } (B + b) \frac{a}{2}$$

3. Após o trabalho experimental, deve o professor fazer as construcções no quadro negro, mostrando então que um parallelogrammo qualquer sempre se decompõe em dois trapezios iguaes e que, inversamente, dois trapezios iguaes formam sempre um parallelogrammo.

COMO SE MULTIPLICA UM INTEIRO POR UMA FRACÇÃO ?

(Lição de arithmetica)

Desenvolvimento por meio de perguntas :

Custando 1 metro de fazenda 5\$000, evidentemente :

3 metros custarão o triplo de 5\$000 ou $5\$000 \times 3$

2 metros custarão o dobro de 5\$000 ou $5\$000 \times 2$;

$\frac{1}{2}$ metro custará $\frac{1}{2}$ de 5\$000 ou $5\$000 \times \frac{1}{2}$;

$\frac{3}{4}$ do metro custarão $\frac{3}{4}$ de 5\$000 ou $5\$000 \times \frac{3}{4}$.

Então :

Multiplicar 5\$000 por $\frac{1}{2}$ é o mesmo que tomar $\frac{1}{2}$ de 5\$000 ; multiplicar 5\$000 por $\frac{3}{5}$ é o mesmo que tomar $\frac{3}{5}$ de 5\$000 ; e, em geral, *multiplicar um inteiro por uma fracção é o mesmo que tomar a fracção do inteiro.*

Exemplo : Um operario ganha 7\$000 por dia, mas só trabalha $\frac{3}{4}$ do dia. Quanto deve receber ?

Evidentemente deve receber $\frac{3}{4}$ de 7\$000 ou $7\$000 \times \frac{3}{4}$

Ora, $\frac{1}{4}$ de 7\$000 é $\frac{7\$000}{4}$; e $\frac{3}{4}$ de 7\$000 serão $\frac{7\$000 \times 3}{4}$.

Donde se deduz a regra : *Para multiplicar um inteiro por uma fracção, multiplica-se o inteiro pelo numerador e dá-se ao producto o mesmo denominador da fracção.*

COMO SE MULTIPLICA UMA FRACÇÃO POR UM INTEIRO ?

(Lição de arithmetica)

Dsenvolvimento por meio de perguntas :

1) Se um andarilho percorre $\frac{3}{4}$ de legua por hora, em 5 horas percorrerá evidentemente.

$$\frac{3}{4} \text{ de legua} \times 5$$

2) Se um cavallo come por dia $\frac{1}{8}$ de um fardo de alfaia, 4 cavalloes comerão por dia

$$\frac{1}{8} \text{ de um fardo} \times 4$$

3) Se uma bola de ferro pesa $\frac{3}{7}$ da arroba, 12 bolas iguaes pesarão.

$$\frac{3}{7} \text{ da arroba} \times 12$$

Nestas expressões os numeros que se repetem, isto é, os multiplicandos, são respectivamente $\frac{3}{4}$ de legua, $\frac{1}{8}$ de fardo e $\frac{3}{7}$ de arroba, Temos ahi, portanto, tres exemplos de multiplicação de fracção por inteiro.

Tomemos o primeiro exemplo

$$\frac{3}{4} \text{ de legua} \times 5$$

Ora, multiplicar $\frac{3}{4}$ de legua por 5 ou tomar 5 vezes $\frac{3}{4}$ de legua equivale a sommar cinco quantidades iguaes a $\frac{3}{4}$ de legua.

$$\text{Assim } \frac{3}{4} \text{ de legua} \times 5 = \frac{3}{4} + \frac{3}{4} + \frac{3}{4} + \frac{3}{4} + \frac{3}{4} = \frac{15}{4} \text{ de legua.}$$

O mesmo se verá nos demais exemplos. Donde se conclue que : *Para multiplicar uma fracção por um inteiro, conserva-se o denominador e multiplica-se o numerador pelo inteiro.*

Observação. — Costuma-se, na pratica, formular uma só regra para multiplicar fracção por inteiro ou inteiro por fracção, tomando-se indifferentemente o multiplicando pelo multiplicador e vice-versa. O facto não tem importancia quando se trata de aprendizado empirico. Num curso racional de arithmetica, porem, cada caso deve ser considerado áparte, porque um e outro são perfeitamente distinctos quanto á sua significação.

QUANTO PRODUZIRA', VENDIDO A PESO, O "O ESTADO DE S. PAULO" DESTE ANNO ?

(Problema de arithmetica)

A questão se reduz a saber o peso total do papel e o preço por que costumam comprá-lo na localidade. Obtidos estes dois elementos principaes, o calculo não passa de uma simples multiplicação.

Para calcular o peso total do papel é necessario, antes de tudo, saber o *peso medio* de cada numero, e isto se obtem dividindo o peso do jornal de varios dias pelo numero de exemplares que se pesarem. Então o producto do peso medio de cada numero pelos dias do anno dá o peso total do papel.

Quanto ao preço de venda, por kilo ou por arroba, podenrão os alumnos obtê-lo por informação nas casas commerciaes.

Observação. — Embora o problema só tenha valor como processo, todos os seus elementos devem ser reaes, e cuidadosamente examinados e avaliados pelos proprios alumnos.

Só assim poderá tornar-se factor da educação.

Esta observação é applicavel ao problema seguinte, e deveria ser applicavel a todos quanto se formulam nas escolas.

QUAL E' A CAPACIDADE DESTA GARRAFA ?

(Problema de arithmetica)

Propõe-se á classe determinar a capacidade de uma garrafa ou de um vidro qualquer vasio.

1. Como havemos de determinar a capacidade da garrafa? Directamente? Indirectamente, pelo conteúdo? (Discutir o assumpto com a classe).

2. *Pela medida directa do conteúdo.* Encher a garrafa de agua. Medir a quantidade de agua por meio de uma vasilha graduada.

3. *Pela medida indirecta do conteúdo.* Fazer a tara da garrafa. Encher a garrafa de agua. Pesar a garrafa cheia de agua. Calcular o peso da agua, pela differença entre o peso total e o peso da garrafa vasia. Converter em volume o peso da agua, pela equivalencia do gramma com o centimetro cubico. Converter o volume em capacidade, pela equivalencia do decimetro cubico com o litro.

4. Pelo mesmo processo determinar a capacidade de uma latinha ou de um vaso qualquer.

COLLECCIONAÇÃO DE INSECTOS

Prof. Antonio F. Proença

Inspector Geral de Ensino

A colleccionação de insectos tem tres fins principaes : formar no individuo o habito das pesquisas no seio da natureza, dar-lhe um idéa de constancia na variedade, isto é: as primeiras noções de classificação scientifica, e criar nelle o gosto esthetico. Todo o trabalho será então orientado por estes tres objectivos.

O professor dirá, com antecedencia, quaes os caracteres principaes dos insectos que se vão colleccionar. Guiados por estas indicações, os alumnos irão procurar os exemplares pedidos.

Os exemplares vivos serão encerrados em um vidro e, na ausencia dos alumnos, expostos á acção de um gaz venenoso.

A montagem será feita pelos proprios alumnos presidindo a tudo um certo espirito de ordem e uma certa dose de bom gosto.

Antes de ser montado, o exemplar será objecto de estudo. O professor chamará a attenção dos alumnos para os caracteres individuaes e genericos, levando-os a descobrirem semelhanças com outros individuos já estudados, e ao mesmo tempo os informará a respeito dos habitos do insecto, sua metamorphose, habitat, etc.

Só depois deste estudo será montado o exemplar. Para isto se adoptarão alfinetes, de preferencia envernizados, os quaes serão fixados em cartão branco. Os exemplares muito pequenos serão collados em um cartãozinho branco e neste se passará o alfinete. Junto de cada exemplar collar-se há uma etiqueta indicativa da data e do lugar onde foi apanhado e do seu nome vulgar, caso seja este conhecido.

Formar-se hão tres colleccões, em cartão uniformes: uma de coleópteros, outra de lepidópteros e a terceira de orthópteros.

Como auxilio aos professores damos em seguida os caracteres proprios de cada uma das tres ordens citadas.

Coleópteros. — Têm dois pares de asas. As asas anteriores (élytros), corneas, mesmo coriáceas, são impróprias para o vôo e formam um como estojo protector das asas posteriores. Dahi o nome destes insectos: *coleópteros* = *koleos* (estojo) + *pteron* (asa).

Quando voam, as asas anteriores separam-se, e as asas posteriores, membranosas, desdobram-se e produzem o vôo; em repouso, as asas posteriores ficam completamente occultas debaixo das outras, graças a uma dobra transversal que faz cair o extremo de cada uma dellas sobre a base e reduz o comprimento ao das asas anteriores.

E' a mais vasta ordem dos insectos, abrangendo cerca de cem mil especies todas differentes pelos habitos, pelo tamanho, pela forma e pelo colorido, mas apresentando semelhanças pela conformação geral. São muito conhecidos: os besouros, os vagalumes, as joaninhas, etc.

Encontram-se os coleópteros principalmente na primavera e no verão. Algumas especies devoram as plantas onde vivem, outras alimentam-se de excrementos, outras destróem os grãos armazenados nos celleiros (carunchos), algumas são aquáticas. Ha especies uteis.

Lepidópteros. — Vulgarmente conhecidos pelos nome de borboletas. Possuem quatro asas, recobertas de pequenissimas escamas. Dahi o nome: *lepidópteros* = *lepis,idos* (escama) + *pteron* (asa).

Esta ordem de insectos comprehende as borboletas diurnas, notaveis pela belleza e brilho das cores; as borboletas noturnas, de cores escuras e sombrias; as traças, pequenissimas borboletas de asas prateadas ou douradas. As borboletas diurnas pousam com as asas levantadas; as noturnas, com as asas distendidas ou abaixadas.

Orthópteros. — Vastissima ordem, comprehendendo mais de dez mil especies. A ella pertencem os grillos, os gafanhotos, os louva-a-Deus, as baratas, etc. Os insectos desta ordem têm as asas anteriores pergaminhadas, constituindo *semi-élytros*, e as posteriores, membranosas e dobradas longitudinalmente, como um leque. Disto provém o nome: *orthoptero* = *orthos* (direito) + *pteron* (asa).

Deixamos de dar indicação relativamente á conservação das collecções, visto como não se trata, no caso, de organização de museu, mas simplesmente de trabalho de classe, que deve ser annualmente renovado.

I N F O R M A Ç Õ E S

Circulares expedidas pela Directoria Geral da Instrução Publica

CIRCULAR N.º 58 — São Paulo 23 de Agosto de 1929.

Sr. Inspector.

Para regularidade do serviço de legalização de escolas particulares, os respectivos processos devem ser organizados pela seguinte forma :

a) o director ou responsável pelo estabelecimento a ser registado, ao fornecer ao Inspector a nota de que trata o art. 275, deverá fazê-lo por meio de officio de proprio punho ;

b) essa nota deverá ser acompanhada dos seguintes documentos :

1) provas de capacidade technica e moral do director ou responsável e de todos os professores do estabelecimento ;

2) provas de que o director ou responsável, professores e empregados não soffrem de molestia contagiosa ou repugnante ;

3) provas de que os professores de portuguezs são brasileiros ou portuguezes natos e de que são brasileiros natos os professores de Geographia e Historia do Brasil ;

c) o impresso a que se refere o § 1.º do art. 275 será o do modelo já enviado pela Directoria Geral ás inspectorias districtaes ; no verso do mesmo o director ou responsável pela escola deverá declarar que cumprirá todas as disposições legais constantes do mesmo ;

d) em sua informação, encaminhando o processo, o inspector dará das condições hygienicas do predio e prestará os seguintes esclarecimentos :

1) cursos que serão mantidos ;

2) sexos a que se destinam ;

3) data da installação da escola caso a mesma já esteja funcionando

Para uniformidade de criterio na classificação dos cursos convem considerar, como secundarios os cursos de commercio ; profissionaes, os de dactylographia e tachygraphia ; superiores, os de odontologia e pharmacia.

Todos os estabelecimentos de ensino particular, de quaesquer cursos, equiparados ou não, estão sujeitos ao registo nesta Directoria Geral (Lei n. 1750, art. 5.º), com excepção das escolas municipaes.

Aproveito a oportunidade para vos recommendar que os fechamentos, transferencias ou quaesquer modificações que se derem nas escolas particulares, deverão ser, por essa inspectoría, communicados á Directoria Geral, para as devidas annotações em seus assentamentos. — Attenciosas saudações. (a) Amadeu Mendes.

CIRCULAR N.º 59 — S. Paulo, 4 de Setembro de 1929.

Sr. Inspector Escolar ... Districto.

Communico-vos que continuam em vigor as recommendações constantes da circular n.º 23, de 7 de Abril de 1928, e que abaixo transcrevo :

Cóm o fim de facilitar e, ás vezes, tornar possível o estudo de papeis encaminhados a esta Directoria, rogo-vos que observeis e transmittaes aos auxiliares de inspecção e directores dos estabelecimentos desse Districto as instrucções seguintes :

1.º As informações — claras, completas e concisas — devem ser lançadas no verso do requerimento ou officio e occupar as linhas em toda a sua extensão, de sorte a não mais se dobrar a folha ao meio.

2.º Todos os papeis devem trazer, tambem no verso, a margem lateral em branco, mesmo que, por sua natureza, não precisem ser autuados.

3.º E' indispensavel que os pareceres obedeçam rigorosamente á ordem chronologica, isto é, que por sua successão os seguintes tenham assento nos anteriores, até despacho final.

4.º Para a desejavel simplificação, o papel, que passar pelas mãos de varias autoridades, deverá chegar á Directoria Geral desacompanhado de officio que o apresente. — Attenciosas saudações. (a) Amadeu Mendes.

CIRCULAR N.º 60 São Paulo, 5 de Setembro de 1929

Sr. Director do Grupo Escolar ... Capital.

Solicito vossas providencias no sentido de serem distribuidos entre os alumnos desse estabelecimento os numeros da "Gazeta", edição infantil, que a redacção vai remetter-vos dentro em breve. — Attenciosas saudações. (a) Amadeu Mendes.

CIRCULAR N. 61 — S. Paulo, 13 de Setembro de 1929.

Sr. Inspector Fiscal.

No caso de transferencia de alumnos da Escola Normal da Praça para as escolas normaes de tres annos, recommendo-vos que seja fielmente observada a disposição do art. 338 do Regulamento, na parte referente á idade minima exigida para matricula.

Assim, a transferencia daquella para esta escola só será permittida a alumna de 14, 15 e 16 annos, completos, respectivamente, para o 1.º, 2.º e 3.º annos do curso.

Esta exigencia deve ser observada não só em relação aos alumnos já matriculados como em relação aos candidatos á matricula em qualquer dos annos do curso. — Attenciosas saudações. (a) Amadeu Mendes.

Despacho de 29 de Agosto de 1929

Exonerações a pedido

Dr. Abilio Martins de Castro, do cargo de 2.º assistente da cadeira de Clinica Dermatologica e Syphiligraphica da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Dr. Almiro Pedreira, do cargo de lente substituto da cadeira de Aritmetica e Algebra do Gymnasio do Estado de Ribeirão Preto.

Por decreto de 29 do corrente foi nomeado o sr. Henrique Bakkruiist, para exercer o cargo de preparador da Secção de Zoologia do Museu Paulista.

Nomeações de adjuntas

D. Ursulina Ferreira, para o Grupo de Novo Horizonte.

D. Adelaide Pedroso, da escola mixta rural, do bairro do Jacu, em Ourinhos, para o da mesma cidade.

D. Ida Leite, da 3.ª mixta, das reunidas, urbanas, de Candido Rodrigues, em Taquaritinga, para o de Barretos.

Exoneração de adjunta

A pedido, d. Rosina Spicacci, de adjunta do Grupo de Barretos.

Dispensa de adjunta

D. Theophila de Souza, do Grupo de Novo Horizonte, por ter sido nomeada para reger escola isolada.

Revalidação de decreto

O de 1.º do corrente, na parte referente á remoção da professora d. Andréa da Silva Santos, adjunta do Grupo de Pirajuby, para igual cargo no Grupo de Ipaussu.

Nomeações de professoras

D. Aquilêa de Almeida, para a escola mixta, rural, da Fazenda São Felix, em Ribeirão Preto.

D. Catharina Maurno, para a mixta, rural, da Fazenda Pau Alto, em Ribeirão Preto.

D. Fantina Faria, para a mixta, rural, do Bairro da Fellippada, em Villa Americana.

D. Haydée de Moura, para a mixta 1.ª das reunidas, ruraes, da Fazenda Dumont, em Ribeirão Preto.

D. Maria Stella Sant'Anna, para a 1.ª mixta, das reunidas, ruraes de Serrote, em Piracicaba.

D. Nicêa Camargo, para a mixta, rural, da Fazenda Barão do Amaral, em São Manoel.

D. Stella Pinto dos Santos, para a mixta, rural, da Fazenda Santa Cruz, em Ituverava.

D. Zelia de Souza Alves para a 1.ª masculina das reunidas, urbanas, de Duartina, convertida em mixta por decreto desta data.

Designação de escola

A mixta, rural, de Irapuan, em Novo Horizonte, para continuação do exercício da professora d. Theophila de Souza, dispensada de adjunta do grupo da mesma cidade.

Nomeação de leigas

D. Adelaide Olivette dos Reis, interinamente para a escola, mixta, rural, do Bairro do Capão Rico (Monção), em Santa Barbara do Rio Pardo.

D. Maria do Carmo Santos, interinamente para a escola mixta, rural, do Bairro do Sobradinho, em Santa Cruz do Rio Pardo, transferida, por decreto desta data, para o Bairro da Agua dos Camillos, no mesmo municipio.

D. Sebastiana Costa, interinamente para a escola mixta, rural, do Bairro de Catas Altas, em Ribeira.

Snr. Godofredo de Oliveira Ribeiro, interinamente para a escola masculina urbana de Jaguaruy, (Itauna), Xiririca.

Remoção por necessidade do ensino

Affonso Fioravanti, da escola masculina das reunidas, ruraes, de Agua Santa, para a masculina das reunidas, ruraes, de Godinhos, ambas em Piracicaba.

D. Maria Augusta Morteiro, da 2.^a mixta, urbana, de Presidente Wenceslau, para a 3.^a mixta das reunidas, urbanas, de Pau d'Alho, em Salto Grande.

D. Maria Olyntha de Souza Aguiar, da mixta, rural, da Fazenda Agua Milagrosa, em Tabapuan, para o 2.^a mixta, das reunidas, urbanas, de Candido Rodrigues, em Taquaritinga.

D. Cirilindina Perira Sodéro, da 1.^a mixta, das reunidas, ruraes, de Serrrote, para a masculina, convertida em mixta por decreto desta data, das reunidas, ruraes, de Agua Santa, ambas em Piracicaba.

D. Otília Marques Teixeira, da mixta, rural, do Bairro de Serra d'Agua, em Rio Claro, para a masculina, urbana, de Iacanga, convertida em mixta por decreto desta data.

Decreto declarado sem efeito

O de 22 de Agosto do corrente anno, que removeu, a pedido, d. Josepha Gomes, da 3.^a escola mixta das reunidas, urbanas, de Nova Paulicéa, em Araraquara, para a 2.^a mixta das reunidas, ruraes, de Nova Louzã, em Espirito Santo do Pinhal.

Permutas autorizadas

Das professoras d.d. Dinorah de Oliveira Gentil, da 1.^a escola feminina das reunidas, urbanas de Gramma e Maria Alcides Bortolini, da 4.^a mixta das reunidas, urbanas, de Borborema.

Aposentadoria concedida

Ao professor Joaquim José do Nascimento, da escola masculina, urbana, das reunidas de Irapé, em Chavantes.

Despacho de 12 de Setembro de 1929

Nomeação de lentes

Bacharel Antonio Ferreira Cesarino Junior, para a cadeira de Historia Universal do Gymnasio do Estado, em Campinas.

Sr. Francisco Silveira Bueno, interinamente, a cadeira de Português e Calligraphia da Escola Normal da Capital.

Dispensa de comissão

Professor Theodoro de Moraes, director do Grupo Escolar "Luiz Leite", de Amparo, da comissão como inspector-fiscal da Escola Normal Livre da mesma cidade.

Exoneração a pedido, de lentes

Dr. Dagoberto Salles, lente da cadeira de Historia da Civilização, Historia do Brasil e Educação Civica da Escola Normal de S. Carlos.

Sr. Coriolano de Moraes Monteiro, lente da cadeira de Português e Calliphasia da Escola Normal de Pirassununga, visto ter sido nomeado para igual cargo da Escola Normal de Campinas.

Supressão e criação de classes em Grupos escolares.

Uma no Grupo de Itaporanga e criada uma suplementar no Grupo "Dr. Dino Bueno", em Santos e removida para regê-la a professora d Alice de Figueiredo, adjunta do Grupo de Joanopolis.

Expedição de 2.ª via de titulo

Do titulo de remoção do sr. Celimeno Avelino Appelt, professor da 2.ª escola de Villa Prudente na Capital, para o cargo de adjunto do Grupo de Villa Gomes Cardim, no mesmo municipio.

Nomeação de adjunta.

d. Anna Cyra Torres para o Grupo de Porto Feliz.

Remoção de adjuntos

Sr. Anthero Gomes Barroso, do de Cajuru, para o de Santo Antonio da Alegria.

D. Maria de Lourdes Rocha Frota, de do Santo Antonio da Alegria para o de Cajuru.

D. Joanna Hungria, do de Ipaussu, para o de Palmital.

Sr. Alcindo Soares Ferreira, do de Palmital, para o de Ipaussu.

Exoneração a pedido de adjunta

d. Zolina Freire, do Grupo de Santa Adelia.

Disponibilidade

Da professora d. Olinda Soares Martins, adjunta do Grupo de Porto Feliz.

Nomeação de professoras.

D. Andonida Telles Mendes, para a escola mixta, rural, do Bairro de St.º Antonio, em S. Miguel Archanjo.

Sr. Alvaro Ferreira Bueno, com exercicio na masculina de Villa Bertoga Alto da Moóca), nesta Capital, em commissão, para 2.º curso nocturno de alphabetização que funciona no Grupo Escolar do Pary.

D. Dulce Augusta de Figueiredo, para a mixta, rural, da Fazenda Desengano, em Batataes.

D. Elza de Camargo Penteado, para a 2.ª feminina das reunidas, ruraes, de Pouso Alegre de Baixo, em Jahu.

D. Ena Guariento, para a mixta, rural, da Estação de Grauna, em Rio Claro.

D. Estellita de Camargo, para a 3.ª masculina, convertida em mixta, das reunidas, ruraes, de Registro, em Iguape.

D. Isabel Dias, para a mixta rural, do Bairro Tevó, em St.ª Izabel.

Sr. José Benedicto de Aquino, para director das escolas reunidas, urbanas, de Silveiras.

D. Lazara de Moraes, para a mixta, rural, do Bairro da Areia Branca, em Monte Mór.

D. Maria Amelia Ribeiro, para a mixta, rural, do Bairro da Serra d' Agua, em Rio Claro,

D. Maria José Gonzalez, para a 2.ª mixta, rural, da Fazenda Santa Veridiana em Palmeiras.

D. Maria Odette Victorazzo, para a mixta, rural, do Bairro dos Telles, em Itapetininga, transferida por decreto desta data para o Bairro da Quaresma no mesmo municipio.

Sr. Mario Giraldi, para a masculina, rural, de Villa Ribeiro, em Jahu.

D. Martha Pereira, da 1.ª mixta, urbana, do Salto de Pirapóra, em Sorocaba, para a mixta, rural, de São João do Ipanema, em Campo Largo de Sorocaba.

D. Zilda Rocha Prado, para a 2.ª mixta das reunidas, urbanas, de Jaguary, em Mogy Mirim.

D. Dirce de Camargo Prestes para a mixta, rural, do Bairro do Antonio Henrique, em Tieté.

D. Maria Abbadia de Faria para a mixta rural, da Fazenda Barra Mansa, em Bofete.

D. Maria Aparecida de Camargo Prestes para a masculina, rural, do Bairro de Pederneiras, em Tieté, convertida em mixta.

D. Maria Nercinda Franco de Siquiera para a 1.ª mixta das reunidas, urbanas, de Marcondesia, em Cajoby; e

D. Yolanda Amaral Oliveira para a mixta, rural, da Fazenda Veremos, em Torrinha.

Designação de escola

A escola mixta, rural, do Bairro dos Bettegas, em S. Bernardo, localizada por decreto desta data, para exercicio da professora d. Maria Victoria Ferreira Conceição, que regia a mixta, rural, do Bairro do Baqueruvu-mirim, em Guarulhos, cujo funcionamento fica suspenso.

Nomeação de leigos.

- D. Alice Luporini, para a escola mixta, rural, da fazenda Morro Azul, em Limeira.
- D. Alvorinda Primo, para a jixta rural, da fazenda Agua Branca, Boituva, em Porto Feliz.
- D. Aracy de Avila, para a mixta, rural, da fazenda Santo Antonio, em Agudos.
- D. Benedicta Maria Valladão, para a mixta, rural, da fazenda Figueira, em Platina.
- D. Maria das Dores Costa, para a mixta, rural, da fazenda Colombo, Mirasol.
- D. Maria José de Lima, para a mixta, rural, do bairro de Paruru, em Una.
- D. Marieta da Conceição Franco, para a mixta, rural, da fazenda Barreiro, em Mogy Guassu.
- D. Palmyra Girão, para a mixta, rural, do bairro de Cabeceiras em Araraquara.
- Sr. José Francisco Alves, para a masculina rural da povoação de Anhumas em Pederneiras.
- Sr. Luiz Francisco da Silva, para a masculina, rural, da estação de Itatinguy, em Pederneiras.
- Sr. Sebastião Rodrigues Ferreira Funcial, para a masculina, rural, de Fazenda Serrado, em Agudos.
- Sr. Xerxes Ribeiro Boaventura, para a escola masculina rural, da Colonia Japonesa, de Agua Limpa, em Araçatuba.

Exoneração a pedido de professores.

- D. Eneida Gonzalez, da escola mixta, rural, da fazenda São Joaquim, Estação Toledo Fiza, em Pirajuy.
- D. Maria de Jesus Rocha Prado, da segunda mixta reunidas, urbanas, de Jaguary, em Mogy Mirim.
- Sr. Octavio de Albuquerque, da 2.^a masculina das reunidas, urbanas, de Quatá.

Exonerações por terem sido nomeados para outro cargo

- Por ter sido nomeado director de Grupo Escclar, o prof. José Benedicto de Aquido, da masculina das reunidas urbanas, de Silveiras.
- D. Adelaide Pedroso, da mixta, rural, do bairro do Jacu, em Ourinhos.
- D. Ida Leite, da 3.^a mixta, das reunidas, urbanas, de Candido Rodrigues, em Taquaritinga.

Dispensa a pedido de leigas

- D. Maria Jupyra Rocha, da regencia da escola mixta, rural, do bairro de Barra Grande, em Bauru.
- D. Abigail Rodrigues Payão, da mixta, rural, do bairro de Caputyrá, em Catanduva.
- D. Angelina Elvira Borin, da mixta, rural, do bairro de Cachoeirinha, em Bocayuva.
- D. Anna Morato, da mixta, rural, da fazenda Desengano, Batataes.
- D. Candida Garcia Prado, da mixta, rural, da fazenda Talhadinho, em Guayra.

D. Candida Salles, da mixta, rural, da fazenda Eduardo Hilst, em Bica de Pedra.

D. Helena Carneiro, da mixta, rural, do bairro do Lageado em Xirica.

D. Jacyra Torres de Toledo, da mixta, rural, da fazenda Sant'Iago Bilorio, em Bebedouro.

D. Lydia Garcia Ribeiro, da mixta, rural, do bairro dos Pereiras, em Fartura.

D. Maria Cruz Eboli, da mixta, rural, do bairro do Pinhal, em Bragança.

D. Nair de Moura, da mixta, rural, do bairro do Bom Retiro, em Angatuba.

Transferencia de escola

A mixta, rural, de Sete Lagoas, fazenda José de Souza, em Ituverava, regida pela leiga D. Yolanda Signorini, para a fazenda Santa Sophia, no mesmo municipio.

Despacho de 19 Setembro de 1929

Nomeação de inspector-fiscal

O professor Dario de Queiroz, adjunto do Grupo de São da Boa Vista, em comissão para a Escola Normal Livre, annexa ao Collegio N. S. do Carmo, de Guaratinguetá.

Nomeações de lentes

Sr. Luiz Augusto de Oliveira, encarregado do Gabinete de psychologia da Escola Normal de São Carlos, (addido), para professor de Mathematica e Logicidade da Escola Complementar annexa àquella Escola Normal.

Dr. Clovis Leite Ribeiro, para a cadeira de Literatura do Gymnasio do Estado, de Ribeirão Preto.

Dr. Almiro de Lima Pedreira, para a cadeira de Historia Natural do Gymnasio do Estado de Ribeirão Preto.

Professor Mario Correa Leite, a cadeira de Português do Gymnasio do Estado, de Ribeirão Preto.

Sr. Lourenço Roselino, para a cadeira de Chimica do Gymnasio do Estado, de Ribeirão Preto.

Sr. Malito de Luca, professor de Português e Educação Civica da Escola Profissional Mixta de Ribeirão Preto, em comissão, professor de Pedagogia e Didactica da Escola Normal Livre da mesma cidade.

Dispensa de comissão

Sr. Mario Correa Leite, da comissão como professor de Pedagogia e Didactica da Escola Normal Livre de Ribeirão Preto.

Remoção de Inspector-fiscal

Professor Collatino Fagundes, da Escola Normal Livre annexa ao Collegio de N. S. do Carmo, de Guaratinguetá, para Escola Normal Livre annexa ao Collegio de N. S. do Amparo, de Amparo.

Nomeação de professoras

D. Elvira de Almeida, para a 1.^a escola feminina, das reunidas, urbanas, de Tayuva, em Jaboticabal.

D. Déa Peixoto, para a mixta, rural, da Fazenda Bello Horizonte, em França, localizada por decreto de 12 de Janeiro de 1928.

D. Iracema Galia Pelaggi, para a 1.^a mixta, urbana, de Nova America em Itapolis.

D. Gloria Conceição, para a 1.^a mixta, rural, da Fazenda Bom Jesus, em Araras.

Nomeação de leigas

D. Alzira Rolim de Moura, para a mixta, rural, da Barra do Retiro, em Itapetininga.

D. Henriqueta Classen de Moura, para a mixta, rural, da Fazenda São José (Prainha) em Iguape.

D. Laura Marques, para a mixta, rural da Fazenda Tres Barras, transferida por decreto desta data, para a Fazenda Barro Preto, em Vargem Grande.

D. Olga de Carvalho, para a 2.^a mixta, rural, do Bairro da Areia Branca, em Amparo.

d. Maria José Rodrigues Fogaça, para a escola mixta, rural, do bairro do Porto, em Campo Largo de Sorocaba.

Transferencias de escolas

Mixta, rural, da fazenda Santa Angelica, Brotas, regida pela professora d. Myrthes Marques, para a fazenda São Bento, no mesmo municipio

Mixta, rural, da fazenda Bomfim, em Cravinhos, (vaga), para a fazenda São João, no mesmo municipio.

Exoneração a pedido de professora

Foi exonerada, a pedido, d. Ruth Escobar Gomes da 2.^a mixta, rural, da Usina, em Santa Barbara.

Dispensa de leigas

D. Benedicta de Barros Galvão, da escola mixta, rural, do bairro de Pedregulho (Fazenda Sitio Grande); em Ytu.

D. Carolina Silva Lorsi, da escola mixta, rural, da fazenda Rosaira, em Gramma.

D. Iracy Amaral de Souza, da escola mixta, rural, do bairro dos Coqueiros, (Mandury) em Piraju.

D. Jandyra do Amaral Cintra, da mixta, rural, do bairro do Campo Novo, em Bragança.

D. Joanna Rodrigues Borges, da mixta, rural, da fazenda Santa Isabel, em Jaboticabal.

D. Maria Aparecida Gouvêa, da 2.^a mixta, rural, da fazenda Agudo, em Orlandia.

D. Maria da Gloria Gouvêa, da 1.^a mixta, rural, da fazenda Agudo, em Orlandia.

D. Maria Joaquina Gouvêa, da mixta, rural, do bairro do Engenho da Serra, em Brodowski.

Remoção de professores

D. Luiza Assaf, interina, leiga da mixta, rural, do bairro do Porto, para a mixta, rural, do bairro do Rio Verde, ambas em Campo Largo de Sorocaba.

D. Maria Aparecida Louro, da segunda feminina das reunidas, urbanas, de Nova Europa, em Tabatinga, para a terceira, mixta, das reunidas, urbanas, de Candido Rodrigues, em Taquaritinga.

D. Nícia Vasques Lopes, da mixta, rural, da fazenda Santa Maria, para a mixta, rural, de Chapadinha ambas em Itapetininga.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

A "PINTO JUNIOR" — Revista de educação e ensino, órgão do Centro de Educação "Ruy Barbosa", mantido pelos alumnos da Escola Normal de Recife. Anno 1, numero 2. junho de 1929. De summario bastante variado, a revista em apreço publica interessantes trabalhos assignados por pedagogistas de renome e por alumnos da Escola Normal da metropole nortista.

Os planos de lição publicados pela "Pinto Junior" inspiram-se todos na orientação pedagogica que a missão technica paulista chefiada pelo professor José Escobar, vem brilhantemente imprimindo ao ensino no Estado de Pernambuco.

Varios "clichés" e desenhos, alliados a uma caprichosa impressão, concorrem para dar á novel revista, um bom aspecto materia

DIARIO DO NORTE — Temos recebido regularmente este bem feito jornal orgão dos interesses do "Norte" de São Paulo.

REPERTORIO AMERICANO — Semanario de cultura hispanica. São José Costa Rica. Recebemos os numeros 5 e 6 do tomo XIX. Dos Summarios dos numeros que temos presente destacam-se bons trabalhos firmados por nomes em evidencia nos meios cultos da America espanhola. José de Vasconcellos, Antonio Espuia, Haya de la Torre e outros, concorrem com a sua collaboração para tornar *Repertorio Americano*, uma revista de prestigio.

REVISTA ESCOLAE — Publicação mensal de educação e ensino Lisboa. Numeros 5, 6 e 7 do anno IX e correspondentes aos mezes de Maio, Junho e Julho do corrente anno

O VAGALUME — Anno II, numeros 14 e 5. Setembro de 1929. Orgão do "Collegio Santo Antonio e do Gymnasio Municipal de Limeira".

REVISTA DO 56.º DISTRICTO ESCOLAR — Anno I. Numero 17, de Setembro de 1929. O 1.º numero desta bem feita revista organizada e dirigida pelo nosso prezado collaborador Snr. prof. Faria Netto, inspector do 56.º districto e em homenagem á III Conferencia Nacional de Educação, recentemente reunida nesta Capital.

Publica excellentes trabalhos firmados pelo professores do 56.º districto escolar, alem de innumeradas gravuras illustrativas do texto.

CHILE — Anno 2.º, numero 15. Revista mensal do Consulado Chileno em S. Paulo. O presente numero traz a data de 18 de setembro que é a da Independencia Chilens.

BOLETIM DA INSTRUÇÃO PÚBLICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO — Fascículo correspondente aos meses de Julho, Agosto e dedicado á III Conferencia Nacional de Educação que em setembro p. passado esteve reunida nesta Capital. Seu director, prof. Leoni Kaseff firma trabalhos de valor. Guaraciaba Timotheo, Ruy Pinheiro, Amerino Wanick, Antonio Ribeiro de Castro, Abigail Cardoso Pinto, assignam collaboração interessante e que tornam o Boletim digno de leitura meditada. Alem da parte official e quadros estatisticas demonstrativos do progresso que faz o Estado fluminense no departamento da Instrução, numerosas gravuras justificam de maneira eloquente a affirmativa dos numeros.

SÃO PAULO MEDICO — Anno II. Vol. I. Numero 3. de Julho de 1929. Organão scientifico da classe medica paulista. Publicação mensal. Do sumario publicado no presente numero resaltam trabalhos assignados por nomes em evidencia no meio scientifico nacional.

BOLETIM DA AGRICULTURA — Publicação da Secretaria da Agricultura, Industria, Commercio, Viação e Obras Publicas do Estado da Bahia. Numeros de 1 a 12. Janeiro a Dezembro de 1927. Merecem attenção e estudo os trabalhos referentes ao 2.º Centenario da introdução do Caféiro no Brasil.

FOLHA ACADEMICA. — Anno II, numeros 29 e 30 de 8/15 de Agosto do corrente anno. Propriedade de estudantes e docentes brasileiros. Rio de Janeiro. Summario attraente.

A ESCOLA PRIMARIA. — Numeros 5 e 6 de Julho e Agosto do anno corrente. Anno XIII. *Summario*: — Missão pedagogica rio-grandense. A. Mello Franco — Claudio Manoel da Costa (conferencia). — Francisco Prisco — Alcoolismo (conferencia). — Dr. Pedro Pinto — Problema elementar de chimica. — Mestre-Escola — Tres palavrinhas. P. A. Pinto. — Miudezas de linguagem. — Nair M. de Vasconcellos — Pratica da Escola Activa. — Othello Reis — Educação do homem e do cidadão. — Geographia.

ESCOLAS PARA DEBEIS E ESCOLAS PARA ANORMAES

Funcionam actualmente no estado 1 escola para crianças debeis e 2 para anormaes.

A primeira dessas escolas, criada e inaugurada pela actual administração, acha-se installada junto ao G. Escolar "Prudente de Moraes", numa area magnifica do Jardim da Luz.

As escolas para anormaes, de natureza official, uma dellas e outra de iniciativa particular, funcionam respectivamente, numa dependencia do Hospicio de Juquery e annexa ao Gymnasio "Moura Santos" com a de nominação de *Instituto Sud Mennucci*.

O Exmo. Snr. dr. Fabio Barreto, Secretario do Interior, autorizou o Sr. dr. Amadeu Mendes, director geral da Instrução Publica, a installar uma escola para crianças anormaes no predio do Largo do Arouche, onde actualmente funciona a Inspeção Medico-Escolar.

O professor Norberto de Souza Pinto é o tecnico da Escola "Pacheco e Silva", do Hospicio de Juquery, bem como o incumbido da parte pedagogica do *Instituto Sud Mennucci*.

A escola para debeis está a cargo das professoras D. Hortencia Pereira Barreto e D. Esther Barroso Lintz.

V I S I T A S

No decorrer dos trabalhos da III Conferencia Nacional de Educação, reunida, nesta Capital, de 7 a 15 do mez p. findo, muitas e gratas foram as visitas recebidas nesta redacção. Não podemos, entretanto, deixar de destacar as com que nos honraram os Srs. Dr. Isaias Alvéz, da delegação bahiana; Prof. Corlumbo Ferreira, representante do Espirito Santo e Dr. Gustavo Capanema Filho, delegado do Estado de Minas.

Um chimico inglês metteu-se a calcular o que, chimicamente vale cada homem, chegando a este resultado: a graxa do corpo normalmente constituido daria para fabricar sete pedaços de sabão. Com o ferro do organismo poder-se-ia fabricar um prego de grossura media e com o assucar, adoçar uma chicara de café. O phosphoro produziria duas mil e duzentas cabeças de paus de phosphoros. Com o magnesio poder-se-ia tirar uma photographia. O potassio e o enxofre são em quantidade tão infima que não podem ser utilizados.

Avaliadas pelos preços correntes, essas differentes materias primas representam, aproximadamente, o valor de vinte e cinco francos. E' isso, é tal somma, o que, chimicamente, vale o corpo humano.

(De *O Estado de S. Paulo*).

RESPOSTAS A CONSULTAS

Sr. Professor José Cardoso - Annapolis, Estado de São Paulo. A dificuldade maior ou menor no apprendizado da leitura decorre da maior ou menor incapacidade no fixar imagens escriptas e relacioná-las convenientemente com a experiencia anterior, que é a propria mentalidade do alumno.

Para aquelles em cujo espirito se vão formando imagens bem distinctas e claras das sentenças traçadas pelo professor, no quadro negro, não lhes custará a reproducção, seja verbal, como na leitura; seja graphica, quando se solicita, em exercicios de escripta, que retratem, no papel, determinados conteudos mentaes.

E' uma tendencia nossa, innata, a de procurar realizar todas as imagens. A essa impulsão das imagens, que procuram exteriorizar-se, dá-se o nome de *poder motor das imagens*, poder que entra em larga dose nos phenomenos de imitação. Assim, quanto mais forte e nitida for a imagem, tanto mais facil e precisamente tende ella a se realizar. Pelo contrario, quanto mais apagadas e imperfeitas forem, o que indica certa fraqueza mental, o *poder motor* tanto mais fraco e insufficiente se mostrará.

Dahi a incapacidade notada, naturalmente nos menos bem formados de espirito, embora ás vezes as apparencias possam contradizer o assérto. E' evidente que, quanto mais imperfeita for a imagem, tanto mais incompleta será a sua reproducção.

O treino continuado, de bastantes dias, ou mezes, forçosamente melhorará a nitidez das imagens fixadas, bem como corrigirá alguma inadaptação motora que porventura haja. Ir-se hão desenvolvendo as condições geraes da attenção e, assim, claro é que será mais facil reproduzir as imagens.

O desenho anteriormente ensinado remediaria o phenomeno apontado. Uma vez, porém, que não houve ensino anterior dessa disciplina, o exercicio concomitante de tal materia, a lapis, no papel, ou talvez melhor, a giz, no quadro negro, é elemento valioso que se não pode nem deve descurar. Os caracteres escriptos precisam ser grandes, para esses discentes, quando recebem aula ou quando se exercitam na classe. Alem de caracteres grandes, os traços hão de ser amplos e firmes e lentos, quanto aos alumnos difficeis na escripta.

ATRAVÉS DE REVISTAS E JORNAES

Uma brilhante e efficiente revista do ensino paulista

É, indiscutivelmente, notorio que o scenario paulista, cada vez mais, collima a alta e patriótica finalidade de servir ás tradições intellectuaes desta unidade federativa do paiz.

Todo dia, vê-se, apparecerem, no scenario mental de São Paulo, contribuições valiosas que incidem na sua cultura especializada e geral.

No jornalismo, onde tem um lugar de destaque, pelo seu valor informativo, scientifico, politico, literario, industrial e commercial o "Correio Paulistano", nas revistas mais modestas, sente-se o empenho louvavel de se manter, no nosso ambiente, um espirito adiantado no tocante á educação do povo, que se faz através da imprensa e dos órgãos de publicidade das diversas classes sociais.

Por tudo isso, a revista "Educação", publicada, mensalmente, assume relevante importancia pelos seus fins, pelo objectivo util e efficiente que representa, com referencia aos aspectos de ensino, seu attributo essencial.

O saudoso poeta Castro Alves, tão cedo roubado á vida terrena, um dos expoentes mentaes da raça de seu tempo, já porfiava pela grandeza dos livros que, elle achava, deviam ser distribuidos *a mãos cheias*. Desse periodo até nós, a evolução, no campo aberto das letras, não tem soffrido intermittencias. Avançamos, ad-

miravelmente, para a obtenção de um lugar de destaque intellectual no immenso continente sul-americano.

O Brasil é, sem duvida, terra de formosas e brilhantes intelligencias.

Olhemos a figura saudosa de Euy, formidavel orador de Haya, provector advogado e jurista, tido e havido como a individualidade mais culta da America do Sul e convenhamos em que, na terra brasileira, se estuda, se produz e serve á humanidade com o missal sacratissimo da mentalidade.

"Educação", que conta com um corpo de collaboradores illustres e competentes, se impõe em qualquer sociedade na qual exista o pensamento de se engrandecer o ensino.

Os trabalhos, enfeixados na mesma, são dignos da melhor e mais carinhosa attenção pelo significado que envolvem.

Firmados por autores que se recommendam pelo seu intenso amor á educação nacional, e por outras personalidades que se dedicam ao grato "métier" de ler, observar e generalizar, por toda parte, conhecimentos valiosos, todos elles importam na boa intenção de servir ao nosso Estado.

A "Necessidade de Ordem"; "Organização do Trabalho Intellectual"; "A Mosca Domestica"; "O Escotismo" e demais assumptos versados na preciosa publicação interessam, sobremodo, a qualquer leitor que se dê á agradável tarefa de folhear o fasciculo 23.º, que é a que temos o

prazer de nos referir nestas linhas, repassadas de sinceridade.

Não somos entusiasta do que não tem merito; e este jornal, cujas responsabilidades são das maiores, pelas suas tradições no seio do jornalismo brasileiro, não traduz opinião que deixe de reflectir o espirito da verdade.

Applaudindo, por esta razão, a revista em apreço, sentimo-nos bem, pois que nada mais fazemos do que dar a Cesar o que é de Cesar.

Desejamos que a sua vida seja longa e que continue a prestar ao ensino publico os serviços de que é capaz.

Com isso, estará fazendo obra benemerita.

Estará servindo ao nosso querido Brasil.

Estará concorrendo para o maior renome de S. Paulo — AMPHILOPHIO MELLO — (Do *Correio Paulistano*).

Methodos de ensino

Os nossos professores devem ficar realmente atrapalhados com a apparição quasi diaria de um novo systema pedagogico destinado a revolucionar a humanidade. Mas frequentemente a novidade é velha de alguns seculos. "Plus ça change plus c'est la même chose". Quasi sempre é uma velha concepção que se renova ou se desenvolve, é um systema antigo que se remoça, é um principio de psychologia que se levanta em escola, é uma theoria multiseccular que se desenterra, é uma idéa antiquada que se exuma. Porque tudo é velhissimo neste mundo, o homem é sempre o mesmo homem e o mundo é sempre igualissimo, identico, inalteravel.

A unica cousa que neste assumpto o governo paulista poderia fazer de pratico e util seria, não mandar vir professores estrangeiros, como fez Minas, mas enviar todo anno alguns professores nossos a verem e observarem com os proprios olhos o que

se faz na Allemanha, nos Estados Unidos, na Argentina. Seria proveitosissimo.

Em materia de systemas pedagogicos o bom professor, intelligente, culto, que se aperfeiçoa todos os dias, esse constitue o melhor methodo de ensino.

Com qualquer methodo um bom professor tira os melhores resultados. Pode dizer-se: tal professor, tal escola. E não seria verdadeiro dizer-se: tal methodo, tal escola.

Ha 24 seculos atrás, Aristoteles, o grande pensador grego, foi chamado por Phillippe da Macedonia para ensinar o filho deste. E Aristoteles fez de seu discipulo o homem que foi Alexandre, o Grande. E' de notar-se que nesse tempo não existia nenhuma das escolas actuaes de pedagogia e já se faziam os homens mais completos.

Os genios aprendem no grande livro da natureza, aberto aos olhos que sabem lê-lo. A natureza é a grande mestra.

E' bem possivel que a pedagogia moderna não tenha attingido a perfeição dos gregos na formação harmonica da raça.

A Grecia antiga produziu o maior numero de grandes homens de que se orgulha a humanidade, teve os melhores poetas, philosophos, artistas, pensadores, sem conhecer nenhum dos methodos da pedagogia moderna. Os homens mais perfectos e completos do mundo foram os gregos.

Todo homem intelligente, de espirito aberto, sabe ensinar a outro homem intelligente. Qualquer methodo serve contanto que o professor saiba provocar o interesse do alumno e prender-lhe a attenção. Quando um quer ensinar e o outro quer aprender, tudo acaba bem. Porque o essencial no mundo é que quem quer aprender tenha todos os seus sentidos attentos e esteja com todas as suas faculdades intellectuaes em actividade.

O melhor methodo, em summa, deve ser um eclectico que reuna as qualidades contidas nos differentes systemas, cada um dos quaes deve conter uma verdade parcial, indevidamente generalizada e erigida em systema.

A Allemanha e os Estados Unidos devem ser hoje os melhores laboratorios de sciencia e experiencia pedagogica. E' lá que os professores paulistas devem ir renovar-se, mandados pelo governo.

Renovar-se, renovar-se ou perecer. Tudo quanto não se renova e aperfeiçoa — torna-se antiquado, não evoluindo.

A simples leitura de livros não basta para se compreender em conjunto e em detalhes tudo quanto se realiza hoje na pedagogia americana e allemã, e é indispensavel, para que não impere a rotina na pedagogia paulista, que os nossos professores vão lá ver com os proprios olhos a evolução que se realiza nesses paizes e tirar as lições aproveitaveis ao novo meio.

O melhor ensino é aquelle que forma homens mais completos.

Diz Montaigne que os tres homens que elle entendia poderem se julgar maiores, mais perfeitos, mais amplos, foram Homero, o poeta; Alexandre, o Grande, imperador da Macedonia; e Epaminondas, general thebano que nasceu em 411 antes de Christo e viveu até 362 da mesma era. E para Montaigne, foi Epaminondas o maior 'de todos. Sobre elle diz Montaigne: 'Os gregos fizeram-lhe esta honra, sem contestação, de o considerarem o primeiro homem entre elles: mas ser o primeiro da Grecia é facilmente ser o primeiro do mundo'.

Porque parece que o fim ultimo da pedagogia é formar os mais completos e perfeitos exemplares de criaturas humanas, sob todos os pontos de vista, tanto physica como intellectualmente.

Durante longos seculos a pedagogia consistiu em deformar a criatura hu-

mana exercitando em demasia o cerebro, sem cogitar do physico, não só desprezado, mas sacrificado pelo excessivo trabalho dado á mente.

A verdadeira pedagogia deve ver que o corpo e o espirito se desenvolvam harmonicamente como um todo. — MARIO PINTO SERVA (De *O Journal do Commercio*, Rio).

Pictus Orbis

O mundo reproduzido pelas imagens, a nosso gosto é a qualquer instante que deslumbramento! A imagem na sua extensão integral de luz, de côr, de som, de movimento. "Pictus orbis" é o título do livro de Comenius de que Fernando de Azevedo nos deu um transumpto... luminoso nos "Jardins de Sallustio".

Naturalmente a imagem visual é dominadora conforme o conceito classico de Quintiliano. Em chronica recente E'mile Vuillermoz referia uma estatistica em França que dava 80 visuaes para 20 auditivos.

E' a contraprova. Ora, a imagem visual na sua integridade, ao menos na hora presente, é obtida pela cinematographia.

O cinema apresenta tres aspectos dominadores: arte, diversão e educação. A feição artistica consiste em o considerar arte pura, absoluta, que se poderia até chamar a metaphysica do cinema... E' á que se prende Charles Chaplin e seus adeptos, entre nós, os corajosos do "Fan", o original periodico que pouca gente conhece.

Em seu ultimo numero o sr. Octavio de Faria em um artigo que é o credo do cinema puro, com segurança de meditação e documento, faz o processo integral da palavra. A seu vêr a palavra falliu porque tornou-se impotente para exprimir os sentimentos do homem, attendendo á sua necessidade de inter-communicação. Por outro lado, a insinceri-

dade e o irrespeito com que ella foi utilizada, despiram-na da majestade primitiva.

E além disso, a diversidade da vida contemporanea vertiginosa e multiforme, a exigir novos meios de expressão. Dahi o cinema surgir com toda a força de sua imponente expressividade. E como arte bastar-se a si mesmo. Porque a palavra deve ser para elle, elemento parasita, como o é na musica, o canto.

A these seductora e até certo ponto original é exacta, acepilhada de seu tanto de exaggero. Realmente a legenda deve ser elemento dispensavel no film. O seu proprio rythmo, ha de dar a impressão successiva e coordenada de que a palavra se incumba. E basta lembrar a "Symphonia da Metropole — Berlim", que o genio de Ruthman realizou.

A these para ser completa, no seu epinioio da imagem, conviria não excluir o relevo e a polychromia.

Porque, ainda lembrava ha pouco, Afranio Peixoto, em chronica scintillante. O branco e preto da tela é o artificio que os saes de prata, "a lua cornea" permittiam.

*

Em relação ao feitiço recreativo do cinema, que é essencial, há que comparar com o livro e o theatro. Um e outro, para a grande massa, valem menos como motivo de arte do que de diversão. E muitas vezes aquelle é subjugado por este. O exemplo de Eça de Queiroz não será suggestivo?

Entretanto obras primas de arte, falham quando transplantadas á apreciação geral.

Mas, os dois aspectos, no livro, no theatro, como no cinema, devem co-existir. Assim todo o fim, qualquer que seja a sua natureza, tem de ser: *artístico e agradável*.

*

Resta pois a feição educativa do cinema. Já passou a época de se di-

zer o rol de banalidades a respeito. O cinema é util. O cinema deve ser empregado. E' preciso ter cuidado com o cinema...

O momento já é de acção. E' opportuno. Por toda a parte o cinema educativo está sendo encarado pelo seu lado de utilização immediata, culminando na fundação pelo governo da Italia do Instituto Internacional do Cinematographo Educativo sob os auspicios da Liga das Nações. Num dos numeros dessa excellente revista, encontra-se um artigo do Sr. Thos E. Finegan, presidente da Eastman Teaching Films Inco., expondo uma experiencia que talvez seja a maior dentre as que já se tentaram em materia de educação. Em doze cidades de todas as regiões dos Estados Unidos 11.000 creanças foram submettidas, de baixo das mesmas condições, ao ensino de geographia e de conhecimentos geraes em dois grupos: um, com auxilio do cinema; outro, sem elle. Submettidos depois a uma prova de tests, os resultados deram mais de 100 % de efficiencia ás creanças do primeiro grupo.

Entre nós, a Exposição de Cinematographia Educativa, ha pouco realzada, sob a direcção de um velho amigo deste meic de educação e de cultura, foi o primeiro passo para a sua applicação no Brasil.

*

A questão apresenta duas faces: o aparelho e o film. A do aparelho sob o ponto de vista escolar parece resolvida. Breve a formidavel Fabrica Zeiss Icon de Dresden deve lançar ao mercado um typo de aparelho que pelas condições de preço, facilidade de manejo e transportabilidade será um typo excellente para as escolas, além de alguns outros já accessiveis e corhecidos.

O film apresenta difficuldades mais serias. Todas as iniciativas de até hoje, têm sido isoladas e realizadas unilateralmente quasi. Das collec-

ções organizadas, a mais bem feita é a da Cruz Vermelha para o intercâmbio entre todos os povos da terra porque a todos ella leva a sua acção de incomparavel benemerencia. E já apresenta boa quantidade de films educativos, embora dentro dos limites de seu âmbito largo. As demais collecções sejam os da Devry School Films Inco., ou da Kultur Film, ou a pequena collecção de assumptos brasileiros do Museu Commercial, que a Sub-Directoria Technica da Instrucção Publica ajustou ao seu programma, a todos elles falta qual-quer coisa para que se possa dizer que correspondem definitivamente á sua finalidade.

*

Em um folheto publicado por "Les Presses Universitaires de France" que o Museu Pedagogico de Paris distribue, encontra-se a questão do film educativo, reduzida a seus termos exactos.

1.º O film de ensino deve ser adaptado ao ensino, isto é, o film não é e não pôde substituir uma lição e deve ser feito em collaboraçã pelo educador e pelo cineasta.

2.º O cinema deve ser cinema, isto é, só deve ser utilizado para aquillo em que o movimento seja factor essencial.

Basta dizer que 10 metros de film que ficam na tela 30 segundos custam, em França, cerca de 40 frs. Ora, para aquillo que possa ser mostrado em projecção fixa, esta deve ser preferida.

3.º É o custo do film que domina o problema. Dahi a necessidade de collocar o maior numero possível de copias afim de diminuir o preço unitario. Evidentemente.

4.º A economia não deve ser obtida no formato.

O formato normal de 35 mm. Standard deve ser mantido.

5.º O film tem de ser curto. Por isso se deve sacrificar:

a) tudo que não tenha nenhuma relação com o ensino;

b) tudo que é do dominio da palavra;

c) tudo que pode ser apresentado pela imagem fixa;

d) tudo que pode ser mostrado ao natural. Assim um film educativo não excederá de duzentos metros.

Sob a direcção geral destes preceitos foi apresentado o ante-projecto de uma filmotheca, elementar, abrangendo 81 pelliculas.

No Brasil poder-se-ia iniciar o movimento dando execução á idéa lançada pelo professor Jonathas Serrano de uma serie chorographica nacional, em que collaborassem harmonicamente o cineasta, o educador e o especialista.

Dahi se poderia ampliar aos varios aspectos da civilização brasileira. E seria mesmo, um traço de união entre os varios patricios desta patria immensa.

O film sonoro tambem tem seu papel de destaque nesta obra. Afranio Peixoto nos contava ha dias o sonho commovido de Dumas e nos relatava dois films falados que ouvira na Fabrica Gaumont em La Villette, sobre Physica do prof. Lemoine e de Medicina.

Aliás sobre este aspecto, os amigos do "Fan" estão de accordo com o cinema sonoro...

*

Com os recursos que apresentam e que crescem dia a dia em possibilidades, o cinema pode, deve e ha de ser empregado, dentro dos preceitos já aqui esboçados em todos os dominios da cultura humana.

Até na mathematica acaba de ser utilizado, no "Arts et Métiers" de Paris em curso de Geometria e Geometria Descritiva por A. Sainte-Lagne.

Em Astronomia, em Sciencias Physicas, o seu dominio é mais restricto, porque, elle não deve substituir nun-

ca a observação e a experiencia que, excepto no seu aspecto eschematico, com desenhos animados, custam aliás muito menos.

Na Geographia e nas Sciencias Naturaes é onde a sua utilização se apresenta em toda a pujança de seu poder inegalavel. Utilizando o cinema lento ou accelerado, apanham aspectos da vida de plantas e animaes difficeis de serem submettidos a inspecção directa, apresentando phenomenos cuja observação, é penosa ou difficil, eschematizando como lembrou o prof. Werneck, a geração dos systemas crystallinos e assim por deante.

Em historia, o seu emprego ao contrario do que possa parecer, deve ser discreto. Embora a technica americana tenha chegado a requinte de restauração, conforme pensa autoridade insuspeita, o prof. Jonathas Serrano, o film valerá para apresentar os lugares como estão hoje, onde se passaram os grandes acontecimentos historicos, porque, por mais exactas que pretendam ser estas evocações, fica sempre uma larga margem para aquillo que foi impossivel reproduzir com veracidade das épocas passadas. Basta lembrar as deformações a que estão sujeitos muitos livros transpostos ao cinema.

O film historico, este sim, será dagora por diante, dos acontecimentos que a camera puder fixar.

O cinema, na educação contemporanea, não é, não ha de ser, não deve ser, não pode ser panacéa. E', ha de ser, deve ser, pode ser um optimo auxiliar a concorrer com todos os demais. O livro, a exposição oral, o trabalho escripto, a excursão, as observações directas, as experiencias individuaes e collectivas, os problemas de reflexão ou numericos, as applicações, tudo, tem o seu lugar e o seu momento. Passada a phase encantadora em que o cinema surge como novo meio opulento na riqueza de suas possibilidades, elle passará no curso normal das coisas, a ser o

que é o livro, o que são os apparatus o que tudo representa neste aproveitamento que a educação vai fazendo de todas as conquistas da arte e da sciencia para transformar, com mais verdade, com mais encanto, com mais amor, as gerações que surgem, dia a dia, neste "éternel retour". — PROF. FRANCISCO VENANCIO FILHO — Da A. B. E. (De A Ordem — Rio).

O civismo e a saude da nossa raça

No desfile de hontem, na avenida Paulista, tomaram parte 6.300 rapazes das nossas linhas de tiro e 15.000 atletas, vindos de 70 municipios do Estado, além de cerca de 25.000 escoteiros. O garbo com que elles marchavam, a saude vigorosa que se lia nos seus semblantes, o entusiasmo que todos denunciavam valeram por um espectáculo inesquecivel e de que sempre se recordarão com jubilo patriotico quantos tiveram a grata oportunidade de assisti-lo.

A parada dos nossos atiradores, atletas e escoteiros veio, sobretudo, evidenciar o carinho com que São Paulo cuida da educação civica de sua mocidade, ensinando-lhe, nos stadiums, onde ella adextra os musculos para a defesa do Brasil, a ter sempre viva no pensamento a imagem da grande e gloriosa patria commum. Na brilhante e gallarda mocidade de nossa terra tem a nação uma das mais poderosas reservas de sua energia e um dos elementos mais efficientes da sua segurança, um dos esteios mais fortes do seu inquebrantavel espirito de unidade e de sua integridade, inviolavel.

Ella não faltará nunca ao appello do Brasil. Porque é para servi-lo, para fazê-lo respeitado, para defendê-lo, em summa, que ella está sendo educada, com o maior carinho, com o maior zelo, com a maior solicitude. — (Do Correio Paulistano).

Liga internacional pela educação nova

Publicámos hontem uma resenha dos trabalhos da quinta reunião da Liga Internacional pela Educação Nova, que propugna a instituição de escolas em que o ensino seja não intellectualista como em geral, mas procure exaltar a personalidade da criança, tornando-a mais apta ao serviço social. Os que leram esse breve relato decerto que se perguntaram se o ensino dos nossos Estados mais progressistas não estará livre da pecha de intellectualista e se não se aproxima de um typo intermedio entre a escola classica e a escola nova? Parece que não se enganaram.

Pelo menos, é essa a impressão que nesta Capital manifestou o professor Leon Walther, pedagogista notavel, membro do Instituto J. J. Rousseau, de Genebra, que acaba de visitar os nossos estabelecimentos, depois de longo estagio em Minas Geraes. De volta agora para a Europa, a bordo do "Ipanema", o distincto educador passou por Victoria, no Espirito Santo, onde, entrevistado por uma folha local, ratificou os conceitos qui emittidos. São suas as seguintes palavras:

"Os methodos mais modernos de ensino estão sendo postos em pratica no Brasil, com uma intelligencia e uma capacidade admiraveis. A escola nova a que a sciencia fornece todos os resultados das suas conquistas, nos laboratorios e no campo experimental, pode-se dizer que está victoriosa no Brasil. Quer quanto ao ensino primario, quer quanto ao secundario, o vosso paiz apresenta uma organização que honra as mais cultas collectividades. Empenhado como se acha agora em introduzir nesse complexo mecanismo os recursos da moderna pedagogia posso dizer que o Brasil resolverá definitivamente, dentro de poucos annos mais, o problema do ensino.

— A Suissa, a Belgica, a Austria, a Tcheque-Slovania, possuem organizações de ensino modernissimas, mas a Escola Activa propriamente dita ainda não está officializada. Em nenhum paiz europeu a Escola Activa está sendo encarada com a orientação brasileira nem offerece as condições de praticabilidade e de eficiencia que se nota aqui. O Instituto J. J. Rousseau, como sabe, é o principal foco irradiador da educação nova, baseada na pedagogia scientifica, do velho mundo.

— E acha que a escola activa resolve o problema da educação do homem moderno?

— Sem duvida. Baseada, como é na sciencia e na vida, não pôde deixar de realizar, integralmente, a sua radiosa finalidade. Principalmente no Brasil em que está sendo realizada com uma tão arguta intelligencia e um tão grande e contagiante patriotismo". — (De *O Estado de S. Paulo*).

Festa Cívica

Hontem a cidade, celebrando a data maxima da nacionalidade, apresentou um aspecto invulgar. Bandeiras, tropas desfilando, cortejos de atletas sadios e bravos, escoteiros annunciando a chegada de uma nova e altiva geração de fortes, dobrados festivos, clarins, tambores, povo, tudo emprestou uma belleza empolgante á cidade magnifica, sobre a qual um sol claro e alegre contribuiu para tornar mais animada e mais bella.

A data 7 de Setembro não podia ter maior animação e despertar maior entusiasmo. O povo integrou-se, festivo e contente, na commemoração, incorporando-se aos festejos officiaes, dando-lhes a alegria de sua adesão espontanea e patriotica.

Esse fervor que anima a alma dos paulistas á evocação das grandes festas brasileiras indica bem a sensação de bem-estar e de satisfação em

que vive e demonstra o seu alto civismo. O espectáculo que offereceu S. Paulo hontem foi simplesmente empolgante.

Raramente se notou tanto enthusiasmo, tanta animação e tanto regosijo. A vista de espectáculos como esse, nosso patriotismo se conforta e cresce sempre mais nessa certeza no Brasil de amanhã, sempre mais forte, mais prestigioso e maior. — (Do *Correio Paulistano*).

A instrução e sua influencia na vida dos campos

Communica-nos o Departamento de Publicidade da Sociedade Rural Brasileira:

E' notório como se accentua, em diversos paizes e no nosso, principalmente, o exodo de habitantes do campo para as cidades.

São em sua maioria moços que procuram os centros urbanos, aborrecidos com a monotonia que lhes offerece a vida dos campos. E são também, em sua maioria, analfabetos ou leigos em technica agricola.

Eis ahi, pois, mais um importantissimo factor a reclamar a installação de escolas ruraes, de capatazes e mestres de cultura, em todo o interior do nosso immenso paiz.

Um homem que conheça os mysterios da natureza, ainda que superficialmente, é um apaixonado pela agricultura e pelos campos, onde poderá saciar a natural curiosidade que os seus conhecimentos lhe despertam pela terra e seus productos.

Não veremos um agronomo ou um veterinario recusar a vida nas fazendas, por aborrecida. E por que? Porque elle sabe distrair-se, estudando e praticando nas produções e criações. Porque cada vez mais familiarizado com os afazeres ruraes, augmenta os seus conhecimentos, a sua curiosidade e cria até amor pela terra que estuda.

Promovamos, pois a diffusão de escolas por todos os pontos do paiz prin-

cipalmente por sermos um paiz essencialmente agricola, em que tudo devemos esperar da terra.

Congregai-vos, brasileiros, e lançai-vos na santa cruzada de nossa elevação intellectual, que nos servirá, hoje e sempre, em todos os campos, para enaltecer o nome do nosso paiz e nos trará ainda o progresso material, baseado na produção do nosso solo.

A Sociedade Rural Brasileira possui um magnifico projecto nesse sentido, que exporá aos interessados, muito especialmente aos prefeitos e administradores de municipios do interior do nosso e de outros Estados brasileiros, que são os que de preferencia devem dar o seu apoio a iniciativas desta natureza. — (Do *Diario de São Paulo*).

Estatutos da Liga de Bondade do Grupo Escolar de São João da Bocaina

DA DENOMINAÇÃO, FINS E SEDE DA ASSOCIAÇÃO

Artigo 1.º — Com a denominação de "Liga de Bondade" fica criada neste grupo escolar, onde terá a sua sede, uma associação escolar, cujo fim é desenvolver no espirito da criança o amor da bondade para tudo o que vive, ensinar-lhe o horror da violencia e da mentira, a belleza da misericordia e, ao mesmo tempo, todas as virtudes que formam o caracter, tendo por lemma: — bondade, justiça e piedade — para com toda a criatura viva, inoffensiva, humana ou animal.

Art. 2.º — E' facultativo aos alumnos a sua inscripção como socios da "Liga de Bondade".

Art. 3.º — E' illimitado o numero de socios, podendo aderir á mesma: alumnos de outras escolas, os que completarem o curso deste anno e os que deixarem o estabelecimento, a pedido.

DA ADMINISTRAÇÃO E FUNCIONAMENTO

Art. 4.º — A “Liga de Bondade” é administrada por uma directoria composta:

de um director geral, que será o director do grupo;

de um secretario, que será o adjunto mais velho do estabelecimento;

de uma commissão fiscal, que será composta de todos os adjuntos;

de thesoureiros.

Art. 5.º — Os thesoureiros, em numero de um por classe, serão eleitos por maioria absoluta de votos entre os melhores alumnos de cada classe.

OS SOCIOS E SEUS DEVERES

Art. 6.º — Os socios da “Liga de Bondade” podem ser contribuintes e benemeritos.

§ 1.º — São contribuintes os que pagarem a mensalidade de \$500.

§ 2.º — Benemeritos, os que praticarem algum acto de reconhecido valor moral ou que doarem á Caixa da “Liga de Bondade” 50\$000, de uma só vez.

Art. 7.º — Os socios da “Liga de Bondade” são convidados a não deixar passar e a procurar na escola ou fora da escola, todas as occasiões de intervirem em favor de tudo quanto vive ou soffre ou possa ter necessidade de auxilio.

Art. 8.º — Os membros da “Liga de Bondade” compromettem-se a não mentir e a proceder sempre com a maxima lealdade e correcção em suas mutuas relações.

Art. 9.º — Uma caixa collocada na sala de aula recebe, não só a mensalidade dos socios, guardada alli pelo thesoureiro, como tambem bilhetes e communicações sem assignaturas em que, da maneira mais simples, são referidos os actos de bondade praticados por seus membros.

§ Unico — Esses actos, classificados pelo professor, segundo o interesse que apresentam, são commentados á hora da lição de moral.

DO PATRIMONIO E SUA APLICACÃO

Art. 10.º — O patrimonio será constituído:

a) pela contribuição paga pelos socios;

b) pelos donativos feitos á “Liga”.

Art. 11.º — Constituem despesa para a “Liga”:

a) a importancia, em cada semestre, de 200\$000, dada em dois premios de 100\$000 ao melhor alumno e á melhor alumna do grupo escolar. Esse premio será depositado no Banco Paulista como começo de um peculio, e só poderá ser retirado quando a criança alcançar a maioridade.

b) tudo quanto visar o embellezamento e maior commodidade dos associados em sua séde.

DAS ATTRIBUIÇÕES DA DIRECTORIA

Art. 12.º — Ao director geral compete:

a) dirigir com o maior criterio a associação;

b) dar todas as declarações dos negocios da “Liga” ao secretario;

c) aconselhar os socios quando não procederem de accordo com o fins da “Liga”;

d) Receber mensalmente as caixas, distribuir a correspondencia, effectuar as despesas da “Liga”, depositando o dinheiro restante no Banco Paulista.

Art. 13.º — Compete ao secretario:

a) fazer toda a escripta da “Liga”, deixando os livros de escripturação da “Bibliotheca” do grupo.

Art. 14.º — Compete aos thesoureiros:

a) fazerem as arrecadações das mensalidades, escripturando-as em livro proprio.

Art. 15.º — Compete á commissão fiscal:

Continuamente verificar todos os livros de escripturação, não só os deixados na "Bibliotheca" do grupo, como também os da sala de aula, pedindo explicações ao secretario de qualquer irregularidade observada.

DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 16.º — Terão seus retratos publicados em jornaes e nos albums da "Liga" todos os alumnos que receberem o premio semestral e os eleitos thesoureiros.

Art. 17.º — Este regulamento entrará em vigor na data de sua publicação.

REGIMENTO INTERNO

Os socios da "Liga" usarão um distinctivo.

Para ser admittido na "Liga" é preciso observar á risca os seguintes artigos:

Artigo I — Deve evitar:

- a) a preguiça;
- b) os movimentos de colera;
- c) andar á tôa pelas ruas;
- d) os termos de calão e as palavras grosseiras;
- e) as zombarias;
- f) as más companhias.

Artigo II — E' obrigado:

- a) a respeitar a propriedade alheia;
- b) a obedecer aos paes e superiores;
- c) a respeitar os mortos e a dor alheia;

d) a ser economico, modesto e asseiado;

e) a ser assiduo e vir ao grupo uniformizado;

f) a proteger as crianças e os velhos;

g) a ser carinhoso;

h) a ter comportamento exemplar em toda a parte;

i) a evitar a inacção;

j) a não ter inveja;

k) a saber perdoar.

Artigo III — a) não pode mentir;

b) não pode affirmar factos com juramentos;

c) não pode ser intrigante;

d) não pode ser covarde;

e) não pode ter desmazelo no que lhe pertence;

f) não pode denunciar qualquer pessoa.

Artigo IV — a) Deve ser poido;

b) deve ser corajoso;

c) deve ter methodo na vida;

d) deve ter firmeza de caracter;

e) deve ter força de vontade;

f) deve aperfeiçoar cada dia seus trabalhos;

g) deve praticar boas acções;

h) deve estar sempre alegre;

i) deve evitar a superstição;

j) deve dar as suas lições em voz alta;

k) deve evitar os desgostos na classe;

l) deve praticar, cada dia, ao menos uma boa acção.

PENAS

Artigo V — Os socios da "Liga" estão sujeitos ás seguintes penas:

§ 1 — A falta de observancia do artigo I importa na privação do distinctivo por 10 dias.

§ 2 — A falta de observancia do artigo II importa na privação do distintivo por 20 dias.

§ 3 — A falta de observancia do artigo III importa na privação do distintivo por 30 dias.

§ 4 — Os reincidentes serão expulsos da "Liga", e, perante todos os associados, ser-lhe há tirado o distintivo.

da "Liga de Bondade" e para isso prometto corrigir-me e observar todos os artigos do regulamento, ser leal e generoso, amar a minha Patria e servi-la fielmente. — (Fulano de tal).

S. João da Bocaina, 20 de Julho de 1929.

GABRIEL PINTO DE FARIA
Director Geral

TERMO DE COMPROMISSO

Desejo ardentemente fazer parte (Do São João da Bocaina).

POPULAÇÃO DO BRASIL

Segundo os dados estatísticos publicados pelo Instituto de Expansão Commercial é a seguinte a população actual do Brasil, dividida por Estados:

Minas Geraes	7.257.799	habitantes
São Paulo	6.175.685	"
Bahia	4.041.549	"
Rio Grande do Sul..	2.864.629	"
Pernambuco	2.783.043	"
Estado do Rio	1.944.680	"
Ceará	1.590.003	"
Districto Federal	1.431.688	"
Pará	1.375.845	"
Parahyba	1.277.652	"
Alagoás	1.164.654	"
Maranhão	1.108.601	"
Paraná	938.281	"
Santa Catharina	913.553	"
Piauhy	785.193	"
Rio Grande do Norte	714.069	"
Goyaz	687.453	"
Espirito Santo	635.780	"
Sergipe	539.890	"
Amazonas	425.593	"
Matto Grosso	336.991	"
Territorio do Acre	111.220	"

Total 39.103.855 habitantes

Os 51 municípios do Estado em que **EDUCAÇÃO** conta maior numero de assignantes:

CAPITAL	542	Espirito Santo do Pinhal	28
Campinas	156	Tatuihy	27
Piracicaba	139	Olympia	26
Ribeirão Preto	88	Itapolis	26
Itapetininga	74	São Manoel	26
Araraquara	69	Bragança	24
Sorocaba	67	Ibitinga	23
Guaratinguetá	59	Santo Amaro	23
São Carlos	57	Lins	22
Mogy das Cruzes	57	Bariry	22
Botucatu	54	Angatuba	22
Rio Claro	53	Cruzeiro	22
Jahu	53	Iguape	21
Amparo	45	Xiririca	20
Franca	44	Caçapava	20
São Bernardo	42	Capivary	19
Casa Branca	40	S. Simão	18
Limeira	40	Monte Alto	17
São João da Boa Vista	38	Jacarehy	17
Jundiahy	37	Cachoeira	17
Jaboticabal	32	Itu	17
Pindamonhangaba	31	Tietê	17
Baurú	31	Mocóca	17
Taubaté	30	Porto Feliz	17
Mogy Mirim	29	Mogy Guassú	17
Pirassununga	28		

* * *

A Revista Escolar foi publicada de Janeiro de 1927. A colleção tem 33 fasciculos.

Educação começou a apparecer em 1927, e saído regularmente, em edições mensaes vendem-se a 2\$000 cada um.

Pedidos sempre endereçados para

Redacção de

Travessa da Boa



A.
M.
Terr.

T.